

ADRIANO HENRIQUES

**O BRASIL COM Z: REPRESENTAÇÕES DE BRASIL EM ALGUNS
PROCESSOS ENUNCIATIVOS ESTADUNIDENSES**

ILEEL – UFU
UBERLÂNDIA
2016

ADRIANO HENRIQUES

**O BRASIL COM Z: REPRESENTAÇÕES DE BRASIL EM ALGUNS
PROCESSOS ENUNCIATIVOS ESTADUNIDENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU), na linha de pesquisa “Linguagem, Texto e Discurso”, como requisito obrigatório para aquisição do título de mestre.

Linha de pesquisa: “Linguagem, Texto e Discurso”.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Nunes Vieira

ILEEL – UFU
UBERLÂNDIA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

H519b Henriques, Adriano, 1986-
2016 O Brasil com z : representações de Brasil em alguns processos
 enunciativos estadunidenses / Adriano Henriques. - 2016.
 103 f. : il.

 Orientadora: Carla Nunes Vieira.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Linguística.
 Inclui bibliografia.

 1. Linguística - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Brasil -
 Opinião pública estrangeira - Teses. 4. Brasil - Civilização - Teses. I.
 Vieira, Carla Nunes. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
 de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 801

ADRIANO HENRIQUES

**O BRASIL COM Z: DIVERGÊNCIAS DAS REPRESENTAÇÕES DE
BRASIL EM ALGUNS PROCESSOS ENUNCIATIVOS
ESTADUNIDENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU), como requisito obrigatório para aquisição do título de mestre.

Linha de pesquisa: “Linguagem, Texto e Discurso”.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Nunes Vieira

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Carla Nunes Vieira Tavares –ILEEL UFU

Prof Dr Ernesto Sérgio Bertoldo - ILEEL UFU

Prof Dr Marcelo Marques de Araújo – FACED UFU

Uberlândia, 25 de fevereiro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à persistência que, a todo o momento em que estive desanimado, me fez continuar e correr atrás dos objetivos traçados.

Agradeço ao Grande Mestre, ele que nos ensina todos os dias como sermos seres humanos melhores, mesmo que para isso passemos por dificuldades.

Agradeço à minha orientadora que, com seu profissionalismo dedicação e amor, colaborou para fazer de mim o profissional que sou hoje.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, meu irmão, cunhada e padasto.

Agradeço aos amigos de verdade que entenderam os momentos em que não pude estar próximo.

Agradeço ao Estado Brasileiro, que me propiciou uma bolsa de estudos para que eu pudesse realizar esse sonho. Espero retribuir da melhor maneira.

Agradeço também ao Estado Canadense, que me concedeu uma bolsa de estudos no Canadá durante esse período.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos que gentilmente colaboraram com seu conhecimento, em especial aos professores Ernesto Sérgio Bertoldo e João Bosco Cabral dos Santos.

Por fim, agradeço aos meus colegas do Grupo de Estudos em Linguagem e Subjetividade.

THE ROAD NOT TAKEN

*Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;*

*Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,*

*And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.*

*I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I –
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference*

Robert Frost

RESUMO

Escolhemos neste trabalho, fazer uso de fontes estadunidenses para compor nosso *corpus* de análise a respeito das representações de Brasil que circulavam nos EUA (Estados Unidos da América) nos anos de 2012 e 2013. Para tanto, optamos por duas fontes de análise: dizeres de estagiários estadunidenses na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014; e textos jornalísticos que tivessem como temática o Brasil em seus diferentes aspectos. Consideramos neste trabalho que os aspectos econômicos e políticos de um país interferem na forma como ele é representado em um cenário global. Na verdade, o crescimento da economia e o desenvolvimento político, em muitos casos, é o que possibilita a construção de um imaginário sobre um país que anteriormente era pouco ou não discursivizado. Portanto, o trabalho considerou o período em que o Brasil ainda sustentava uma representação de economia emergente no exterior, enquanto objeto de discurso, e problematizou quais deslocamentos discursivos acompanham a imagem de um país de “terceiro mundo” para o de economia emergente. Portanto, partimos dos pressupostos da Análise de Discurso (AD), pois acreditamos que o campo da AD pode suscitar, a partir de seus pressupostos teóricos e por meio das discursividades produzidas pelos sujeitos interpelados discursivamente, questionamentos sobre política, economia e sociedade. Nesse sentido a AD não é simplesmente um campo de estudo de questões de linguagem, mas um campo que problematiza a questão do sujeito e o uso da linguagem. A hipótese que suscitou o interesse em investigar as representações de Brasil partiu do fato de que, sob a influência dos efeitos do discurso jornalístico, a memória discursiva sobre Brasil dos estagiários estadunidenses é constituída na imbricação do novo, entendendo como “novo” uma referência aos discursos de um país inserido na lógica de “em desenvolvimento”, e estereótipos antigos sobre o país. Esse conjunto configura uma imagem de Brasil em suspensão. Dessa forma, nos interessou para a pesquisa, averiguar quais as representações de Brasil presentes no dizer dos estagiários, assim como os efeitos que elas suscitam sobre o Brasil. Além disso, pesquisar também as representações presentes no discurso jornalístico do período analisado. Nesse sentido, foi importante entender qual o funcionamento discursivo dessas representações para investigar uma possível interdiscursividade do discurso jornalístico nas representações dos participantes de nossa pesquisa e como isso seria perceptível. O trabalho de análise buscou evidenciar as representações de Brasil presentes no *corpus*, discutindo o funcionamento discursivo das mesmas, a fim de assinalar possíveis indícios de novas concepções de Brasil na memória discursiva dos estagiários. Objetivamos investigar em que medida a memória discursiva de Brasil se ancora e se afasta do discurso jornalístico internacional sobre o país.

Palavras-chave: Representações; Discurso; Brasil; Memória

ABSTRACT

On this dissertation, we decided to choose American discourse resources to be part of our analysis about the representations of Brazil in the USA (United States of America) in 2012 and 2013. In order to achieve our objective, we chose two different analysis resources: the speech of American ETAs (English Teacher Assistants) at the Federal University of Uberlândia in 2014 and also the news about Brazil and its different characteristics. This research considers that the economic and political aspects of a country interfere on the way the country is represented in a global scenario. In fact, the economy growth, in many cases, is what makes it possible the construction of an imaginary about a country which was barely spoken about before. Therefore, the dissertation considers the period that Brazil still supports a representation of emerging nation abroad as its discourse object, and problematizes the discursive movements which follow the image of Brazil from a “third world country” to an emerging economy. The theoretical approach to develop the research is the French Discourse Analysis (FDA), because we believe that the FDA field can bring about questions about politics, economy and society, derived from its theories and the discourses produced by the subjects. Hence, the FDA is not only a simply field that concerns language issues, but it is also a field of knowledge that problematizes issues about the subject and how he or she inscribes him/herself in language. The hypothesis that raised our interest in investigating the representation of Brazil came from the fact that, under the influence of journalistic discourse, the ETAs’ discursive memory is built by old stereotyped conceptions of Brazil and new conceptions, like the ones of a country in development. For that reason, Brazil supports an image of being in suspension. In this way, the research’s interests were to find out the representation of Brazil on the ETAs’ speeches, as well as analyse the effects that this speeches raise about Brazil. Futhermore, it was important to research the representations on the journalistic discourses in the period it was analyzed. It was also important to understand how the discourses work within the representations and if it is possible to recognize the interdiscursivity between the representations of Brazil on the news and on the ETAs’ speeches. The analysis was focused on detecting the representations on the *corpus*, discussing its discursive operation in order to point out new possible conceptions of Brazil on the ETAs’ discursive memory. We aim to investigate the extent of a discursive memory of Brazil in relation to journalistic discourses about the country, understanding to what extent the discursive memory of Brazil is constituted be the journalistic discourse.

Key Words: Representation; Discourse; Brazil; Memory

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	23
1.1 O Programa Fulbright no Brasil	23
1.2 Implementação/Expansão do Programa ETA no Brasil: Algo a mais a dizer!	25
CAPÍTULO 2	31
2.1 Arcabouço Teórico	31
2.1. O sujeito de linguagem	32
2.2 Representação, Memória Discursiva e Interdiscurso	34
2.3 Formações Discursivas e Formações Imaginárias – possíveis articulações	38
2.4 Heterogeneidade Discursiva	40
2.5 Remontando o aparato teórico às questões de pesquisa	42
CAPÍTULO 3	46
3.1 Metodologia	46
3.1.1 Etapa 1 – Parte do <i>corpus</i> composta pelos dizeres dos estagiários	46
3.1.2 Etapa 2 – Parte do <i>corpus</i> composta pelos textos jornalísticos	49
3.2 Contextualização da Análise	53
CAPÍTULO 4	56
4.1 Análise do <i>Corpus</i>	56
4.1 Representações Presentes nos Dizeres dos ETAs	56
4.2 Representações Presentes nos Textos Jornalísticos– Traços de Interdiscursividade	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6 REFERÊNCIAS	97
7 ANEXOS	101
7.1 Anexo 1	101
7.2 Anexo 2	102

INTRODUÇÃO

Dentre diferentes formas de iniciar este trabalho de pesquisa durante os dois anos de mestrado na Universidade Federal de Uberlândia, optamos por começar essa dissertação contando um pouco sobre o porquê de trabalhar com a temática que nos propusemos desde o desenvolvimento do projeto à produção da dissertação. Primeiramente, como aluno do curso de Letras que gradua com uma habilitação em língua estrangeira e se posiciona como pesquisador, vimo-nos desafiados a nos posicionar em um universo linguístico diferente do nosso, o que, por inúmeras vezes, nos tirou da “zona de conforto” proporcionada pela língua materna, nossa cultura, assim como deslocou nossa forma de ver o mundo ao nosso redor.

Assim, foi inevitável o contato com aspectos culturais estadunidenses que concernem produções literárias, discussões sobre grandes acontecimentos da sociedade do país e questões linguísticas dessa língua estrangeira. Diante disso, escolhemos neste trabalho, fazer uso de fontes estadunidenses para compor nosso *corpus* de análise a respeito das representações de Brasil que circulam nos EUA (Estados Unidos da América). Falaremos o que entendemos como conceito de representação no capítulo teórico deste trabalho. Entretanto, por que escolher os Estados Unidos e os estadunidenses como fonte para essa pesquisa?

Não foi de forma aleatória que escolhemos trabalhar com as representações de Brasil nos EUA. Na verdade, havíamos trabalhado da mesma forma em contextos europeus e africanos, dos quais falaremos mais adiante, em uma pesquisa de iniciação científica.

A curiosidade de pesquisar representações de Brasil de estadunidenses surgiu ainda durante a graduação, não só pela habilitação em inglês do pesquisador, mas também através de um curso de extensão em que ministrávamos aulas de inglês para adolescentes. Nessas aulas de inglês, contamos com o auxílio de assistentes de ensino dos Estados Unidos, as quais estavam no Brasil para dar suporte a esses tipos de cursos de extensão e a alunos do curso de Letras. A presença dessas assistentes no Brasil era

financiada pela Comissão *Fulbright* (falaremos adiante do que se trata tal instituição e e seus projetos desenvolvidos em parceria com o Brasil).

Nosso curso de extensão consistia em duas vertentes. Uma era composta pelas aulas ministradas à adolescentes de baixa renda em uma ONG (Organização não Governamental) localizada na cidade de Uberlândia. A outra era a oferta de cursos para alunos da terceira idade, os quais também aconteciam na mesma ONG, porém em bairros diferentes da mesma cidade.

Entre tantas conversas informais com os estagiários estadunidenses que estavam em nosso departamento (Instituto de Letras e Linguística da UFU), sempre ouvimo-los dizendo quais eram suas impressões do Brasil, o que pensavam sobre o país antes de morarem e depois de se mudarem para cá. Assim como, nós, que também tivemos uma experiência nos EUA no ano de 2007, falávamos de questões linguísticas e culturais sobre o país deles.

Particularmente, tivemos uma experiência muito próxima com uma das estagiárias dos EUA, pois ela é quem nos assessorava nas aulas ministradas para os adolescentes da ONG. Nada ainda havia passado em nossa cabeça de, dessas conversas, suscitarmos um problema epistemológico que, posteriormente, resultaria na produção deste trabalho. Porém, acreditamos que interpelados por essa troca cultural, nossas conversas, que antes se tratavam apenas de troca de experiências informais, acabaram por gerar inquietações sobre as representações de Brasil para esses sujeitos estadunidenses, resultando em indagações que originaram a pesquisa.

Entretanto, nossa inquietação era saber quais são as representações de Brasil recorrentes nos Estados Unidos durante o século XXI, tendo como fonte dizeres de estagiários e textos jornalísticos dos anos de 2012 e 2013. Afinal, vários estereótipos do Brasil e do brasileiro já nos são bem claros e embasam muitos aspectos do que muitos poderiam considerar nossa identidade nacional.

Consideramos neste trabalho que os aspectos econômicos e políticos de um país interferem na forma como ele é representado em um cenário global. Na verdade, a economia em muitos casos é o que possibilita a construção de um imaginário sobre um país que anteriormente era pouco ou não discursivizado.

Já que falaremos de aspectos econômicos gostaríamos de pontuar que iniciamos essa pesquisa antes dos fatos ocorridos no ano de 2015 com as especulações de uma grande crise econômica no Brasil. Portanto, o trabalho considera o período em que o Brasil ainda sustenta uma representação de economia emergente no exterior, enquanto

objeto de discurso, e problematiza quais deslocamentos discursivos acompanham a imagem de um país de “terceiro mundo” para o de economia emergente.

Porém, isso não exclui a abordagem, em algum momento da pesquisa, dos acontecimentos do ano de 2015, mesmo que o *corpus* de análise tenha sido composto por dizeres dos anos de 2012 e 2013, período este, anterior à recessão que não só o Brasil, mas outros países emergentes como a China têm enfrentado. O crescimento dos índices econômicos, principalmente no ano de 2015, tem sido um desafio e uma surpresa para essas economias emergentes. Afinal, frente às últimas crises enfrentadas pelos Estados Unidos e alguns países da Europa, a economia do Brasil conseguiu se manter estável, aparentemente não sofrendo um abalo significativo. Entretanto, os índices econômicos têm declinado, causando preocupações e instabilidade no mercado financeiro internacional gerando uma crise política e econômica no país.

Portanto, o presente trabalho surge de motivações citadas anteriormente como: conversas informais entre brasileiros e estadunidenses no projeto de extensão; mudanças econômicas sofridas no Brasil nos últimos anos; por fim, por questionamentos levantados durante uma pesquisa semelhante a esta feita por nós como trabalho de IC (Iniciação Científica), apoiada pela FAPEMIG e desenvolvida no Instituto de Letras e Linguísticas da UFU a partir do segundo semestre de 2012.

Intitulado “Migração, mobilidade internacional, representações de língua portuguesa: um estudo de caso, possíveis efeitos na subjetividade”, o trabalho de IC suscitou inquietações a respeito do tema que levariam a produção do trabalho atual. Vimos que a pesquisa de IC deixou uma abertura para que se buscasse novas fontes de pesquisa, perpetuando questionamentos, porém em perspectivas distintas. Sendo assim, procuramos aprofundar ainda mais os referenciais teóricos e ampliar a base de análise para encaminhar um problema epistemológico em uma pesquisa no nível de pós-graduação. Dessa forma, estabelecemos outros objetivos de análise e optamos por participantes de pesquisa de nacionalidades distintas dos analisados na primeira.

Contudo, para contextualizar esta dissertação, é necessário entender o que se buscou como objeto de análise durante a produção do artigo de IC. Acreditávamos que, a partir de discursos globalizados¹ que apontavam o Brasil como país promissor, crescería o número de estudantes estrangeiros interessados em estudar no país e que

¹ Entende-se como discursos globalizados aqueles que têm sido veiculados na mídia em geral, e que representam o Brasil de alguma forma, seja com os estereótipos antigos; seja como, país emergente e em desenvolvimento.

esses discursos, de alguma forma, poderiam modificar a representação de Brasil e de língua portuguesa desses estudantes, devido a aspectos econômicos, políticos ou sociais vivenciados no período de permanência no Brasil. Muitos desses estudantes participavam de programas de mobilidade internacional no Brasil por meio de parcerias entre as universidades brasileiras e as universidades estrangeiras, sendo que alguns executavam parte dos estudos aqui, enquanto outros se dedicavam a uma formação completa ou a programas de estágio.

Diante disso, objetivamos, na IC, verificar o que se mantinha de uma representação de Brasil e da língua portuguesa, e o que poderia ter sido re-significado durante o período em que estudantes estrangeiros (Africanos e Europeus) permaneceram no país, e quais as incidências subjetivas ocorridas no processo de aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE). O objeto de análise se deu por meio de dizeres de alunos em mobilidade internacional, também chamados de estudantes intercambistas, na Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2012. O trabalho desenvolveu-se partindo da análise de dizeres de dois estudantes, um da França e outro de Benin.

A perspectiva teórico-metodológica se ancorou na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, a qual possibilitou investigar as representações de Brasil e de língua portuguesa, a fim de problematizar os possíveis efeitos na subjetividade dessa via de experimentar a alteridade: o processo de aprender a língua do país de acolhida, durante a mobilidade internacional. Sendo assim, a partir desse estudo, de acordo com TAVARES e HENRIQUES (p.16, 2013):

(...) cremos ser possível afirmar que antes da mobilidade, a relação que os estudantes estabeleceram com a língua portuguesa é regida por representações que enfatizam o eixo estranho-familiar e que durante a mobilidade, a direção tende a se inverter para o familiar-estranho. É certo que a familiaridade travada e vivida na estrangeiridade da língua do outro ensaja a alguém saber-se e, aos poucos, ser “sabido” por ela, algo que pode sinalizar um desejo por outros significantes que digam o sujeito e por meio dos quais o sujeito possa se dizer e discursivizar-se de uma posição marcada pelo *unheimlich*: nem materno, nem estrangeiro, mas os dois na sincronia da enunciação.

Contudo, em um novo cenário de pesquisa, optamos por mais uma vez trabalharmos com as representações de Brasil a partir de dizeres de estudantes que estavam de passagem pela Universidade Federal de Uberlândia. Portanto, este trabalho configura-se não só pela análise de dizeres de estrangeiros vindos dos Estados Unidos,

mas, também, por uma análise que buscou, em meios de comunicação, como o *The New York Times* e *Huffington Post*, discursos sobre o Brasil nos anos de 2012 e 2013. Acrescentamos mais uma fonte para nosso *corpus*, que, no caso, são os meios de comunicação citados, pois acreditávamos que seria interessante problematizar as manifestações interdiscursivas presente nos dizeres dos participantes deste novo trabalho, sendo que eles mesmo apontaram tais meios como fonte de leitura.

Acreditamos que o campo da AD pode suscitar, a partir de seus pressupostos teóricos e por meio das discursividades produzidas pelos sujeitos interpelados discursivamente, questionamentos sobre política, economia e sociedade. Nesse sentido a AD não é simplesmente um campo de estudo de questões de linguagem, mas um campo que problematiza a questão do sujeito e o uso da linguagem. Ademais, como em outras áreas das Humanidades a AD pode, ao mesmo tempo em que analisa produções discursivas, deslocar sentidos. Além disso, ela permite questionar, ratificar e/ou re-significar representações, oportunizando uma desnaturalização de estereótipos, que podem ou não acirrar preconceitos.

Dessa maneira, o contato com os estagiários estadunidenses suscitou como hipótese dessa pesquisa o fato de que, sob a influência dos efeitos do discurso jornalístico, a memória discursiva sobre Brasil dos ETAs (*English Teacher Assistants*) é constituída na imbricação do novo, entendendo como “novo” uma referência aos discursos de um país inserido na lógica de “em desenvolvimento”, e estereótipos antigos sobre o país. Esse conjunto configura uma imagem de Brasil em suspensão². Derivam da hipótese desse trabalho as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais são as representações de Brasil presentes no dizer dos ETAs participantes desta pesquisa?
- Que efeitos de sentido elas suscitam sobre o Brasil?
- Quais são as representações de Brasil presentes no discurso jornalístico do período analisado?
- Qual o funcionamento discursivo dessas representações? É possível perceber uma interdiscursividade do discurso jornalístico nas representações dos participantes de nossa pesquisa? Como ela é perceptível?

² Esclarecemos que pelo termo “suspensão” nos remetemos às incertezas diante dos efeitos de sentido que o discurso jornalístico pode vir a causar nessa imagem de Brasil, evitando ou reforçando uma naturalização da mesma.

O trabalho de análise buscou evidenciar as representações de Brasil presentes no *corpus*, discutindo o funcionamento discursivo das mesmas, a fim de assinalar possíveis indícios de novas concepções de Brasil na memória discursiva dos estagiários. Objetivamos investigar em que medida a memória discursiva de Brasil se ancora e se afasta do discurso jornalístico internacional sobre o país.

Dessa maneira, tomamos como referência o dizer dos participantes da pesquisa, e o dizer materializado nos textos jornalísticos que compõem o *corpus* do trabalho. Afinal, trabalhamos com o pressuposto de que efeitos do discurso jornalístico podem incidir no dizer dos participantes, pois, ao enunciar, um interlocutor agencia uma memória discursiva que confere significação a um objeto específico, no caso o Brasil, e esta se manifesta via interdiscurso. Portanto, trabalharemos nesta pesquisa com efeitos do discurso jornalístico sobre o Brasil na memória discursiva de intercambistas estadunidenses, pois, assim como MARIANI (1999, p. 60), acreditamos que o discurso jornalístico:

Atua no efeito de linearidade e homogeneidade da memória (...) De modo geral, representa lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão do conhecimento, já que o falar sobre transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor.

Apesar de o trabalho ter como base teórica os conceitos de discurso de base Pecheutiana, que entendem o discurso como resultante do processo de tensão entre estrutura e acontecimento. É importante mobilizarmos o conceito de discurso de Foucault em sua fase arqueológica, pois ele nos permite trabalhar com a noção de um discurso permeado de características específicas, as quais não se baseiam apenas no efeito de sentido produzido entre interlocutores, dando a possibilidade de falarmos em discurso jornalístico, como na citação de MARIANI (1999). Para FOUCAULT (1998, p. 8,9)

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.[...] Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que

não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Problematizamos quais os efeitos de sentido que estão presentes nos textos jornalísticos, selecionados a partir das informações fornecidas nas respostas dadas aos questionários aplicados aos estadunidenses, pois os mesmos, em respostas aos questionários aplicados, nos possibilitaram delimitar temáticas e trechos de textos jornalísticos que seriam analisadas. Lembramos que detalharemos os textos jornalísticos que compõem nosso *corpus* no capítulo de metodologia desta pesquisa, assim como a data e em quais veículos de comunicação foram publicados, as razões e os critérios para escolhermos determinados textos.

Consequentemente, questionamos também, os efeitos de sentido produzidos pelos textos jornalísticos sobre a realidade econômica, social e política do Brasil, e o funcionamento discursivo que os possibilitam. Dessa forma, não é importante apenas elencarmos pontos de divergência e convergência entre os dizeres dos participantes e os textos jornalísticos, pois sabemos que haverá muitas formações discursivas que incidirão em ambas as fontes. Para este trabalho daremos o valor merecido às questões político-sociais que permearam as condições de produção dos dizeres dos estagiários e dos meios de comunicação, levantando questionamentos que possam colaborar com trabalhos posteriores que se interessem pela mesma temática.

Para que nossa análise não se perdesse em um *corpus* extenso, composto pelos dizeres dos estagiários e pelos textos jornalísticos que trabalhamos, buscamos estabelecer critérios de análise em momentos distintos, pois partimos do dizer do participante e dos efeitos de sentido que estes produzem, para, assim, buscarmos textos jornalísticos.

Adiantamos que o *corpus* é composto por dizeres de 4 estagiários estadunidenses que aturaram na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) no ano de 2014 e, além disso, por textos jornalísticos on-line do *The New York Times* e *Huffington Post* publicados nos dois anos que antecedem a vinda desses estagiários para o Brasil. A escolha dos meios de comunicação se deu pelas respostas dadas pelos ETAs referente à quais fontes eram mais lidas por eles. Os estagiários estadunidenses aos quais me refiri

anteriormente neste trabalho, são jovens selecionados pela comissão *Fullbright*³, que atuam como ETAs (*English Teacher Assistants*), na UFU. Eles auxiliavam e/ou ofereciam projetos nos cursos de Letras de diferentes universidades do Brasil. Além disso, atuavam no programa Idioma sem Fronteiras⁴, projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação, voltado para o auxílio de alunos brasileiros interessados em participar do programa Ciências sem Fronteiras⁵, que precisam passar em exames de proficiência requeridos pelas universidades estrangeiras.

Nesse sentido, por meio de nosso *corpus* e sustentados na corrente teórica a que estamos circunscritos, é importante elucidarmos as implicações econômica, histórica, social e política presentes em dizeres e nos discursos, visto que são discursos oriundos de sujeitos e meios de comunicação integrantes de uma sociedade que por anos tem sido vista como imperialista.

Acreditamos que o discurso jornalístico significa-resignifica uma memória de Brasil, ao mesmo tempo em que pode contribuir para a significação-resignificação de uma nova representação brasileira que remete a um país de economia em expansão (nos anos em que os estagiários optaram por virem para o país) e que possivelmente tenha solidificado o interesse de estrangeiros pelo país. Reforçamos que a análise do trabalho se constituiu da relação entre o dizer dos ETAs, as filiações discursivas ali indiciadas e as filiações discursivas que permeiam, também, os textos jornalísticos, ou seja, em termos de análise, ambas fontes são importantes na constituição de nosso trabalho.

De acordo com o que pressupomos a respeito do viés econômico brasileiro e com o entendimento que temos do texto jornalístico (MARIANI,1999), gostaríamos de apresentar um recorte de texto jornalístico que pode referendar apontamentos para uma possível força econômica brasileira discursivizada em textos estadunidenses que trabalharemos. Destacamos um pequeno trecho de um texto jornalístico divulgado no *The New York Times*⁶ intitulado “*The Brazilian economic model*”⁷. O seguinte trecho

³ O Programa Fulbright oferece bolsas de estudos para brasileiros e norte-americanos estudantes de graduação, de pós-graduação, professores, pesquisadores e profissionais em todas as áreas do conhecimento. Disponível em: http://www.fulbright.org.br/component/option,com_frontpage/Itemid,1. Acesso em: 5 de fevereiro de 2014.

⁴ O Programa IDIOMA SEM FRONTEIRAS foi elaborado a partir da necessidade de se aprimorar a proficiência em língua inglesa dos estudantes universitários brasileiros, com o objetivo de proporcionar-lhes oportunidades de acesso a universidades de países anglófonos por meio do Programa Ciência sem Fronteiras. Para atender tal demanda, suas ações incluem a oferta de cursos a distância e cursos presenciais de língua inglesa, além da aplicação de testes de proficiência. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/oque1.html>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2014.

⁵ Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso : 5 de fevereiro de 2014.

⁶ No tópico sobre os procedimentos metodológicos do trabalho explicaremos porque optamos pelo *The New York Times*.

termina a matéria, dizendo que “*Europeans and Americans are not used to looking to Latin America for economic guidance. Pernambuco suggests they should.*”⁸ No texto jornalístico em destaque, o jornal elucida o modelo de governo brasileiro que tem incentivado a privatização de alguns setores e como isso tem beneficiado o crescimento econômico e o poder de consumo dos trabalhadores brasileiros, elogiando as iniciativas dos governantes Eduardo Campos (governador do estado de Pernambuco na época) e a então presidente, Dilma Rousseff.

Além disso, os dizeres posicionam Eduardo Campos como um político moderado que tenta estabelecer parcerias entre o setor público e o privado em favorecimento da economia, contrapondo-o à Dilma Rousseff, ao apresentá-la como a ex-guerrilheira marxista e sucessora do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a qual, apesar de sua filiação partidária, tem admitido políticas neoliberais em seu governo. Portanto, será que os textos jornalísticos como esses estariam motivando estudantes estadunidenses a virem morar no Brasil? Reforçamos que as visões dos jornais são bem tendenciosas e evidenciam posições ideológicas, as quais interpelam os participantes a se identificarem a esses discursos. O discurso, nesse sentido, é o que move nossa busca pelo saber, nossa tentativa de possibilitar interpretações aos seus movimentos diante do que esteja sendo discursivizado sobre o Brasil nos EUA durante o século XXI, especificamente nos anos de 2012, 2013 e 2014, um período em que, ao nosso ver, coadunam-se ideias como a de um país exótico, emergente e mais recentemente em crise.

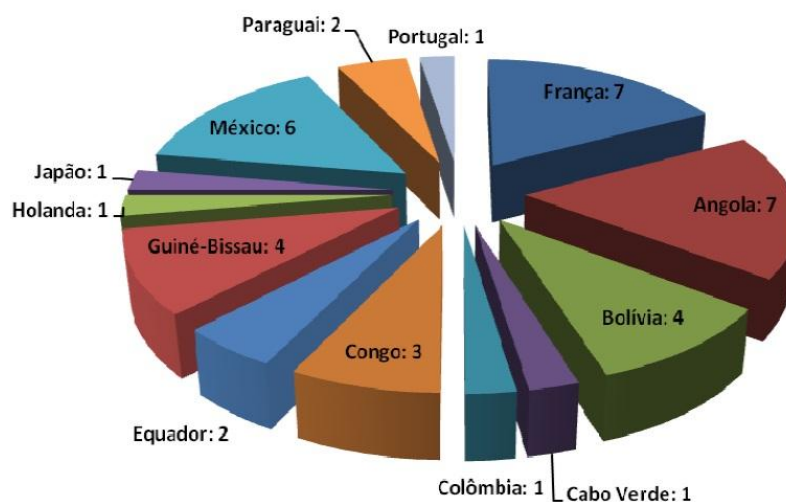
De acordo com a Diretoria de Relações Internacionais e Institucionais (DRII) da UFU, o número de estudantes estrangeiros na Universidade cresceu do ano de 2009 para o de 2014. Acrescentamos esses dados ao nosso trabalho para ilustrar que o interesse por estrangeiros para estudarem no Brasil, principalmente na UFU, se baseia em dados concretos e fornecidos pela própria instituição. Constatamos que no período mencionado houve um crescimento, porém não de forma exponencial, sendo que há queda e aumento em anos distintos. Entretanto, mesmo havendo oscilações em números de alunos, deixamos claro que entre 2009 e 2014 o número cresceu, tendo seu ápice em 2012. Não colocamos os dados de 2010 e 2011, pois os mesmos não nos foram

⁷ Matéria divulgada no jornal The New York Times em 4 de novembro de 2012. Disponível em: <http://rendezvous.blogs.nytimes.com/2012/11/04/the-brazilian-economic-model/>

⁸ Europeus e Americanos não estão acostumados a olhar para a América Latina como um guia econômico. Pernambuco sugere que devemos.

fornechos pela DRIL. A seguir os gráficos com as referidas nacionalidades dos alunos que estudaram na UFU.

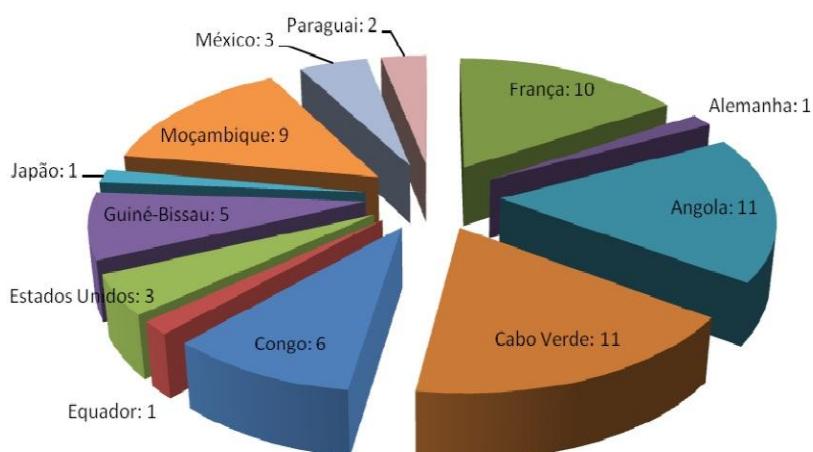
Estudantes estrangeiros na UFU em 2009:



Total: 40 estudantes.

IMAGEM 1: Estudantes estrangeiros na UFU em 2009

Estudantes estrangeiros na UFU em 2012:



Total: 63 estudantes.

IMAGEM 2: Estudantes estrangeiros na UFU em 2012

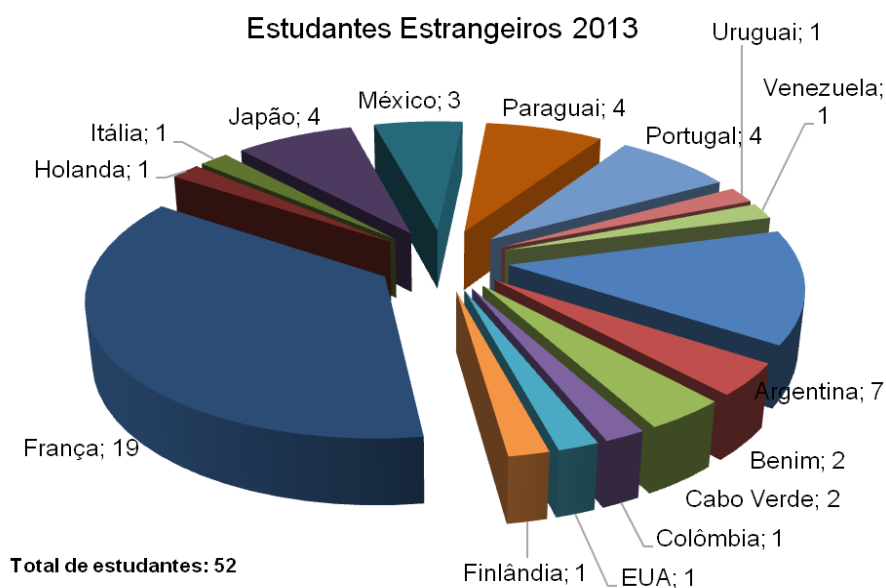


IMAGEM 3: Estudantes estrangeiros na UFU em 2013

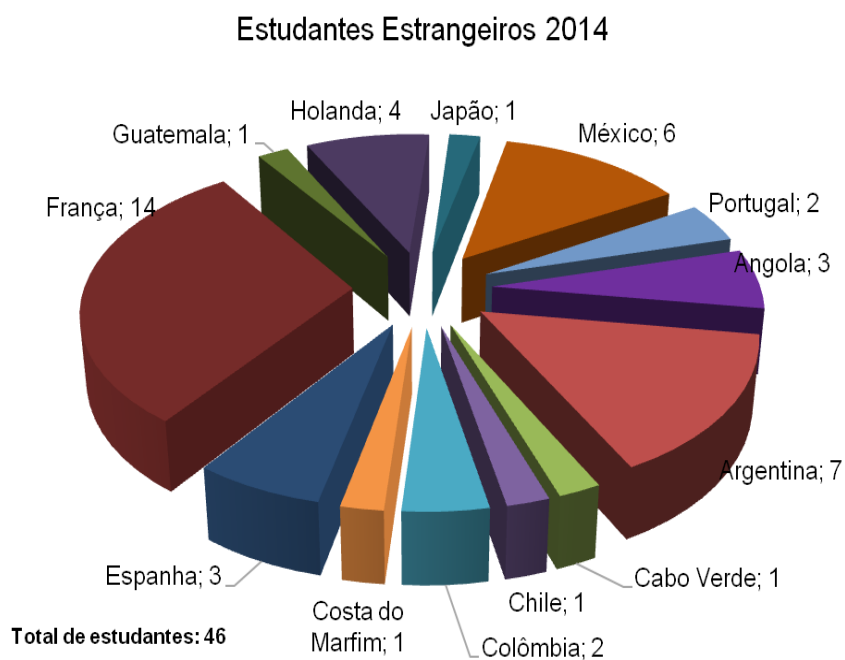


IMAGEM 4: Estudantes estrangeiros na UFU em 2014

Os gráficos já destacam um aspecto interessante e que coaduna com o que temos dito em relação ao interesse de estudantes em virem morar no Brasil. Um comparativo entre os gráficos de 2009 e 2014 mostra que o grande interesse e a maior diversidade são de estrangeiros vindos da África e América Latina. Entretanto, o número de europeus cresceu de nove em 2009, para vinte e dois em 2014, um aumento de mais de 100%.

É importante deixarmos claro que a relevância de nossa pesquisa, para a área acadêmica e, para a comunidade em geral, sustenta-se na carência de trabalhos que discutam a representação de Brasil em um momento que o país vive instabilidades, marcado pela globalização, por uma crise econômica que resultou em recessão na maior parte dos países considerados mais industrializados e desenvolvidos no mundo e pela liquidez dos referenciais na pós-modernidade. Além disso, muitas características políticas e econômicas do país tiveram uma reviravolta recentemente e possibilitaram até mesmo que o Brasil pudesse sediar grandes eventos como a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016).

Ressaltamos que pretendemos reforçar o caráter social e político que o trabalho pode apresentar, uma vez que falar do Brasil no cenário global é falar de suas aberturas políticas e econômicas, e demonstrar que o discurso exerce poder de influência em decisões importantes nesses âmbitos, tais como eleger o país como sede de dois grandes eventos mundiais, possuir uma cadeira em órgãos internacionais, etc. Ou diante de uma crise, ter todos esses “privilégios” barrados por esses mesmos órgãos que, teoricamente, se preocupam com o desenvolvimento internacional. O que nos parece um pouco contraditório, pois se querem desenvolvimento internacional, que mantenham e insiram cada vez mais países subdesenvolvidos e emergentes em conselhos que visem uma política de cooperação mútua.

Não se sabe muito sobre as repercussões dessas mudanças no exterior e ao que vemos, existe um interesse maior pelo país, mas em que instância reside esse interesse nos parece ainda em conflito por uma busca do que fora o Brasil, do que é o Brasil de 2014. Além disso, nas incertezas do que será o Brasil de 2015 em diante, o qual é fortemente discursivizado em seu território como um país em recessão econômica, de políticos corruptos e péssimas políticas internas de boa governança. Entretanto, ainda em meio à crise Brasileira e os discursos que circundam a crise, a presidente Dilma Rousseff recebeu no país em agosto de 2015 a chanceler alemã Angela Merkel que, entre as discussões políticas, demonstrou o interesse alemão em investir no país. De acordo com os textos jornalísticos da revista Exame⁹, Merkel afirmou que as empresas alemãs possuem interesse em fazer parte de processos licitatórios brasileiros para

⁹ Texto jornalístico ‘Merkel confirma interesse em investir mais no Brasil’, disponível em > <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/merkel-confirma-interesse-em-investir-mais-no-brasil>. Acesso em > 15 de setembro, 2015.

concessão de estradas, aeroportos, portos e geração de energia. Isso demonstra esse embate de discursos sobre o país seja dentro ou fora de seu território.

Portanto, a fim de responder as perguntas de pesquisa levantadas, nos concentramos na análise de dois questionários¹⁰ aos ETAs que atuaram na UFU em 2014, abordando qual representação eles possuíam do Brasil e se as coisas mudaram ao término da experiência. Uma segunda etapa da pesquisa consistiu em investigar as manchetes e textos jornalísticos online que abordavam o Brasil como tópico principal¹¹. Porém, como já citamos, para estabelecermos em quais veículos essas manchetes e artigos seriam selecionadas, nos baseamos nas respostas dadas pelos próprios ETA's sobre quais jornais e revistas eles acessam para obter informações, seja por fontes online, impressas, perfis em redes sociais, entre outros, eis o porquê de trabalharmos com o *The New York Times* e *Huffington Post*. Visamos levantar as representações de Brasil presentes no discurso jornalístico desse contexto.

Os procedimentos para o desenvolvimento do que foi proposto nos parágrafos anteriores se encontram na metodologia desta dissertação, a qual especifica de que forma foram feitas as entrevistas com os estagiários estadunidenses e quais foram os textos jornalísticos selecionados e analisados.

Contudo, contamos como pressuposto que, ao analisar o *corpus* que compôs esse trabalho, haverá representações de Brasil que incidiriam na representação de brasileiro, e vice-versa, dessa maneira, indiciando a posição discursiva do sujeito enunciador, do veículo de comunicação e, por fim, a posição discursiva atribuída pelos participantes da pesquisa e pelo discurso jornalístico ao próprio brasileiro.

Em suma, temos como objetivo principal de pesquisa, levantar as representações de Brasil presentes na memória discursiva dos estagiários e no discurso jornalístico estadunidenses nos anos de 2012 e 2013. Além disso, analisar o funcionamento discursivo dessas representações, averiguar como ocorre uma manifestação interdiscursiva entre os dizeres dos estagiários e os discursos jornalísticos. Portanto, ser-nos-á possível problematizar a construção da representação de Brasil por parte de nossos participantes e pelos textos jornalísticos. Para tanto essa dissertação está dividida em 4 capítulos, trabalhamos o papel do programa *Fulbright* no Brasil, os aspectos teóricos da AD que sustentam nossa hipótese de pesquisa que, posteriormente,

¹⁰ Os questionários encontram-se nos anexos desta dissertação.

¹¹ Explicaremos mais a respeito de como os meios midiáticos serão utilizados e quais foram os critérios de escolha das reportagens no tópico referente a metodologia desse trabalho.

acompanha a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, assim como nossos resultados de análise e suas considerações finais.

CAPÍTULO 1

O capítulo a seguir tem como intuito esclarecer como o programa *Fulbright* iniciou nas universidades brasileiras, o processo de seleção dos estagiários estadunidenses e quais as políticas internacionais que possibilitaram a implementação e expansão do programa no país. O capítulo não pretende estender-se em uma análise discursiva diante do que nos foi fornecido como dados pela Coordenação do Programa *Fulbright* Brasil. Entretanto, teceremos alguns comentários a respeito do programa, dos estagiários, assim como da configuração política e econômica no país no período de surgimento das bolsas. Afinal, acreditamos que as informações fornecidas pela coordenação do programa nos fornecem brechas para problematizarmos algumas questões referentes ao intuito da implementação do programa, de que forma esses estagiários são selecionados e a articulação desses fatores com a pesquisa que desenvolvemos. Deixamos claro que, na escassez de trabalhos acadêmicos que discutam o programa, nos restringimos às fontes que nos foram disponibilizadas.

1.1 O Programa *Fulbright* no Brasil

O Programa *Fulbright English Teaching Assistant* promove a mobilidade de alunos estadunidenses recém-graduados em qualquer área do conhecimento para que atuem como assistentes de ensino de inglês em instituições de ensino em diferentes países, sendo o Brasil um dos países contemplados. De acordo com a Coordenação da *Fullbright*¹² no Brasil, os objetivos do programa são ampliar os conhecimentos linguísticos em inglês dos estudantes não falantes de inglês como língua nativa e, ao

¹² “O Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América foi criado em 1946, por lei do Senador J. William *Fulbright*, e tem como principal objetivo ampliar o entendimento entre os EUA e outros países. Durante toda a sua existência, este programa já concedeu mais de 370 mil bolsas de estudo, pesquisa e ensino a cidadãos norte-americanos e de outros 150 países. É isto que chamamos hoje de *Fulbright* e que chegou ao Brasil em 1957 e desde então representada e administrada [sic] por uma organização internacional vinculada aos governos do Brasil e dos EUA: a Comissão *Fulbright*.” Disponível em> <http://fulbright.org.br/comissao/>. Acesso em> 15 de setembro de 2015.

mesmo tempo, expandir o conhecimento desses estudantes sobre a história, costumes e cultura dos Estados Unidos da América.

Além das funções de estagiários em mobilidade internacional exercidas pelos ETAs citadas acima, todos contemplados pela bolsa são motivados a desenvolverem um projeto pessoal, cujo tema fica a critério deles. O projeto deve ser desenvolvido durante o período em que estagiam no exterior. No caso do Brasil, ainda de acordo com a coordenação do programa, os ETAs participam do programa Idioma sem Fronteiras por 9 meses nas Universidades Federais por meio de uma parceria entre MEC¹³/SESu¹⁴

Segundo os dados fornecidos, o programa surge no Brasil aproximadamente em 2006. Entretanto, diante do apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹⁵ no ano de 2010, o programa ETA passa a obter maior visibilidade, o que propiciou um aumento no número de estadunidenses participando do Programa no Brasil.

A comissão *Fulbright* estabelece alguns critérios de seleção dos recém-formados que atuarão no exterior. Para tanto, o candidato é pré-selecionado pelo *Bureau of Educational and Cultural Affairs* do Departamento de Estado dos EUA, por intermédio do IIE – *Institute of International Education* em Nova York. A pré-seleção leva em consideração os documentos apresentados pelo candidato, tais como: Carta de apresentação que justifique o que o levou a se candidatar para a bolsa, acompanhada de esclarecimentos sobre os benefícios da experiência na vida futura de cada um. Além disso, o departamento leva em consideração o histórico acadêmico do candidato.

Após a primeira etapa, a comissão *Fulbright* no Brasil analisa os mesmos

¹³ Ministério da Educação.

¹⁴ A Secretaria de Educação Superior (SESu) é a unidade do Ministério da Educação responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação da Política Nacional de Educação Superior. A manutenção, a supervisão e o desenvolvimento das instituições públicas federais de ensino superior (Ifes) e a supervisão das instituições privadas de educação superior, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), também são de responsabilidade da Sesu. Disponível em: [tp://mecsrv125.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=287&Itemid=354](http://mecsrv125.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=287&Itemid=354)

¹⁵ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Em 2007, passou também a atuar na formação de professores da educação básica ampliando o alcance de suas ações na formação de pessoal qualificado no Brasil e no exterior. As atividades da Capes podem ser agrupadas nas seguintes linhas de ação, cada qual desenvolvida por um conjunto estruturado de programas: avaliação da pós-graduação stricto sensu; acesso e divulgação da produção científica; investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior; promoção da cooperação científica internacional indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>

critérios para decidir quais os candidatos que serão selecionados, lembrando que aqueles que têm alguma experiência em ensino e aprendizagem são considerados candidatos em potencial para a bolsa.

Por um bom tempo, o programa ETA no Brasil foi conhecido como um programa que tinha como objetivo prover suporte linguístico em escolas, universidades e em instituições de ensino de língua inglesa. Nas universidades, o objetivo era dar apoio aos cursos de Letras. Atualmente, de acordo com a própria coordenação, o suporte linguístico em Inglês e em cultura estadunidense não se limita apenas aos cursos de Letras nas universidades, pois os ETAs têm como missão não só proporcionar o intercâmbio cultural de maneira ampla e irrestrita e promover a melhoria do aprendizado de inglês dos alunos de Letras, mas também dos estudantes brasileiros inscritos no programa Idioma sem Fronteiras (IsF).

Os ETAs começaram a fazer parte do programa IsF em 2014, ano em que os participantes dessa pesquisa foram entrevistados. Entretanto, a comissão *Fulbright* afirma que as universidades federais detêm a prerrogativa de decidir sobre qual a melhor maneira de trabalhar com o ETA, sendo que algumas escolheram por expandir a atuação dos ETAs em projetos nos departamentos de Letras.

1.2 Implementação/Expansão do Programa ETA no Brasil: Algo a mais a dizer!

Diante do subtópico anterior esclarecemos que é importante discutirmos alguns dados que nos foram fornecidos pela Coordenação do Programa ETA no Brasil, pois eles nos fornecem informações sobre o Programa e, além disso, pontos que estão diretamente relacionados às problematizações levantadas na introdução desta dissertação. Em se tratando de linguagem e da perspectiva em que nos ancoramos para desenvolver esta pesquisa, entendemos que há discursos que motivam e direcionam algumas políticas no âmbito da educação e das relações internacionais entre países como Brasil e Estados Unidos. Nesse sentido, não há discurso neutro. Portanto, o que a Comissão *Fulbright* nos fornece como materialidade linguística instaura brechas para discutirmos os efeitos de sentido que esses dados representam.

Esclarecemos que este trabalho possui um capítulo específico para a análise discursiva de nosso *corpus*. Dessa maneira, trabalhamos esse subtópico como elemento

motivador para que o leitor possa entender o alcance do programa ETA e sua participação em uma teia discursiva que envolve política, economia, internacionalização da educação e uma postura contemporânea de colonização e dominação.

Pretendemos problematizar, aqui, alguns pontos mencionados que compõem as diretrizes do Programa ETA, conforme o que nos foi fornecido pela Coordenação do Programa ETA no Brasil. Algumas indagações direcionam essa problematização.

Em primeiro lugar, por que um dos objetivos do programa é permitir a expansão dos conhecimentos sobre cultura e costumes dos estadunidenses tendo a prerrogativa do suporte linguístico dado por um falante nativo de língua inglesa? Em segundo lugar, qual era o cenário do Brasil quando o programa foi implementado em 2006 com expansão em 2010? Em terceiro lugar, o que poderia haver por traz do fato de que o suporte não é dado mais apenas aos alunos dos cursos de Letras em sua formação, mas se expande aos cursos do IsF oferecidos para todos os alunos das Universidades Federais? Por último, as universidades detêm a prerrogativa de decidirem a melhor maneira de trabalhar com os ETAs. Será essa a melhor maneira de fato? Levantamos esses questionamentos, pois as representações de Brasil recorrentes nos EUA durante o período de implementação e expansão do programa são fatores que permeiam as políticas do Programa ETA. Além disso, as próprias representações da língua Inglesa e seu papel junto às políticas linguísticas estadunidenses se fazem presente quando questionamos, por exemplo, porquê ensinar Inglês na América Latina.

No que diz respeito ao primeiro ponto entendemos que não há um intuito filantrópico do governo estadunidense em enviar assistentes no ensino de língua inglesa para países como o Brasil. O que queremos dizer com isso é que em pleno século XXI, modelos colonizadores como os que eram comuns no “descobrimento” das Américas não funcionam mais, obviamente por vários motivos. Estamos em outro estágio social em que a garantia dos direitos civis se expandiram, vários acordos internacionais se firmaram e o sistema econômico que vivemos é outro. Diante disso, o desafio dos Impérios¹⁶ atuais é manter essa relação camuflada de domínio, mesmo que isso não seja algo consciente, em uma espécie de colonização contemporânea que, não necessariamente, seja uma tomada de terras, mas uma apropriação de bens e recursos desses países sustentada pelo capitalismo, assim como uma forma de colonização ideológica e cultural. Dessa maneira, entendemos que o Programa ETA é parte desse

¹⁶ Utilizamos o termo “Império” com I maiúsculo utilizado por Moita Lopes (2008), o qual se vale do termo de Hardt e Negri (2000).

novo cenário contemporâneo e globalizado de dominação, como sugere Rosaldo (1988, p.87) “(...) todos nós habitamos um mundo interdependente..., que é marcado por empréstimos que atravessam fronteiras culturais porosas, e saturado de desigualdade, poder e exploração”.

Por outro lado, não há mais uma subserviência dos países com histórico de colonização exploratória perante essas novas políticas dos países ricos. A posição brasileira, que faria do país uma base de disseminação da cultura estadunidense em detrimento do apagamento do que pode ser caracterizado como culturalmente pertencente à identidade dos brasileiros, não existe mais. Inferimos isso, pois hoje os colonizados se valem desse jogo de interesses em benefício próprio também. Na verdade, vemos que nesse acordo entre os países há um jogo de interesses que se ancora nas políticas internacionais. É preciso entender que todo governo busca seu espaço de destaque em um cenário global, pois isso aumenta as perspectivas de crescimento econômico. Portanto, sabemos que condutas imperialistas dos EUA são implementadas em diversos pontos do planeta de diferentes formas, seja pelas guerras, por suas multinacionais, pela visibilidade que a mídia estadunidense tem no exterior ou por medidas educacionais como o programa ETA.

Portanto, os EUA não são os salvadores dos ditos oprimidos emergentes e subdesenvolvidos, aquele país que está preocupado de fato com a melhoria no âmbito educacional de países como Brasil. Os EUA são aqueles que querem se instaurar em todos os continentes e não medem esforços para isso, na medida em que investem grande parte do seu dinheiro nessas políticas linguísticas. Trata-se de interesse econômico.

Está claro, assim, que não podemos focalizar o inglês, ignorando o peso de sua sócio-história, em termos da colonização violenta que exerceu e exerce no mundo, e considerar somente os benefícios que seu acesso fornece em um planeta globalizado, (MOITA LOPES, p.317)

Portanto, os supostos benefícios que essa troca linguística entre Brasil e EUA estabeleceriam via *Fulbright*, não expurgam o passado exploratório e colonizador que o inglês exerceu e exerce junto aos Impérios que o possui(ram) como língua oficial. Nesse sentido, essa relação de exploração ainda existe de uma forma velada nesses programas. Entretanto, o Brasil não é o pobre coitado, país que está sendo injustamente influenciado pela maior potência mundial através da mídia, das empresas e de bolsistas

que vão ensinar sobre cultura e língua dos EUA. Os brasileiros fazem disso uma grande troca, é como uma via de mão dupla, onde um pensa que domina, enquanto o outro faz proveito disso em causa do seu próprio crescimento, afinal uma nação com falantes de inglês como língua estrangeira, é uma nação que tem acesso a saberes diversos produzidos nessa língua.

Dessa forma, conhecer aquele que tenta impor o controle das mentes é uma forma de buscar emancipar-se dele ou pelo menos minimizar o imaginário de perfeição que permeia as representações que o constitui. Nesse sentido, o Inglês pode ser para o Brasil:

(...) essa língua também é, devido ao seu alcance global, uma possibilidade de ter acesso a outros discursos sobre o mundo e sobre quem somos ou podemos ser, sendo, portanto, um veículo para construir uma outra globalização com base nos interesses de seus falantes. O uso do inglês pode ser um lugar de heterogeneidade discursiva (...) (MOITA LOPES, 2003)

Nesse sentido, este trabalho concorda quando Bhabha diz que a produção escrita no período pós-colonial é a principal estratégia da mímica contra o colonizador pois, “devido a sua visão dupla, a revelação da ambivalência do discurso colonial subverte a autoridade desse mesmo discurso” (BHABHA, 1998, p.88). Portanto, nosso intuito é exatamente subverter o discurso da Comissão *Fulbright*, mostrando as ambiguidades que ele apresenta e seu caráter pós-colonial imperialista, no qual o Império (EUA) se vale de características da globalização, de elementos oriundos da internacionalização da educação e da ânsia pelo conhecimento linguístico como forma de manutenção de um sistema dominador contemporâneo. Moita Lopes (2008) ao citar autores como Hardt e Negri, problematiza o papel de um Império no século XXI. Segundo eles:

Hardt e Negri (2000) entendem que o Império pode ser caracterizado pela ausência de fronteiras territoriais que limitem seu espaço, pelo não envolvimento em conquista de um território, pelo exercício do poder sobre a vida das pessoas (ou seja, seu poder não está restrito somente ao espaço territorial, mas tem um raio de ação mais profundo: o biopoder), e pela dedicação à construção da paz, embora, contraditoriamente, seja uma paz gerada com base em sangue. Essa última característica ecoa os discursos da política estado-unidense, que, infelizmente, nos acostumamos a ouvir nos últimos anos. Nessa ordem do Império, têm poder central as corporações transnacionais e a linguagem, a qual, por meio das indústrias de comunicação, dá legitimidade ao Império. “A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas

em relação às outras, e ordena-as” (Hardt e Negri, 2000: 52), ao produzir grandes narrativas em benefício de seu poder imperial de universalizar ou de criar um projeto de globalizar, provocando exclusão não só em países pobres, mas também nos ricos. (P. 320)

De acordo com o ponto 2, o qual questiona o cenário brasileiro no ano em que o programa Fulbright foi implementado, percebemos que em meados de 2006 o programa em pauta neste trabalho estava sendo implementado no Brasil com expansão no ano de 2010. Nesse sentido, o aspecto cronológico tem algo a nos dizer sobre o contexto que propicia investimentos nesse âmbito.

O ano de 2006 foi marcado pela recandidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT)¹⁷ à presidência do Brasil. Uma das grandes características do governo de Lula foi o estreitamento das relações entre países do eixo sul (América Latina), característica distinta do governo que o precedeu, o qual tinha como presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB)¹⁸. No mesmo ano, o presidente que governava os EUA era o Sr. George W. Bush, representante do partido republicano naquele país.

Diante de um cenário no qual o Brasil, um dos países mais influentes da América do Sul, se destaca em tentar reforçar as políticas entre os países da região e se opõe à criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), seria positivo para o governo estadunidense tentar retomar relações com esse país (Brasil), reforçar e impor seus aspectos culturais, tendo como desculpa o suporte linguístico nas instituições educacionais brasileiras.

Além disso, na perspectiva do governo brasileiro, após ir contra a criação da ALCA e reforçar as relações do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), as relações educacionais seriam uma forma não comprometedora do Brasil manter suas relações com os EUA. Afinal, grande parte dos países da América Latina, talvez possamos dizer que todos os países da América Latina, estão subjugados a medidas do governo estadunidense e às políticas externas e econômicas, de modo que não sofram embargos e/ou restrições, como por exemplo, os embargos sofridos por Cuba até o ano de 2015.

Sendo assim, a esquerda latino-americana parece ter que ser moderada para que não sofra as punições merecidas por esquerdas extremas, em uma concepção norte americana de extremismo esquerdista. Dessa forma, o programa ETA pode ser uma maneira de se manter uma política internacional saudável com os EUA.

¹⁷ Partido dos Trabalhadores.

¹⁸ Partido Social Democracia Brasileira.

O ponto 3 que propusemos problematizar se refere ao apoio oferecido pelos ETAs nas universidades era dado aos cursos de Letras, buscando a melhoria das habilidades linguísticas dos alunos que se habilitavam em Inglês. Entretanto, com o crescimento do programa Ciências sem Fronteiras, percebeu-se a necessidade de se expandir os conhecimentos linguísticos não só dos alunos que estavam se graduando em Letras, mas também de todos os alunos que se interessavam em candidatar para as bolsas de estudos no exterior.

A coordenação do Programa ETA *Fulbright* afirma que as universidades têm a prerrogativa de utilizarem os ETAs da forma que acharem melhor. Porém, deixamos como indagação se essa seria a melhor maneira, destinando um grande número dos ETAs apenas para o programa Idioma sem Fronteiras. Afirmamos isso pois, no início deste trabalho, exaltamos que uma das motivações das pesquisas se deu através do contato com ETAs que atuavam em cursos voltados para a comunidade, especificamente adolescentes e terceira idade. A partir desses cursos, vimos resultados satisfatórios na formação educacional de adolescentes que não teriam oportunidades de pagarem cursos particulares de língua estrangeira. Além disso, problematizamos questões ligadas às representações de ambos países dentro e fora de sala de aula.

Não vemos de forma negativa a atuação dos ETAs no IsF. Sabemos que existem acordos feitos entre os governos do Brasil e dos EUA, assim como editais para a atuação desses estagiários nos cursos de Letras. Entretanto, podemos perceber que na balança ensino superior x ensino básico, ou área prioritária x área não prioritária o governo brasileiro tem ido em contramão ao desenvolvimento, ao reforçar o ensino superior como prioritário. Modelos como esses auxiliam e perpetuam a atuação pós-colonialista de países como os Estados Unidos.

CAPITULO 2

2.1 Arcabouço Teórico

Como vimos na introdução deste trabalho, lidaremos com questões que envolvem o papel da linguagem em suas práticas discursivas. Dentro do programa de mestrado ao qual a pesquisa está vinculada, denominado “Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos”, o que nos interessa neste capítulo teórico é articular conceitos da AD, e pensar como eles são operacionalizados em processos enunciativos estadunidenses, seja em dizeres dos ETAs ou em textos jornalísticos. Para tanto, nosso objeto de análise se constitui na (im)possível articulação do dizer dos ETAs com as textos jornalístico veiculadas na mídia analisada, o que nos permitiu discutir algumas representações de Brasil ali presentes, o possível deslocamento que essas representações possam estar sofrendo durante o século XXI, especificamente nos anos de 2012 e 2013, a interdiscursividade presente nos dizeres dos ETAs, assim como a memória discursiva que perpassa essa noção de Brasil que nosso objeto de análise possui.

Acreditamos nas bases teóricas da Análise de Discurso (AD) de linha francesa como alicerce de colaboração para o desenvolvimento do trabalho pois, entre os campos da linguística, essa perspectiva teórica é que sustenta o que entendemos como linguagem. Afinal a linguagem não é garantia de clareza. Respeitamos a contribuição do campo para discutir a hipótese que levantamos na introdução dessa dissertação, e de que forma os efeitos de sentido de Brasil são constituídos dentro dos discursos. Para a AD, a linguagem permite a representação do mundo suscitando efeitos de sentido e, também, instaura conflitos justamente pelos sentidos não serem constitutivos da materialidade linguística, mas serem resultado da articulação entre a impossibilidade de totalidade, das condições de produção, do entrecruzamento entre história, ideologia e subjetividade. Sustentados, então, no conceito de sujeito elaborado na AD com base na teoria não subjetiva da subjetividade com base psicanalítica e, em noções de representação, discurso, memória discursiva, interdiscurso, formações discursivas e imaginárias, a pesquisa visa à contribuir com os estudos discursivos no que concerne a representação de Brasil neste momento histórico. Afinal, o país tem vivenciado especulações sobre uma possível transição econômica nos últimos anos. Portanto, pensamos que este

aspecto histórico-social integre a constituição da memória discursiva sobre o Brasil que incide em nossos participantes da pesquisa e nos textos jornalísticos trabalhados.

2.1. O sujeito de linguagem

Uma vez que esta pesquisa trabalhou com questionários respondidos pelos ETAs sobre a representação que os mesmos possuíam de Brasil antes e depois de virem morar no país, é importante ressaltarmos o caráter da língua para a AD na constituição do sujeito que, para a corrente teórica em tela, o vê como constituído na/pela linguagem. A língua, dentro da AD, está submetida aos discursos, assim como o uso que os sujeitos fazem dela. A noção de língua não está restrita ao sistema linguístico em si. Enunciados podem fazer ou não sentido não somente pela disposição dos elementos linguísticos em sua constituição, mas, também, por meio das condições de produção que os envolvem. Portanto, Pêcheux afasta-se das propostas como as de Saussure e outros linguistas no que tange que a concepção de língua de Saussure não possibilitaria que o sentido de um enunciado fosse deslocado. Entender a língua em uma perspectiva pecheutiana significa:

[...] tomá-la em sua forma material enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentidos (FERREIRA, 2003, p. 196).

Dessa forma, os enunciados são da ordem do repetível, visto que, em uma sequência de termos lexicais, o sentido não está na sequência em si. Na verdade, ele está condicionado à exterioridade que marca a produção de linguagem, ou seja, o social, o histórico e o ideológico.

Diante disso, é importante esclarecermos alguns aspectos conceituais sobre o conceito de sujeito para a AD, mostrando a relevância de tal conceito na perspectiva discursiva. Dessa forma, circunciamos a relação que se estabelece entre linguagem e discurso, e o próprio sujeito nesse processo de uso da linguagem. Ressaltamos que em uma frente linguística ou em outra, a visão que se tem do sujeito é fruto da concepção de linguagem que os teóricos adotam para seus estudos, por isso a relevância de estudarmos o sujeito discursivo a partir do entendimento de linguagem que tal teoria postula.

Portanto, dentro da AD, o sujeito é constantemente perpassado por discursos que circulam e que o interpelam, e o sentido deixa de ser atribuído ao que é estruturalmente da língua e associa-se a discursos outros, reforçando seu caráter de equivocidade. Para isso, PÊCHEUX (1983a, p.55) afirma que:

(...) o discurso-outro que, enquanto espaço virtual de leitura ou presença virtual na materialidade descritível, marca, no interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço e de memória histórica, como o próprio princípio do real sócio- histórico).

Nesse sentido, a AD trabalha com a linguagem entre sua tensão histórica, interdiscursiva e linguístico-sistêmica, o que não abarca a totalidade, ou seja, existe algo que à linguagem não é possível representar.

Nesse embate, o sujeito discursivo é o sujeito que está em constante construção, ancorando-se em discursividades que o representem e que representem o outro. Um indivíduo só advém como sujeito a partir do momento em que se inscreve na linguagem, ou seja, a linguagem pré-existe ao devir do sujeito. O sujeito discursivo não é entendido como algo espontâneo, mas sim como uma atribuição de posição dada a um indivíduo via linguagem e interpelação ideológica. Dessa forma, segundo Pêcheux (2009, p. 141), o sujeito é “um indivíduo interpelado em sujeito”, ou seja, inscrever-se na linguagem é fazer parte de uma conjuntura sócio-histórico-ideológica específica a qual-repercuta na ilusória sensação que o sujeito tem de que é ele quem faz uso da linguagem e de que suas escolhas são conscientes e que ele é fonte dos sentidos produzidos nos enunciados. A essa ilusória autonomia que sustenta o funcionamento imaginário da subjetividade no discurso, Pêcheux (1988) chamou de forma-sujeito, apoiado em trabalhos althusserianos que enfatizavam o peso da interpelação, noção que remete aos “esquecimentos” constitutivos do processo de interpelação, que promove a incorporação e a dissimulação do interdiscurso¹⁹.

Avançando, porém em sua elaboração sobre a ilusão subjetiva, o autor propõe a noção de efeito-sujeito, que alude aos “esquecimentos” fundantes da posição de sujeito que fazem com que alguém recalcque que não é fonte nem origem do dizer que produz. Esse processo permite a alguém se apropriar da linguagem com o objetivo de se fazer entender, na ilusão de que os sentidos são transparentes e de que ele mesmo possui uma unidade. O possível reconhecimento do sujeito enquanto uma unidade, ainda que

¹⁹ Esse conceito será expandido um pouco mais adiante.

ilusória, assim, reside no esquecimento da submissão e da determinação necessárias aos dispositivos discursivos. A noção de efeito-sujeito, portanto, reforça a ênfase pecheutiana na instância imaginária subjetiva e possibilita a análise das identificações que um sujeito instaura com as formações discursivas que constituem o dizer.

Ter essa visão teórica colaborará com o trabalho de qual maneira? Devemos pensar que a linguagem desestabiliza verdades que poderiam ser ditas como absolutas, o discurso tem seus efeitos de sentido decorrentes das condições sócio históricas em que é produzido, e as ideologias a que ele se filia. Portanto, o que analisaremos nos dizeres dos ETAs e nos textos jornalísticos é justamente as representações de Brasil existentes em condições de produção específicas e que se articulam entre o histórico e o social, elencando as possibilidades de que novas discursividades aí incidam. Afinal, as verdades que os sujeitos elaboram sobre si mesmos e sobre os outros são transitórias, visto que o mundo é a representação de coisas e sujeitos por via da linguagem, a qual pode ressignificá-los a qualquer momento.

2.2 Representação, Memória Discursiva e Interdiscurso

As produções de linguagem são representacionais. Consequentemente, todo objeto, a partir do momento em que sofre a mediação da linguagem, deixa de ser um elemento real para ser referido com um significante, constituindo, assim, uma representação. Para TAVARES e HENRIQUES (2015):

Pelo termo representação, entendemos uma construção discursiva apoiada na propriedade parafrástica e polissêmica da linguagem, que visa a recobrir os objetos do mundo por meio da linguagem, de forma que eles façam (e produzam) sentidos.

A linguagem é constitutiva de um sistema simbólico, que possibilita efeitos de sentido a partir do jogo ideológico e das condições sócio-históricas, que são da ordem de uma exterioridade ao sujeito. Toda produção linguística consiste em formas de (re)produção de efeitos de sentidos. Algumas delas possibilitam a construção de representações materializadas via linguagem. Devido ao caráter opaco da linguagem, porém, a representação jamais conseguirá abarcar o objeto pela palavra. A faculdade de representar o mundo é responsável por permitir ao sujeito atribuir sentidos a ele e, no mundo, assumir uma posição, indiciando que toda prática de representação deixa flagrant

não só a incidência do sócio histórico e ideológico na discursivização dos objetos, mas, também, a subjetividade que marca a relação do sujeito com eles. De acordo com WOODWARD (2008, p.17):

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

O sujeito está nesse processo de mediação, que configura-se na mediação entre ele mesmo e o mundo, via linguagem. A linguagem é como a ponte que liga o sujeito ao mundo e que possibilita que ele emerga como sujeito de linguagem. Portanto, ao enunciar, o sujeito está o tempo todo representando, pois falar não implica estar em consonância com algo da ordem do que é real, e a ação de representar é a possibilidade de discursivizar sobre algo, descartando a possibilidade de contato real com o objeto. Para LEBRUN (2008, p.49).

Falar supõe um recuo, implica não estar mais em simbiose com as coisas, poder distanciar-se, não estar mais apenas no imediato, na urgência. Falar exige um desapossamento, uma des-sideração, um desprendimento, um deslocamento do real, põe em ato um desvio, uma distância obrigatória.

Dessa forma, representar o Brasil implica em, assim como diz o autor, distanciar-se do objeto. Nesta pesquisa percebemos que nosso *corpus* se distancia do que venha ser o Brasil via discurso. Os discursos apresentam aos sujeitos formações pré-construídas a respeito de algo, sendo que os sujeitos se afastam do que poderia vir a ser a “essência” do objeto, já que estão interpelados por discursos que continuamente representam o mundo em que estão inseridos, não havendo possibilidade de nem ao menos tangenciar a essência, porque o objeto do discurso só existe discursivamente.

Assim, entendemos que a representação é um dos elementos que compõem a memória discursiva, a qual é dinâmica e se (re)significa por meio dos conflitos que os fatores sociais e que o próprio discurso instaura. Segundo Pechêux (1999, p. 52)

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os *implícitos* (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados,

discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Portanto, a memória discursiva que compunha um imaginário de Brasil para os estrangeiros em outro período histórico que não seja o tratado nesta dissertação pode, por exemplo, não ser a mesma que interpela os estudantes estadunidenses e que acentua seus interesses em optarem pelo Brasil para estagiarem, ou que perpassa a produção dos textos jornalísticos que trabalhamos no capítulo de análise dessa dissertação, pois concordamos com Pêcheux (1999, p. 56), quando afirma:

[U]ma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Ao entendermos que a produção de um enunciado se apoia em um já-dito, é importante pontuarmos que a memória é a grande possibilitadora da (re)produção desse dizer que outrora já fora enunciado, pois ela é o próprio pré-construído que permite remeter ao já-dito, ao sempre já aí. Portanto, consideramos o processo enunciativo como a atuação da memória sobre um objeto específico que, para esse estudo, é o Brasil.

Enquanto a memória é o que permite a constituição do imaginário sobre um determinado objeto, o dizer do sujeito é a instância em que traços dos discursos que atuam na memória possam ser indiciados. Sendo assim, nenhum dizer é igual ao outro, uma produção linguageira é parafraseada, ressignificada no ato enunciativo de um sujeito. Portanto, é na materialidade das produções linguageiras que os analistas de discurso buscarão possíveis traços de discursos que constituem a memória e que atuam no dizer do sujeito, fixando sentidos, resignificando-os e/ou desestabilizando-os.

Neste ponto, é importante considerarmos o conceito de interdiscurso, pois apostamos que ele estará presente na análise dos dizeres dos ETAs, porque ele está em operação em todo o dizer. Na discussão dos resultados de análise, abordaremos para que tipo de interdiscursividade ele remete e estabeleceremos em que medida há relação com os textos jornalísticos analisados. Tomamos o interdiscurso a partir da leitura que Gregolim (2007, p.159) faz do conceito pecheutiano:

[...] o interdiscurso é o lugar em que se constituem, para um sujeito que produz uma seqüência discursiva dominada por uma FD [*formação discursiva*]²⁰ determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio das quais o sujeito enunciador dará coerência a seu propósito no interior do *intra-discurso*, da seqüência discursiva que ele enuncia.

Se por um lado Pêcheux reputa as reformulações e paráfrases constitutivas do dizer à operação do já-dito e às identificações às formações discursivas e ideológicas; por outro ele postula que as brechas do dizer, ou seja, aquilo que falha, que equivoca, apontam para o efeito da operação do inconsciente do sujeito no dizer. Isso seria o interdiscurso, ou seja, a operação da alteridade discursiva que compõe o dizer, fazendo operar o que não está na linearidade do dizer, ou seja no intradiscurso, na produção dos efeitos de sentido. Ele se refere à operação do pré-construído, da memória discursiva, que evidenciam que todo o dizer remete a um outro, que “fala em outro lugar, antes e independentemente” (PÊCHEUX, 2009, P. 162).

Portanto, há uma conjuntura sócio-histórico-ideológica que opera na produção dos sentidos. De acordo com Orlandi (2010, p. 15),

(...) A análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Também nos preocupamos em levantar a possibilidade de representações estabelecerem estereótipos de um objeto por meio de discursos específicos, o quais agenciam uma memória de algo já dito sobre esse objeto. Dessa maneira, baseados nas noções de memória e de pré-construído de Pêcheux (1999), Amossy e Pierrot (2005, p. 113) propõem que:

a noção de estereótipo encontra-se duplamente relacionada ao pré-construído: em primeiro lugar, no sentido de que designa um tipo de construção sintática que põe em cena algo afirmado antes, independentemente; e, em segundo lugar, no sentido mais amplo de que o pré-construído seria uma espécie de “rastros” no enunciado individual, de discursos e juízos prévios cuja origem enunciativa foi esquecida.

²⁰ Abordaremos o conceito de formação discursiva no próximo tópico.

Tomamos estereótipos, então, como sendo um conjunto de ideias que se cristalizam e naturalizam certos efeitos de sentidos sobre um objeto de discurso, delineando posições subjetivas e reforçando representações sobre ele, que, no caso desta pesquisa, é o Brasil. Portanto, sob essa perspectiva, não há sentidos que poderiam suscitar conotações negativas ou positivas no estereótipo em si. Os efeitos de sentido que eles provocam podem ratificar algo já estabilizado na memória discursiva que se mostra como cristalizado. Assim, os gestos de interpretação sobre um *corpus* se dão no sentido de explicitar a relação com aquilo que se diz na linearidade da materialidade linguística (intradiscurso) e o interdiscurso.

Nessa relação que o discurso estabelece entre o que é da língua, o que é do social e do histórico, a pesquisa buscou ancorar suas análises e elencar algumas representações de Brasil presentes em textos jornalísticos e dizeres dos ETAs, que poderiam ou não corroborar para a naturalização do dizer sobre o país, assim como para uma desestabilização de sentidos sobre o Brasil. Além disso, através de algumas regularidades linguísticas, empreender tentativas de elucidar possíveis interpelações às quais os participantes possam estar submetidos, de forma que as representações exerçam uma função na escolha dos ETAs pelo Brasil.

Trabalhamos, na análise do *corpus*, com a heterogeneidade, que é constitutiva do dizer, cuja análise expõe a não regularização do discurso. Entretanto, o registro imaginário, em sua articulação com o simbólico, torna possível conceder certa estabilização no dizer em relação a um objeto na descontinuidade discursiva. Essa articulação é responsável por permitir que seja possível atribuir efeitos de sentido aos dizeres. Para a AD, o imaginário, atuando via memória discursiva, aponta para as condições de produção que permitem que determinados enunciados sejam produzidos.

2.3 Formações Discursivas e Formações Imaginárias – possíveis articulações

Para a AD, o que é dito por um sujeito está sob a interpelação dos dispositivos discursivos, sendo que entre esses dispositivos, nos é importante averiguar, neste ponto do trabalho, sob quais formações discursivas (FD) o sujeito está interpelado e identificado no momento em que enuncia sobre o Brasil. Segundo Pechêux (1975, p.147), em uma data época da AD, a FD é:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Compreende-se assim que os dizeres dos participantes, assim como os textos jornalísticos que compõem o *corpus* de pesquisa, produziram-se diante da possibilidade de ambos estarem identificados a alguma(s) formação(ões) discursiva(s) que lhes possibilitaram tecer esse dizer, ancorados em formações imaginárias que suscitaram projeções dos lugares de interlocução e na memória discursiva de Brasil para esses estrangeiros. Utilizamos o termo FDs no plural para evidenciarmos que a heterogeneidade constitutiva do dizer abre a possibilidade de demarcarmos algumas FDs que estão presentes em um mesmo dizer, pois não há dizer que se construa ancorado apenas em uma FD. Elas estão sempre intrincadas.

Portanto, a possibilidade de dizer e silenciar algo (silenciar no sentido de não haver materialidade que se manifeste no momento enunciativo), está exatamente no fato de haver o que pode ou não ser dito dentro de uma determinada articulação de formações discursivas.

Ou seja, os gestos de interpretação sobre um *corpus* de análise se dão a partir da atenção ao que se repete e ao que quebra a linearidade da cadeia discursiva, e do levantamento de possíveis formações discursivas que legitimem determinados discursos. O conceito de FD interessa à pesquisa, porque a articulação entre as formações às quais alguém se identifica para enunciar se alia à heterogeneidade constitutiva do discurso, indiciando a contradição, a ambiguidade, o interdiscurso, a memória discursiva, bem como o inconsciente enquanto discurso do Outro. Nesse sentido, Pêcheux (1988, p. 160) acredita que:

(...) as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...)

Para a AD, ainda, o imaginário nos leva a pensar que um dizer só pode ser enunciado em determinadas condições de produção, perante Formações Imaginárias (FIs) que A faz de B e vice-versa. Para Pêcheux (1993, p.75) “O que funciona nos processos discursivos é uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que

A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.”

A partir do conceito lacaniano de imaginário, Pêcheux (2009) conceitua as FIs como resultantes de processos discursivos anteriores. Nesse sentido, as FIs manifestam-se, no processo discursivo, por meio da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor. Para esta pesquisa, os participantes, as fontes midiáticas e as discursividades produzidas pelos enunciadores projetam uma representação que remete aos lugares discursivos ocupados por eles, valendo-se de uma memória discursiva de Brasil. Além disso, a posição ocupada pelo sujeito, no momento em que este enuncia, estabelece as relações discursivas de força, sendo que os sentidos sempre são da ordem de uma relação entre diferentes discursos. Ao enunciar, A faz uma projeção de quem é B, de quem é ele mesmo, do lugar discursivo que A e B ocupam. As representações desses lugares discursivos e as antecipações que elas possibilitam pela via da projeção são responsáveis pelas relações entre as diversas situações discursivas, as posições que os interlocutores assumem para enunciar, mediante as condições de produção. Assim, um discurso pode ser considerado como efeito de sentidos entre interlocutores. Além disso, as FIs enquanto um conceito discursivo elaborado pela AD não diz respeito às fontes de produção de discurso e, sim, às imagens que são resultantes de projeções produzidas por essas fontes.

2.4 Heterogeneidade Discursiva

Trabalhamos com o conceito de heterogeneidade enunciativa da autora AUTHIER-REVUZ (1990) pois, tal conceito nos dá a possibilidade de desenvolvermos uma análise diante da heterogeneidade constitutiva do dizer dos ETA's e do discurso jornalístico, os quais, quando considerados em relação à alteridade, é constituído na e pela presença de um Outro²¹. De acordo com LIMA (2009).

Inscrita no campo específico da Lingüística, Authier-Revuz analisa os processos enunciativos sob uma perspectiva que enfoca a presença do *Outro/outro* na enunciação, tematizada a partir do reconhecimento da língua como sistema de diferenças e como espaço de equívoco.

²¹ Ao utilizar o termo Outro, Authier-Revuz refere-se ao inconsciente de Lacan e ao simbólico que representa a linguagem, ao ponto que ao utilizar o termo outro, ela refere-se ao interlocutor.

Associada à temática da *heterogeneidade*, cujo pressuposto atribui ao sujeito seu descentramento e ao *Outro* um papel primordial no discurso do *Mesmo*, a autora toma a heterogeneidade como fundante – a linguagem é heterogênea em sua constituição –, buscando, a partir de um procedimento, colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso e apresentar os elementos decisivos para o surgimento de um discurso outro no discurso do mesmo.

Para Authier-Revuz, “o sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na leitura plural” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 26), leitura plural que será feita com o *corpus* que compõe esse trabalho, pois a heterogeneidade é constitutiva do discurso e a presença do Outro demarca as representações de Brasil.

Segundo a autora, para trabalhar o conceito de heterogeneidade linguística é necessário se apoiar em três diferentes vértices que podem sustentar a maneira pela qual ela enxerga a heterogeneidade na enunciação. Authier-Revuz (1990), propõe uma heterogeneidade que não se restringe apenas ao discurso, mas também ao sujeito. Dessa forma, os vértices que sustentam sua tese estão no interdiscurso, no dialogismo bakhtiniano e no conceito de sujeito levantado por Freud e sua releitura feita por Lacan. No que diz respeito ao dialogismo bakhtiniano a autora afirma que:

O “dialogismo” do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros”: esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos “falares sociais”, das formas linguísticas e discursivas do hibridismo, da bivocalidade que permitem a representação no discurso do discurso do outro, gêneros literários manifestando uma “consciência galileana da linguagem”, um rir carnavalesco, um romance polifônico. AUTHIER REVUZ (1990, p. 26).

Dessa forma, nossa materialidade linguística dentro do *corpus* trabalhado na dissertação é o que nos permite levantar esses dialogismos discursivos, os quais demonstram que o que o sujeito enuncia não é algo que parte de seu consciente, mas sim uma manifestação de diferentes vozes, de coisas já ditas e representadas anteriormente. Nesse sentido, é que temos o conceito de interdiscurso como a produção de enunciados permeados de dizeres heterogêneos e constituídos por diferentes FDs. Portanto, ainda seguindo um dos vértices propostos por Authier Revuz (1990, p. 27):

Baseados ao mesmo tempo na reflexão de Foucault e na de Althusser, tais análises postulam um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e efeito.

O último elemento que se deve levar em consideração na constituição da heterogeneidade do dizer é a manifestação do inconsciente como o discurso do Outro. Como já dissemos aqui, o sujeito não é origem de seu dizer, ou seja, o que o sujeito enuncia é algo que antes fora enunciado por um Outro. Esse se vale da ilusão de que tem controle sobre seu dizer, o que na verdade não passa de um dizer heterogêneo carregado de elementos de outros dizeres. Nesse sentido, Authier Revuz (1990, p.28) traz o terceiro vértice que compõe a heterogeneidade linguística, o inconsciente, segundo ela:

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado...pouco importa a palavra desde que longe do desdobramento do sujeito ou da divisão como efeito sobre o sujeito do seu encontro com o mundo exterior, divisão que se poderia tentar apagar por um trabalho de restauração da unidade da pessoa, mantido o caráter estrutural constitutivo da clivagem pelo sujeito.

Nossa análise se baseou nesses vértices propostos por Authier-Revuz para fortalecemos a ideia de que, nos dizeres dos ETAs e nos textos jornalísticos, as representações do Brasil no período analisado são perpassadas pela heterogeneidade discursiva e pela identificação a FDs distintas que, por vezes, se manifestam através de processos inconscientes do sujeito.

2.5 Remontando o aparato teórico às questões de pesquisa

Alinhando os fios dos pressupostos teóricos discutidos até aqui, propomos que a interdiscursividade presente nos dizeres dos ETAs é a possibilidade de elencarmos possíveis (contra)pontos com o discurso jornalístico estadunidense. Portanto, reforçamos que o interdiscurso é colocado em operação a partir das FDs que constituem os dizeres sobre determinados objetos. Ou seja, em produções enunciativas, vão existir

formações discursivas operantes dentro do enunciado, e o interdiscurso é a manifestação de elementos das formações discursivas nas quais se constitui o enunciado. Nossa investigação traz a possibilidade de deslocar uma ideia recorrente do senso comum de que os sujeitos são o tempo todo interpelados pelos discursos midiáticos, pois o atravessamento interdiscursivo, dentro desse trabalho, poderá nos mostrar que são outros discursos que operam as interpelações sofridas por nossos ETAs. Dessa forma, a partir da materialidade linguística, será possível levantarmos gestos de interpretação (ORLANDI, 1996) para possíveis formações discursivas, associadas aos elementos citados acima, e se filiam à esses ETAs via interdiscurso presente nesse dizer.

Além disso, a perspectiva discursiva permitirá ao pesquisador empreender gestos de interpretação em relação aos textos sobre Brasil encontrados nos resultados das ferramentas de busca do *The Huffington Post* e *The New York Times* (imagens presentes na metodologia desse trabalho), assim como gestos sobre os dizeres dos participantes da pesquisa. Trata-se de considerar os fatores que permitem ao sujeito e aos jornais produzirem um determinado enunciado, elencando as condições de produção desse enunciado, o contexto histórico, o posicionamento que este sujeito e veículo de comunicação adotam no momento de produção do enunciado, a heterogeneidade constitutiva de seus dizeres, e, por fim, para quem esse enunciado está sendo produzido. Todos esses elementos serão levados em consideração no momento de análise.

No que diz respeito ao conceito de sujeito mobilizado neste trabalho, consideramos os ETAs como não sendo fonte de seus dizeres. Pretendemos discutir entender quais formações discursivas permeiam esses dizeres e tentar traçar o funcionamento da interpelação que o discurso jornalístico pode ou não exercer nas respostas que os ETAs deram para nossas perguntas, reforçando a ideia de que as FDs podem cristalizar representações sobre um lugar, aos modos de um funcionamento discursivo que reforça estereótipos.

Pensando no sentido como efeito, olhamos para o *corpus* buscando entender o que ele pode nos oferecer de informações sobre o Brasil e suas representações. O olhar para o *corpus* possibilita elencar quais representações de Brasil estão ali presentes e, analisar o funcionamento discursivo para a delimitação dessas representações, discutindo os efeitos de sentido que elas produzem, para só assim, demonstrar a quais representações os estagiários ETAs possam estar identificados e de que forma os dizeres indiciam essa identificação. Utilizamos o termo “identificados”, justamente para ressaltar o aspecto de passividade no processo de identificação, uma vez que, na

perspectiva discursiva, a identificação não tem como origem o sujeito, mas, sim, a interpelação sofrida pelo sujeito. O sujeito identifica-se às formações ideológicas e discursivas que pré-existem a eles. Dessa maneira, o sujeito nasce em um mundo já simbolizado pela linguagem, sendo que esta é a possibilitadora das identificações instauradas. Portanto, não são nos ETAs que se origina a ação de identificarem-se por uma ou outra representação de Brasil. Acreditamos, nessa pesquisa, que os discursos sobre o Brasil já circulam, e por aspectos subjetivos e singulares, nossos participantes da pesquisa se identificam a uns, ao mesmo tempo em que resistem de outros.

Retomamos a noção de representação para enfatizar que ela é uma construção imaginária diretamente ligada ao olhar dos indivíduos para o mundo e pelo afetamento que os discursos provocam em seu olhar. Ou seja, algo que deriva do real da língua, a qual é equivocada e cuja manifestação no discurso é constitutivamente heterogênea. PÊCHEUX (1983, p. 50) pontua que:

Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan.

Contudo, compreendemos que a representação é simbólica e, assim como a linguagem, o simbólico intermedia essa experiência do homem com o mundo. Dessa forma, a linguagem é própria representação, pois ela agrega significado a coisas que deixam de ser um objeto em si, atribuindo a eles um significante que o representa. Para LARROSA (1994, p.83).

O que é evidente, além disso, não é senão o resultado de uma certa disposição do espaço, de uma particular exposição das coisas de uma determinada constituição do lugar no olhar. Por isso, nosso olhar, inclusive naquilo que é evidente, é muito menos livre do que pensamos. E é porque não vemos tudo o que o constrange no próprio movimento que o torna possível. Nosso olhar está constituído por todos esses aparatos que nos fazem ver e ver de uma determinada maneira.

Assim, como já disposto por Larrosa, podemos tentar analisar, nos dizeres dos estudantes, de que forma o discurso se apresenta como um dos “aparatos” que constituem o ato de representar o Brasil para os estrangeiros; pensando que o olhar para o que seja tipicamente brasileiro não parte do natural, e sim da naturalidade criada

do que venha a ser o Brasil em um imaginário estrangeiro, sendo que essa naturalidade pode ter sua origem nos textos jornalísticos.

Portanto, a importância de analisar e problematizar as formas de representação de Brasil a partir de dizeres dos estudantes estrangeiros no Brasil e dos textos veiculados fora do país reside em entender o funcionamento discursivo das representações de Brasil constantes da memória discursiva dos ETAs; e analisar como essa memória é construída. Pretende-se averiguar a heterogeneidade discursiva que constitui o dizer dos participantes e os trechos de revistas e jornais, a fim de traçar a interdiscursividade ali presente.

A partir de todos os pressupostos elencados anteriormente é que colocaremos a análise discursiva em prática. É importante, antes de partirmos para a materialidade, levarmos em consideração os mecanismos constitutivos da linguagem, que operacionalizam os significantes que os sujeitos utilizam. E é na relação entre intra e interdiscurso que será possível perceber o que pretendemos com o trabalho, auxiliados pela disposição e pela escolha dos elementos linguísticos.

CAPÍTULO 3

3.1 Metodologia

O percurso metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa, seguiu dois passos distintos, porém, como já explicitado na introdução do trabalho, isso não significa que ambos não foram feitos concomitantemente. Em um primeiro momento foi definido quem seriam os participantes da pesquisa e de que forma aplicaríamos questionários que pudessem estimular que os ETAs enunciassem sobre o Brasil. Em um segundo momento e, ancorados no dizer dos ETAs, buscamos informações sobre as representações de Brasil que circulam nos textos jornalísticos dos Estados Unidos.

Dessa forma, definimos duas fontes de análise, as quais foram os dizeres dos ETAs em intercâmbio na UFU que participaram das parcerias estabelecidas entre *FulBright* e CAPES, e os textos jornalísticos.

Quando fizemos as entrevistas com os ETAs, ainda não tínhamos em mente quais veículos específicos da mídia estadunidense iríamos usar para compor nosso corpus, sendo que após as entrevistas definimos esses veículos ancorados no dizer dos ETAs. Diante das respostas aos questionários, vimos a necessidade de voltar aos participantes de pesquisa e perguntar sobre quais veículos de comunicação eles tinham mais acesso. Todos sinalizaram diferentes fontes, porém duas fontes foram apontadas por todos como fonte de obtenção de informações. Dessa forma, esses dois veículos foram escolhidos como aqueles que nos dariam subsídios para o trabalho.

3.1.1 Etapa 1 – Parte do *corpus* composta pelos dizeres dos estagiários

Para melhor circunstanciar nosso trabalho é bom explicarmos como consistiram as etapas de submissão dos questionários aos estagiários estadunidenses²². O primeiro questionário (anexo 1) foi aplicado antes que os estagiários viessem morar no Brasil. Foi dele que partiu a iniciativa de buscarmos textos na mídia para, possivelmente, levantarmos o interdiscurso em operação nos processos enunciativos

²² Lembramos que os questionários estão na sessão de anexos do trabalho.

desses estagiários. A partir das respostas à pergunta “*What kind of media do you use to get information about the world, TV, internet, news, magazines, etc? How often do you use it ?*”²³ é que definimos que trabalharíamos com textos jornalísticos de jornais e revistas que possuísem páginas online e perfis em redes sociais. Entretanto, isso ainda nos parecia muito vago, pois existem vários jornais e revistas com essas características que seriam passíveis de análise dentro de um universo midiático estadunidense.

Dessa forma, tendo sido feita uma análise preliminar das respostas do primeiro questionário, resolvemos entrar em contato com nossos participantes de pesquisa mais uma vez, para, nesse momento, fazermos apenas 3 perguntas, as quais não fazem parte dos questionários em anexo, pois foram perguntas isoladas, que auxiliaram na escolha dos veículos de comunicação. As perguntas foram:

- *Do you follow any newspaper or magazine on social networks?*
- *Do you get attention to their headlines on your news feed?*
- *Which newspaper and magazines do you usually access?*²⁴

Como dissemos, escolhemos apenas 2 veículos para serem trabalhados, explicaremos quais foram e porquê eles foram selecionados no subtópico referente a etapa de coleta do *corpus* jornalístico.

Ainda no anseio de enriquecermos nosso corpus e sustentarmos uma análise mais concisa do que nos propusemos nesta dissertação, submetemos nossos participantes a um segundo questionário (Anexo 2). Estas perguntas foram aplicadas ao final do período de permanência dos estagiários no Brasil. Como já mencionado na introdução deste trabalho e mediante nossas perguntas de pesquisa, nosso intuito não é analisar os deslocamentos e resignificações das representações de Brasil dos participantes. Porém, ao aplicar o segundo questionário, pudemos elencar temáticas de textos jornalísticos que poderiam ser trabalhadas dentro do corpus jornalístico.

O corpus referente aos dizeres dos estagiários foi fornecido por 4 jovens entre 20 e 30 anos que declararam no questionário, como já dissemos, que a mídia digital consiste na grande fonte de informação a que eles têm acesso e efetivamente acessam.

²³ Tradução: “Qual o tipo de mídia você utiliza para obter informações sobre o mundo, TV, internet, jornais, revistas, etc? Com que frequência você as utiliza?”

²⁴ Tradução: Você segue algum jornal ou revista nas redes sociais?
Você presta atenção as manchetes em seu “feed” de notícias?
Quais jornais e revistas você frequentemente acessa?

Levamos em consideração que eles representam um recorte dos leitores que não leem os textos jornalísticos por inteiro e, em muitas situações, restringem-se apenas ao que está escrito na página inicial ou na capa, ou ao que chama mais atenção. Por esse motivo, não temos a pretensão de analisarmos os textos jornalísticos na íntegra, mas centralizarmos nossa análise nas representações recorrentes nos textos. Afinal, o bombardeamento de informações que as pessoas sofrem nas redes sociais cotidianamente e perante as demandas de uma sociedade pós-moderna, em que as pessoas correm contra o tempo, não permite, frequentemente, que as pessoas leiam inteiramente o que é postado nas redes, ou nos sites dos veículos de comunicação que nos propomos a trabalhar.

Portanto, delimitamos a pesquisa a manchetes e trechos dos dois veículos distintos (apontados pelos próprios participantes) que possuem recursos online, pois em uma era extremamente digital, podemos contar com a veiculação dessas manchetes não apenas em textos impressos, mas também em mídia digital, visto que, muitos jornais e revistas contam com *websites* e recursos em redes sociais para expansão do acesso de suas notícias, o que é o caso dos dois veículos que serão analisados.

Ademais, pela faixa etária dos participantes, e o nível de escolaridade (recém graduados ou pós-graduados), escolhemos recursos disponíveis na internet, considerando o crescimento da era digital e o uso da rede para acesso de informações. Pontuamos que as fontes virtuais atingiram esses estagiários devido ao fato de estarem disponíveis na internet, em suas próprias páginas, assim como seus perfis em redes sociais.

Todas as entrevistas foram feitas por email. Para tanto foi enviado um convite para que esses estagiários participassem da pesquisa. Logo que obtivemos o email resposta com a confirmação da participação, todos assinaram o termo de consentimento exigido pelo conselho de ética e, em seguida, enviamos o questionário 1 com perguntas iniciais. Nos questionários, deixamos livre a escolha da língua de preferência dos participantes para responderem as perguntas.

Acreditávamos relevante elencar um número razoável de perguntas porém, isso não quis dizer que nos delimitamos apenas ao roteiro constante do questionário 1. Assim, caso houvesse margem para maiores discussões e debates, deixamos que os participantes se expressassem à vontade; ou caso houvesse interesse em aplicar novas perguntas, o que ocorreu durante a pesquisa, o faríamos contando que isso poderia ser parte da nossa composição metodológica.

Aplicamos o questionário 2 retomando alguns questionamentos pouco esclarecidos no questionário 1 e, além disso, indagando a respeito de pontos que pudessem colaborar com a análise e condições de produção dos dizeres desses estagiários.

Para a realização das entrevistas, definimos alguns planos de recrutamento, assim como critérios de inclusão e exclusão. Portanto, esses estagiários foram selecionados pelos critérios citados (nacionalidade, situação de estada no Brasil). Todos foram devidamente orientados sobre do que se tratava a temática sendo convidados a participarem. No email de convite foi explicitado, na língua materna dos participantes, todos os procedimentos da pesquisa e qual a importância da participação dos mesmos. Além disso, deixamos claro que, caso eles quisessem, seria disponibilizado o trabalho final com as conclusões de análise.

O participante ficou livre para requisitar sua não participação e reforçamos que tudo foi feito através de condutas éticas que pudessem atribuir credibilidade à pesquisa.

3.1.2 Etapa 2 – Parte do *corpus* composta pelos textos jornalísticos

Até este momento temos visto que os dizeres dos ETAs suscitaram a articulação entre esses dizeres e os textos jornalísticos. Dessa forma, optamos por trabalhar com esses textos, nos moldes em que trabalhamos, justamente pelo fato de o dizer dos ETAs nos apontar essa possibilidade. Neste subtópico apresentamos com quais veículos lidamos e quais os textos extraídos que foram analisados.

Entre os veículos de comunicação que foram trabalhados, optamos pelo *The New York Times*²⁵ e *Huffington Post*²⁶ pois, entre as fontes de leitura dos participantes, todos citam que leem notícias veiculadas nesses veículos frequentemente. Seria interessante para a pesquisa se pudéssemos trabalhar com as outras fontes que são citadas pelos estagiários, entretanto isso deixaria o trabalho com um *corpus* muito extenso. Dessa forma, como objetivamos estabelecer manifestações interdiscursivas que operem entre os dizeres dos ETAs e os textos jornalísticos, as duas fontes que são lidas por todos

²⁵ *The New York Times* é um jornal de circulação diária, internacionalmente conhecido, publicado na cidade de Nova Iorque e distribuído nos Estados Unidos e em muitos outros países. Pertence à The New York Times Company, que também publica outros jornais de grande circulação como o *International Herald Tribune* e o *The Boston Globe* e controla outros dezesseis jornais e cinquenta sites.

²⁶ *The Huffington Post* é um portal de notícias e agregador de blogs americano criado por Arianna Huffington e Kenneth Lerer e lançado em 9 de maio de 2005.

participantes nos pareceram mais viáveis para um desenvolvimento mais incisivo na dissertação. As três perguntas (pag. 48), feitas entre os questionários 1 e 2, consistem na tentativa de entendermos de que forma a memória discursiva de Brasil incidiu nos dizeres dos ETAs que emerge no primeiro ciclo de perguntas, ou seja, a constituição dessa memória discursiva é o que nos motivou a trabalhar com *The New York Times* e *Huffington Post*.

Dessa maneira, as respostas fornecidas para a pergunta “Which newspaper and magazines do you usually access?”²⁷ nortearam nossa fonte de busca. Além disso, já definidos os veículos de comunicação, para agilizar a busca, decidimos que buscaríamos os textos jornalísticos que tivessem a palavra “Brazil” já no título do texto. Para tanto, contamos com o auxílio das ferramentas disponíveis no site dos próprios veículos que pesquisamos, ou seja, no *The New York Times* e no *Huffington Post*.

Ambos possuem uma eficiente ferramenta de busca, em que o interessado pode especificar datas, autores, fontes, etc. Abaixo uma imagem de como a busca é feita no site do *The New York Times*.

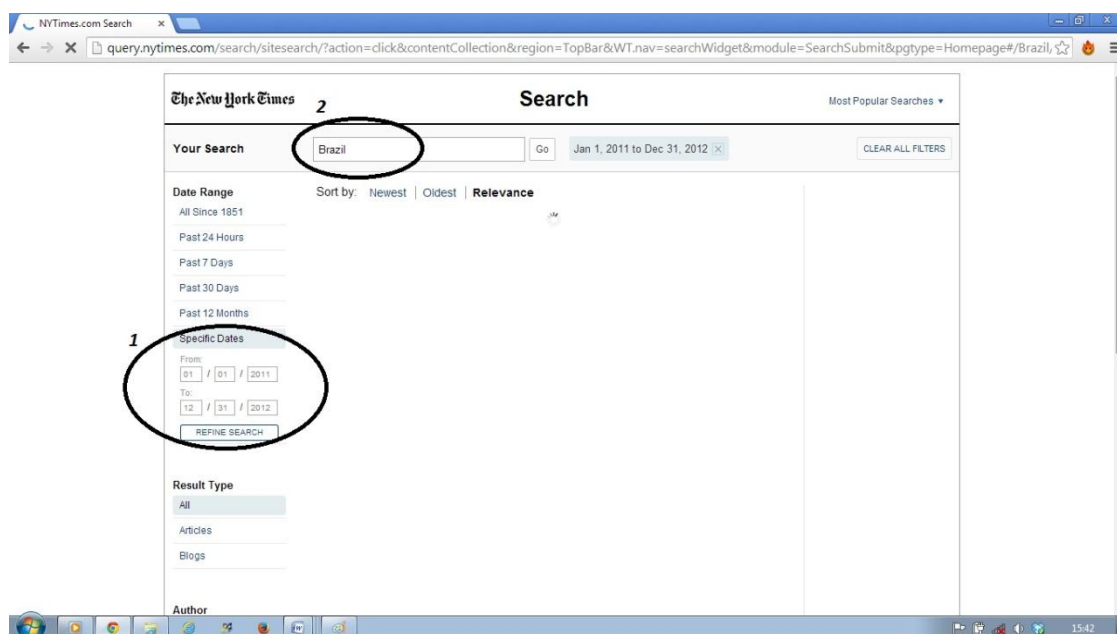


IMAGEM 5 – Página de busca *The New York Times*

A ferramenta pôde evidenciar que tipo de textos jornalísticos são publicados sobre o país no *The New York Times*. Na marcação de número 1 é possível visualizar o campo onde as datas de busca podem ser especificadas (2012 e 2013), e no número 2

²⁷ Tradução: Quais jornais e revistas você acessa frequentemente

vemos o campo de busca pela palavra que nos interessa ao trabalho (*Brazil*). Não é objetivo principal analisar os textos jornalísticos inteiros como já foi dito. Porém, buscamos discutir as representações pontuais de Brasil que possam reverberar na memória discursiva dos estudantes participantes da pesquisa. Para isso dividimos os textos jornalísticos trabalhadas em temas específicos, os quais explicaremos mais adiante.

A busca foi limitada a elementos divulgados sobre o Brasil nos veículos citados acima durante os anos de 2012 e 2013, pois esses são os anos que antecedem a escolha desses ETAs pelo Brasil como país para fazerem o intercâmbio. A escolha do ano tem um propósito, não só porque são os anos que antecedem a decisão dos estudantes estadunidenses pelo Brasil como país de morada, mas também porque o que eles leram sobre o Brasil nesse período pode ter constituído um fator relevante para a escolha do intercâmbio.

Para o *Huffington Post* utilizamos a ferramenta de busca também disponibilizada pelo próprio site. Mais uma ferramenta que também nos possibilitou fazermos a busca pela palavra que queríamos (*Brazil*), especificando as datas em que tal palavra foi veiculada, sendo-nos possível vermos o conteúdo do texto jornalístico na íntegra. A busca pode ser feita assim como mostrado na figura abaixo, sendo a marcação 1 referente às datas de busca e a 2, à palavra buscada.

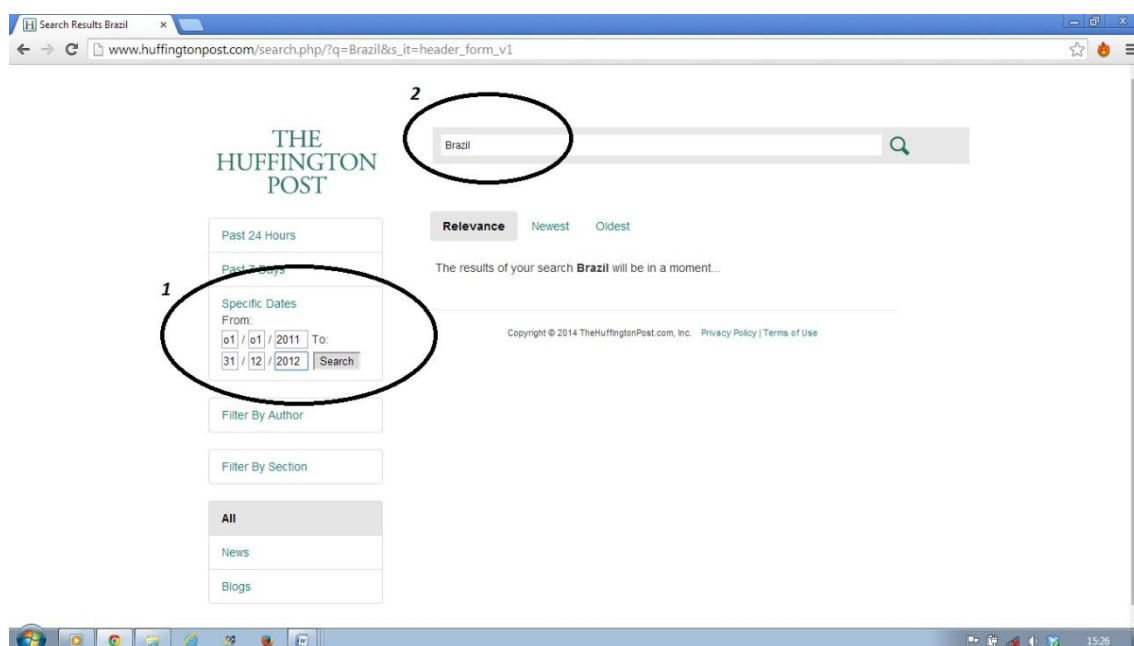


IMAGEM 6– Página de busca The Huffington Post

Dessa forma, as etapas descritas acima são uma das referentes ao desenvolvimento da dissertação. A importância da busca nos sites é elucidar sentidos de Brasil que possam emergir do discurso jornalístico estadunidense, de tal forma que tracemos representações de um país, discutindo os efeitos de sentido das representações de Brasil. Pontuamos que optamos por chamar discurso jornalístico estadunidense, por se tratarem de veículos de comunicação dos EUA. Entretanto, reforçamos que nesta pesquisa tratou-se de um recorte desses dizeres da mídia estadunidense, pois as fontes de produção jornalísticas nos EUA são em grande número e variadas.

Dentro da categoria de textos jornalísticos, ainda nos faltava definir quais textos seriam analisados, pois ao utilizarmos as ferramentas dos sites nos foram abertas várias páginas com um número relevante de textos jornalísticos abordando o Brasil como tema principal. Assim sendo, traçamos que os textos seriam escolhidos pelas datas (2012 e 2013), como já dito, e definimos que trabalharíamos com temáticas desenvolvidas nos textos jornalísticos. De que forma delimitamos essas temáticas?

Em nosso segundo questionário, dentre diferentes perguntas, trabalhamos com a seguinte: “*Which subjects do you prefer to read about in the media?*”²⁸. A partir das respostas dadas pelos ETAs à essa pergunta é que delimitamos que trabalharíamos com os seguintes temas dentro dos textos jornalísticos:

- 1) Educação
- 2) Segurança Pública
- 3) Desigualdade Social
- 4) Política
- 5) Economia
- 6) Cultura
- 7) Recursos Naturais

Obviamente, haviam vários textos jornalísticos durante esse período de dois anos que falavam sobre o mesmo tema. Sendo assim, mais uma vez precisaríamos delimitar e fazer um recorte para que o *corpus* não se estendesse de forma a impossibilitar que o foco da pesquisa recaísse na articulação entre os dizeres dos participantes com os textos, ou que a extensão do *corpus* inviabilizasse a pesquisa de mestrado restringida pelo

²⁸ Tradução: “Sobre quais assuntos você prefere ler?”

prazo para que seja completada. Portanto, limitamo-nos a nove textos jornalísticos que teriam seus trechos analisados porque seus títulos remetiam, em alguma medida, aos temas estabelecidos acima. Os textos jornalísticos escolhidos foram:

1. *Race In Brazil: Majority-Minority Nation Offers Lesson To U.S.* (Huffington Post)
2. *Brazil Enacts Affirmative Action Law for Universities* (The New York Times)
3. *Brazil, 7th Most Violent Country In The World, Had 1.1 Million Murders Between 1980 and 2011* (Huffington Post)
4. *The Pope May Be Argentine But 'God Is Brazilian'* (Huffington Post)
5. *Brazil Raises \$9.1 Billion in Privatizing 2 Airports* (The New York Times)
6. *Brazil's Atlantic Forest Deforestation Is Causing Rapid Seed Evolution, Study Shows* (Huffington Post)
7. *How Angry Is Brazil? Pelé Now Has Feet of Clay* (The New York Times)
8. *Let's Be Brazil* (Huffington Post)
9. *A Brazilian Boom Town of 'Eternal Beauty' Faces Its Troubled Side* (The New York Times)

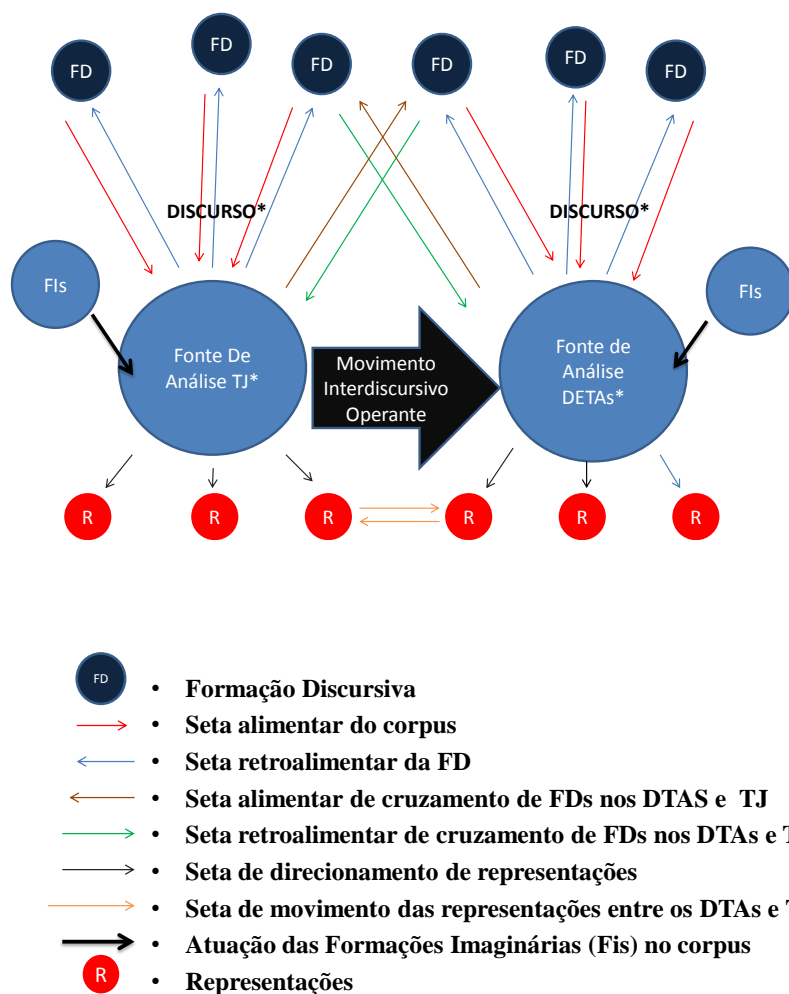
Portanto, calcado nas teorias da AD, após os questionários e com nossas fontes midiáticas, foram feitas análises do *corpus* através do recorte dos dados que pudesse levantar discussões a respeito da hipótese de trabalho - sob a influência dos efeitos do discurso jornalístico, a memória discursiva sobre Brasil dos ETAs é constituída na imbricação do novo com os estereótipos antigos sobre o país, configurando uma imagem de Brasil em suspensão - ou até mesmo, refutar o que tínhamos como premissa para a pesquisa.

3.2 Contextualização da Análise

Recorremos à elaboração de um esquema que ilustrasse como a análise da dissertação foi pensada. Esclarecemos que o esquema é algo representativo do que pensamos sobre a análise, e que a escolha de alguns elementos que são apontados no desenho não implica na exclusão de outros elementos teóricos que possam fazer parte do funcionamento discursivo do *corpus*. Além disso, o esquema não é a tentativa de estipular que o funcionamento é da forma como o desenho demonstra. Pelo contrário, ele pode ser visto como uma hipótese de articulação das ideias discutidas até esse ponto, hipótese que será bem argumentada durante o capítulo de análise, pois analisar o funcionamento discursivo de representações demanda discutir como elas são constituídas, a heterogeneidade ali presente, a memória que é invocada e como os

dizeres remetem às FDs. Portanto, apresentamos o seguinte esquema de funcionamento discursivo de análise, lembrando que existem vários elementos implícitos a ele que serão desenvolvidos na análise.

Esquema de Funcionamento Discursivo de Análise



*Fonte de Análise DETAs – Dizeres dos ETAs

*Fonte de Análise TJ – Textos jornalísticos

*O Discurso perpassa por todo o esquema atuando em todos os elementos

Imagem 7 - Esquema de funcionamento discursivo de análise

O esquema acima representa como a pesquisa pretendeu enxergar o *corpus* composto pelos DETAs (Dizeres dos ETAs) e pelos TJ (Textos Jornalísticos) dentro do

capítulo de análise. Percebam que, na proposta de funcionamento discursivo, tanto para os DETAs, quanto para os TJ, existem formações discursivas que os “alimentam”, representados pelas “seta alimentar do corpus”. Entretanto, há uma seta que vai do *corpus* em direção as formações discursivas, pois acreditamos que os enunciados produzidos por parte do *corpus* “retroalimentam” a FD, fazendo com que ela exerça poder de interpelação nas fontes de análise e outras instâncias enunciativas. Além disso, existem as setas “alimentar” e “retroalimentar” de cruzamento das FDs, pois supomos que nos dizeres dos ETAs e nos textos jornalísticos podemos elencar representações que partam de uma mesma formação discursiva sendo que este funcionamento é similar ao representado pelas setas sem cruzamento de FDs.

Os dois grandes círculos representam as fontes de análise compostas pelos dizeres dos ETAs e as textos jornalístico do *The New York Times* e *Huffington Post*, perpassados pelos discursos. Nos cantos direito e esquerdo do diagrama há pequenos círculos com as FIs inscritas. Tais círculos simbolizam as formações imaginárias que, por suas setas, incidem nos DETAs e nos TJ e alimentam o imaginário das duas fontes que projetam uma ideia do que venha ser o Brasil imaginariamente, impactando na formação de representações de Brasil que são representados pelos círculos vermelhos abaixo dos azuis. As “Setas de movimento de representações entre os DETAs e os TJ” mostram que as representações podem ser as mesmas para as diferentes fontes de análise em alguns casos.

Por fim, temos em nosso diagrama, a seta preta que vai dos Textos Jornalísticos em direção aos Dizeres dos ETAs, intitulada “Movimento Interdiscursivo Operante”. Ela representa uma parte da hipótese do trabalho, a qual é de que há um interdiscurso que opera nos DETAs e que deriva dos textos jornalísticos, marcando as convergências discursivas que pontuam a interpelação dos sujeitos da pesquisa pelo discurso midiático.

Lembramos que a análise composta no próximo capítulo é a tentativa de respondermos nossas questões de pesquisa, apresentadas na introdução da dissertação, as quais buscam elencar as representações de Brasil nos dizeres do ETAs e nos textos jornalísticos, buscar os sentidos que elas suscitam sobre o país e, por fim, analisar funcionamento discursivo dessas representações e até que ponto há um movimento interdiscursivo entre o *corpus*.

CAPÍTULO 4

4.1 Análise do *Corpus*

Para este trabalho procuramos delinear, com base no *corpus*, alguns eixos de representações de Brasil que puderam ser trabalhados diante das entrevistas que foram feitas com os ETAs e dos textos jornalísticos nas fontes pesquisadas, a partir da recorrência de termos e expressões que remetiam ao nosso objeto de análise, qual seja, as representações de Brasil.

Lembramos que um dos intuitos da dissertação foi analisar se havia uma interdiscursividade de textos jornalísticos sobre o Brasil no dizer dos participantes de pesquisa e discutir os efeitos de sentido sobre a representação de Brasil, afirmando ou não nossa hipótese de uma ideia de Brasil em suspensão diante dos efeitos da ressignificação de sua imagem no exterior. Além disso, a análise questionou a função do discurso jornalístico na interpelação que os sujeitos sofrem concernente a um lugar do qual eles pouco sabem ou que não conheçam, no caso o Brasil.

Neste capítulo pretendemos embasar a análise nas noções discutidas no capítulo 2 deste trabalho. É o momento em que elencamos as representações do *corpus*, as formações discursivas por trás da materialidade e o funcionamento discursivo que intermedia desde a definição de algumas FDs que perpassam a constituição do *corpus*, até a definição de algumas representações de Brasil, reforçando as formações imaginárias que circundam as produções de dizeres sobre o Brasil.

4.1 Representações Presentes nos Dizeres dos ETAs

Estabelecemos uma primeira análise ancorada nos dizeres dos ETAs estadunidenses. Reforçamos que os dizeres, neste trabalho, se referem às respostas fornecidas às perguntas dos questionários 1 e 2 presentes no anexo da dissertação.

De acordo com uma pesquisa similar desenvolvida por TAVARES e HENRIQUES (2013)²⁹, com estudantes em mobilidade internacional no Brasil, foram observadas quatro representações recorrentes de Brasil na fala dos estudantes que, no caso, eram europeus e africanos. Quando perguntados sobre o que pensavam do país

²⁹ Pesquisa apresentada no Simpósio Internacional de Letras e Linguística na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2013, fruto da iniciação científica já citada na introdução desse trabalho.

antes de mudarem, os alunos falavam de pontos como a violência, a facilidade, o futebol e o desenvolvimento econômico. Ressaltamos que eles apontaram tais aspectos já vivendo no país. Vamos perceber nas entrevistas dos ETAs, que seus dizeres parecem apontar representações por vezes semelhantes e por outras distintas das elucidadas na perspectiva europeia e africana.

Sendo assim, pensando no sentido como efeito, olhamos para o *corpus* buscando entender o que ele pode nos oferecer de informações sobre o Brasil e suas representações.

Destacamos que levamos em consideração os aspectos sócio-histórico-sociais que constituem a posição discursiva da qual os próprios participantes enunciam e os dizeres desses participantes para elencar nosso eixo de representações. Tais aspectos são parte dos processos enunciativos dos participantes.

Não há como não levar em consideração que todos falam da posição ocupada por cidadãos estadunidenses, e que as formações discursivas sobre o próprio país deles e das pessoas que moram nesse lugar são parte constitutiva de seus dizeres, assim como, a heterogeneidade desses dizeres. Além disso, a memória discursiva de Brasil perpassa a memória discursiva do que é os EUA no cenário mundial, e qual a posição social que pessoas que nasceram nesse país possam ocupar e enunciar sobre outros países e outras culturas.

Ressaltamos que possa ser motivo de questionamento as repostas dadas a nós, visto que são estadunidenses enunciando sobre Brasil para brasileiros, o que poderia tornar as respostas tendenciosas no sentido dos participantes não exporem sua opinião sincera sobre o Brasil. Entretanto, nos respaldamos nos pressupostos teóricos e nos textos jornalísticos para reforçar que as repostas não foram tendenciosas. Acreditamos que são os esquecimentos que constituem o sujeito e lhe permite enunciar na ilusão de que detém o controle do que diz e é origem do dizer. Por isso, por mais cautelosos que os participantes tenham sido, devido às condições de produção que incidiram em suas respostas, sempre haverá algo que escapa e que indicará a subjetividade em jogo na enunciação. Ademais, todos, antes de participarem da pesquisa, foram alertados que poderiam se expressar como quisessem e que isso não era fator de constrangimento nem para eles e nem para o pesquisador. Além disso, adiantamos que a análise de alguns textos jornalísticos coaduna com as representações dos ETAs, sendo que aqueles foram produzidos por estadunidenses pretensamente para estadunidenses sem a interferência de como isso seria visto por um brasileiro.

Nesse sentido, as formações imaginárias desses sujeitos já os induzem a fazer projeções de si e do outro e, em um trabalho que leva em consideração o dizer para análise, pelo próprio *corpus*, seria possível perceber traços que escapem a ordem do controle, evidenciados pelos próprios mecanismos que o inconsciente se vale para ressaltar as filiações desses sujeitos. Ou seja, por mais que eles evitassem expor sua “verdadeira” opinião sobre o Brasil, a materialidade linguística nos mostra que há algo que não é do controle do sujeito.

Portanto, o primeiro passo foi investigar as representações nos dizeres, para então prosseguirmos para os textos jornalísticos. Temos, para nossa pesquisa, quatro participantes, aos quais, por critério de sigilo, daremos outros nomes ao expormos suas respostas do questionário. Não trabalharemos com todas as perguntas do questionário, nesse ponto, pois para algumas das perguntas são elucidadas outras representações que não nos interessam e que não focam nas representações de Brasil. Daremos os nomes de Marcos, Isabela, Juliana e Ana para os ETAs. No que tange as perguntas cujas respostas mais elucidaram possíveis representações de Brasil, escolhemos as seguintes:

- *Do you hear about Brazil? What do you hear about it in your country?*
Where does the idea of Brazil you have come from?
- *What is your own idea of Brazil?*
- *If you could describe Brazil using one adjective, what adjective would you say? Why?*³⁰

Vejamos a seguir os primeiros excertos que podem nos indiciar algumas possíveis representações de Brasil.

- **País com potencial político e econômico.**

Para Ana “*My idea of Brazil is of a great country on the rise*”³¹. Os efeitos de sentido que esse enunciado pode produzir estão atrelados à lógica política e econômica

³⁰ Tradução: Você ouve falar sobre o Brasil? O que você ouve falar do Brasil em seu país? De onde vem a ideia de Brasil? Qual a sua própria ideia de Brasil? Se você pudesse descrever o Brasil usando um adjetivo, qual adjetivo vc usaria? Por quê?

³¹ Tradução: Minha ideia de Brasil é de um país em crescimento.

dos países chamados BRICS³² e os discursos que circulam a respeito desses países, os quais seriam os emergentes e em desenvolvimento. Essa ideia é reforçada no dizer de Ana por meio do adjunto adverbial “*on the rise*”, de modo a emprestar uma movência no aspecto de desenvolvimento do país, algo ainda inacabado. Um dizer como esse só poderia ser garantido visto que temos uma estadunidense falando do Brasil. Afinal sua referência de desenvolvimento vem de sua vivência em seu país de origem. Nesse momento, esse sujeito se mostra interpelado por formações discursivas do “Brasil, país em crescimento”, e “Estados Unidos, modelo de desenvolvimento”. Nesse aspecto, ressaltamos o funcionamento discursivo e os aspectos de identificação tais como citamos na parte teórica detse trabalho e no início detse capítulo. Ana se identifica a essas duas formações discursivas. Ela não precisou enunciar sobre os EUA para que demarcássemos a representação de sua nação. Nesse sentido, o silenciamento do que venha a ser os EUA em seu imaginário acabou por evidenciar as marcas ideológicas que constituem seu dizer.

Para Marcos, um dos participantes, “...*Brazil is important in the geo-political arena. It is a developed country with lots of economic potential*”³³. Percebemos que ao utilizar o adjetivo “*developed*” (desenvolvido), um adjetivo formado pela sufixação do particípio passado que caracteriza um objeto que sofre a ação, o participante desloca o sentido discursivo dado aos BRICS, de emergente para desenvolvido. O dizer de Marcos indicia uma identificação à representação de um país inserido na lógica política e econômica globalizada quando ele reforça a participação do Brasil, como ele mesmo chama, na “arena geopolítica” e ainda diz que o Brasil é “*A country that is struggling to keep up with the international obligations, including mega-events and energy consumption*”. O verbo “*struggling*” (lutando), traz o efeito de processo, que as coisas ainda estão ocorrendo, que ao Brasil é atribuída uma participação nas políticas internacionais, mas que isso é conquistado por base de luta. A conjugação do verbo no gerúndio reforça essa ideia de que essa participação brasileira não é concedida facilmente. Porém, percebemos que o dizer de Marcos demarca duas diferenças entre a

³² Em 2001, o economista Jim O-Neil, do banco de investimentos Goldman Sachs, publicou um estudo sobre grandes economias emergentes, com índices de crescimento promissores e poucos riscos. Com as iniciais de Brasil, Rússia, Índia e China, criou a sigla BRIC, que ainda remetia à palavra tijolo em inglês, num paralelo com essa nova arquitetura econômica mundial em construção. Depois os BRICS saíram do papel e ganharam mais um integrante, a África do Sul Disponível em: <http://especial.g1.globo.com/globo-news/BRICS/>.

³³ Tradução: o Brasil é importante na arena geopolítica. Ele é um país desenvolvido com muito potencial econômico.

fala dele e a de Ana. Ana traz o efeito de “em crescimento”, porém não evidencia em qual âmbito. Entretanto, para Marcos há dois cenários de desenvolvimento: um econômico, já conquistado, e um político que reflete a necessidade de conquistas mais concretas. Nesse sentido, podemos inferir que Marcos se identifica a formações discursivas que possam ser conflitantes em seus aspectos ideológicos e que marcam a heterogeneidade em seu dizer, pois, como podemos pensar em um país estabilizado economicamente que não tenha políticas consolidadas que propiciem essa estabilidade? Portanto, por meio de um cruzamento de memórias sobre o Brasil, esses conflitos no dizer de Marcos possam indiciar uma terceira formação discursiva sobre o objeto em análise, uma FD composta por dizerem mais atuais e que reflita aspectos mais contemporâneos da sociedade brasileira, ou seja, aquela de economia estável com pontos políticos a melhorar.

Atribuímos a representação de Brasil como país em ascensão política a alguns fatores recentes em nossa história que podem ter reverberado no dizer dos participantes da pesquisa. Em termos de FDs que incidem em seus dizeres, podemos dizer que há formações que remetem ao recente processo de redemocratização de nossa política. Ainda somos um país que está dando seus primeiros passos a caminho de uma consciência política democrática. Isso ficou bem claro durante as eleições de 2014, em que a candidata Dilma Rousseff, até então presidente do Brasil, é reeleita.

A reeleição de Dilma provocou uma ‘histeria social’ por parte daqueles que não concordavam com sua vitória, gerando movimentos nas ruas que requisitavam intervenção militar e o *impeachment* da candidata eleita. O processo de fúria dos brasileiros mostrou que há muito que caminhamos em direção a uma consciência democrática, pois o exercício da democracia foi subvertido, ou seja, uma candidata eleita democraticamente sofre com discursos brasileiros que não aceitam sua reeleição e pedem para que seu cargo seja retirado. Dessa forma, a imaturidade democrático-político brasileira pode ser um dos fatores que reverberam nos dizeres, principalmente quando Marcos pontua o desenvolvimento econômico como algo no âmbito do estável e o político do instável, mesmo esse fato tendo ocorrido após os dizeres do primeiro questionário. Reforçamos que atos ocorridos no congresso nacional no ano de 2015 ratificam a ideia de uma imaturidade política no Brasil.

Nesse ponto, podemos associar a conjuntura social do próprio participante para que ele fizesse uma ligação entre o crescimento político brasileiro ao crescimento político estadunidense. Sabemos que a história da democracia nos EUA é mais antiga

que no Brasil. Dessa forma, hipotetizamos que há uma referência ao discurso político de um país que há pouco tempo saiu de um período ditatorial, no caso o Brasil. Ou seja, se os participantes tomaram como referência sua própria conjuntura política, isso pode ter colaborado para que eles achassem que o Brasil está em crescimento político, pensando que a democracia é uma forma de crescimento político. Portanto, isso aponta suas filiações ideológicas. País desenvolvido politicamente é país democrático.

- **País da desigualdade social**

De acordo com dados do IBGE³⁴ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) as desigualdades sociais diminuíram no Brasil nos últimos dez anos, mas nada tão significativo, tendo em vista que 10% da população mais rica concentrava 42% da renda do país em 2012, segundo um estudo publicado em 2013 pelo instituto. Dois dizeres perpetuam a imagem de desigualdade social que o Brasil possui fora. O primeiro é o da participante Juliana, em que diz: *“In the news, especially given the World Cup and the Olympics, it is also clear that there are many persisting inequities in Brazil that are causing a lot of tension”*³⁵. Ao dizer que há *“persisting inequities”* (desigualdades persistentes), a fala de Juliana, mais uma vez, nos remete ao discurso econômico. Por que dizemos isso?

Dizemos, porque infere-se desse “desigualdades persistentes” que o quadro atual do Brasil poderia possibilitar a superação dessas desigualdades. O adjetivo “persistentes” nos dá sentido de lutar contra alguma coisa, e o dizer da participante parece estar identificado ao discurso de Brasil da desigualdade social. Dessa forma, as desigualdades persistem mesmo perante um crescimento econômico acentuado nos últimos anos, porém que se reverte em 2015. Portanto, temos um discurso econômico que reverbera em um discurso da pobreza. Ressaltamos que essa representação do país não configura um estereótipo, pois de acordo com os dados do próprio IBGE, a concentração de renda no Brasil ainda é muito significativa.

Para Marcos, *“The most pressing issues are class issues.”*³⁶, isso é o que ele diz quando perguntado sobre o que é falado sobre o Brasil nos Estados Unidos. Ao nosso olhar, esse dizer abarca várias representações, é um dizer amplo. Com isso, podemos

³⁴Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>

³⁵ Tradução: Nos noticiários, especialmente devido a Copa do Mundo e as Olimpíadas, está claro que há muitas desigualdades persistentes no Brasil que causam muita tensão

³⁶ Tradução: As questões de maior pressão são as questões de classe.

justificar que se um país tem problemas de classe e que eles são os “*the most pressing*” (de maior pressão), eles vão acarretar em problemas de educação, saúde, segurança, etc.

É importante considerarmos que Marcos tem um imaginário alimentado pelo discurso do Outro, que considera os países não desenvolvidos ao nível de desenvolvimento “americano”, como aqueles que vivem em conflito de classes. De fato, o Brasil tem diferenças de classes que são gritantes, e a desigualdade social no país está longe de ter uma solução, se é que há uma solução visto que a sociedade capitalista é desigual. Porém, reforçamos o imaginário de Marcos em relação a isso, pois em seu dizer, quando perguntado no segundo questionário sobre o que o definiria como “americano”, fica evidente que há um imaginário de uma superioridade social estadunidense que apaga a luta de classes que sua própria sociedade enfrenta, seja em aspectos econômicos de sua população, seja em aspectos raciais e fortemente na luta de classes da globalização, que é a luta da classe imigrante. Para ele, o que o define como “americano” é:

*I think my punctuality, desire for personal freedoms, and my cultural background defines me as an American. **I am a strong believer in the principals that the USA exemplifies.** While I disagree with a lot of the things my government does (wars and cultural suppression), **I do think the main ideals of the country are admirable**³⁷.*

Ao usar o verbo “*exemplifies*”, de fato ele posiciona os EUA como país exemplo, daí sua negação da realidade enfrentada por estadunidenses que não pertençam a sua classe social. Afinal, por meio dos questionários, vemos que Marcos está inserido no nicho social de americanos brancos, com acesso a educação de qualidade, bens de consumo materiais e culturais. Ele hesita quando diz que “*disagree*” (discorda) de várias coisas de seu governo, marcando talvez uma crítica a sociedade estadunidense. Porém, a oração que possui o verbo “*disagree*” se encontra entre outras duas (em negrito) que enaltecem a cultura estadunidense e a identificação desse sujeito ao discurso imperialista americano. É nesse ponto que podemos dizer que a hesitação de Marcos se define justamente pelo verbo *disagree* estar entre orações que enaltecem os EUA.

³⁷ Tradução: Acho que a minha pontualidade, desejo de liberdades pessoais e minha formação cultural definem-me como um americano. Eu acredito fortemente nos princípios que os EUA exemplificam. Enquanto eu discordo a respeito de um monte de coisas que o meu governo faz (guerras e supressão cultural), acho que os principais ideais do país são admiráveis.

É como se o sujeito tivesse uma tomada de consciência que nem tudo é tão bonito quanto parece, mas, em seu exercício de negar esse aspecto social de seu país, retoma com uma oração que produz efeitos positivos de sua nação. Dessa forma, para Marcos a sociedade estadunidense é vista como exemplo, em que “*ideals of the country are admirable*”. Esse trecho legitima a imposição da cultura estadunidense perante as outras culturas. Afinal, Marcos afirma sua empatia pelos ideais estadunidenses (1ª. oração), nega alguns aspectos (2ª. oração), porém retoma sua identificação (3ª. oração). Por mais que ele tentasse não transparecer, alguém que diz que os ideais de seu país são admiráveis concorda que esses ideais sejam perpetuados para outros países.

Entendemos nesse estudo que os estadunidenses hesitem em exaltar sua empatia ideológica ao imperialismo, pois esse é um aspecto mal visto por pessoas de outros países e, visto que esse questionário estava sendo respondido a um brasileiro, pode ter sido este um dos motivos de hesitação. Porém, o dizer de Marcos comprova a teoria dos esquecimentos postulada por Pêcheux, pois mesmo que Marcos não quisesse transparecer ao pesquisador estar interpelado pelo discurso imperialista utilizando o verbo “*disagree*”, isso se perde, pois não tendo consciência de que ele não é fonte de seu dizer, ele deixou transparecer sua filiação à FD imperialista “americana”. Portanto, como havíamos apontado no início deste capítulo, o sujeito não tem controle do seu dizer.

- **País de estilo de vida festeiro, vivo e relaxado.**

A representação da vivacidade do Brasil é bem vista para os participantes desta pesquisa. Em seus dizeres é possível ver que, apesar de não falarem do estilo de vida estadunidense, há uma identificação com a representação do que seja o estilo de vida no Brasil, a partir de um silenciamento do que venha ser o estilo de vida deles, chamado de “*American Way of Life*”. Para Isabela, os brasileiros “(...) *like life a lot* (...)”³⁸.

Enquanto que para Juliana, quando perguntada sobre o que se fala do Brasil nos EUA, ela diz: “*people in the U.S. have a very positive impression of Brazilians. People in the U.S. believe that Brazilians are kind, passionate, hard working(...). They are*

³⁸ Tradução: Gostam muito da vida.

always willing to help, and they know how to get the most out of life”³⁹. É interessante vermos que Juliana traz um elemento que mostra a vivacidade do povo brasileiro quando utiliza o adjetivo “*passionate*”. Ao passo que, para surpresa de muitos brasileiros que julgam ter uma imagem de preguiçosos fora do país, Juliana aponta que brasileiros são “*hard working*” (trabalhadores). Dessa forma, ela desloca os sentidos estabilizados de uma representação de brasileiro nesse caso. O que questionamos neste trabalho é até que ponto um brasileiro pode sustentar essa representação de gentil que ele transmite aos estrangeiros. Afinal, lembramos que essas adjetivações atribuídas aos brasileiros são feitas antes que Juliana experienciasse seu período de morada no Brasil.

Por várias vezes vamos nos deparar com essa imagem do brasileiro amistoso. Veremos isso nos próprios textos jornalísticos dos veículos midiáticos que trabalhamos ainda neste capítulo. Entretanto, são poucos estudos ou discussões que deslocam essa imagem que o brasileiro possui, na qual ele mesmo acredita ser constitutiva de uma identidade nacional. Como falar em uma cordialidade de um povo sendo que esse próprio povo, em muitos casos, não respeita as opiniões divergentes entre eles mesmos? Vemos isso se tornar evidente com o advento das redes sociais, onde a voz dos brasileiros é exaltada, carregada por discursos de ódio e intolerância. A cordialidade do brasileiro, ao parecer da pesquisa e na relação com os estrangeiros, se pauta muito ainda em uma questão de subserviência ao colonizador, considerando que nossa pesquisa analisa discursos de cidadãos de um Império econômico que não necessariamente coloniza através da posse de terras, mas coloniza de maneira ideológica, cultural, política, econômica e linguística.

A imaginária superioridade de cidadãos desses países torna sintomática a forma como os brasileiros lidam com essas pessoas. Sintomática no sentido de que em muitos momentos, a relação entre as nacionalidades se sustenta considerando uma cultura como superior e outra como inferior.

Dessa forma, alguns brasileiros ainda carregam essa memória discursiva da superioridade dos países desenvolvidos, o que os torna (não todos) subservientes aos estrangeiros vindos desses locais. Entretanto, quando pensamos na cordialidade do brasileiro para brasileiro, vemos que a tolerância entre brasileiros não é tão grande quanto parece.

³⁹ Tradução: as pessoas nos EUA têm uma impressão positiva dos brasileiros. As pessoas nos EUA acreditam que os brasileiros são gentis, apaixonados e trabalhadores (...) Eles estão sempre dispostos a ajudar e sabem como tirar o máximo da vida.

De acordo com uma entrevista concedida pelo sociólogo Manuel Castells à Folha de São Paulo⁴⁰ a simpatia do brasileiro é um mito. Para Castells “a agressiva polarização política que se vê hoje nas redes sociais desconstrói o mito do brasileiro simpático”. O sociólogo espanhol Castells (2015) discute fortemente a representação do brasileiro pacífico, não só pelas discussões políticas virtuais fruto das eleições presidenciais de 2014, mas também por:

Eu não creio que no Brasil, com a internet, exista mais agressividade no debate. O Brasil sempre foi agressivo. Nos tempos da ditadura, no final dos anos 60, anos 70, o debate não só era agressivo como se torturavam pessoas diariamente com impunidade. A imagem mítica do brasileiro simpático existe só no samba. Na relação entre as pessoas, sempre foi violento. A sociedade brasileira não é simpática, é uma sociedade que se mata. Esse é o Brasil que vemos hoje na internet. Essa agressividade sempre existiu. A única coisa que a internet faz é expressar abertamente o que é a sociedade em sua diversidade. Trata-se de um espelho.

Ana diz que, *“Brazilians are very active in their personal lives (...). I hear that Brazilians are vivacious.”*⁴¹ Para Marcos, os brasileiros são: *“Motivated, Driven, Warm, Welcoming, but also with a passion for relaxing”*⁴². Mais uma vez, na fala desses dois participantes, notamos um diálogo entre adjetivos que caracterizam um caráter oposto à passividade. Os efeitos de sentidos produzidos na relação do interdiscurso com o intradiscurso apontam para a representação de que no Brasil as pessoas atendem suas necessidades, mas não deixam de lado a apreciação da vida. Reforçamos que essa é uma memória reivindicada a partir de como são esses aspectos na cultura estadunidense. Portanto, muitos brasileiros podem discordar disso.

Essa é uma das representações recorrentes de Brasil e que tem uma ligação muito grande com as representações do próprio brasileiro, pois essas características estão ligadas aos costumes do povo e projetam uma imagem do país no exterior. Dessa forma, nesse tópico, problematizamos a representação de brasileiro que reflete na imagem da nação. De acordo com TAVARES e HENRIQUES (2013):

⁴⁰ Simpatia do Brasileiro é um mito. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/poder/2015/05/1630173-internet-so-evidencia-violencia-social-brasileira-afirma-sociologo-espanhol.shtml?mobile>. Acesso em: 4 de novembro de 2015

⁴¹ Tradução: Brasileiros são muito ativos em suas vidas pessoais (...) Eu ouvi que os brasileiros são vivazes.

⁴² Tradução: Motivados, impulsivos, acolhedores, mas também com uma paixão por relaxar.

A projeção desses discursos em nível global não partiu só dos brasileiros, mas também da indústria cinematográfica estadunidense, que reforçou e sustentou esse discurso. Exemplo disso foi a criação do personagem “Zé Carioca”,⁴³ por Walt Disney, que representava o brasileiro como malandro, brincalhão, despreocupado.

Esse perfil do Zé Carioca muitas vezes não é bem visto pelo brasileiro. Pois posiciona-os como povo descompromissado. Além disso, muitos julgam ser bastante estereotipado e reflexo do que seria a cultura do carioca e não do brasileiro em geral. Entretanto, vimos que a identificação dos estadunidenses a alguma dessas características é no sentido de enaltecer a identidade brasileira justamente por esses aspectos. Mas, como dissemos anteriormente, isso pode ter se ressignificado no período de moradia desses estagiários no país, visto que argumentamos também que o brasileiro não parece ser tão pacífico quanto parece.

- **País instigante**

Uma das perguntas de nosso questionário foi para que os ETAs utilizassem um adjetivo para descrever o que era o Brasil para eles, “*If you could describe Brazil using one adjective, what adjective would you use ? Why?*”⁴⁴ As respostas que tivemos foram:

Marcos – *Mystic. Because now is one of the most interesting times in Brazil.*

Ana – *I would use “wondrous.” For me, Brazil is a great opportunity for all types of adventure. There is so much to learn and understand about current Brazilian events, culture, language, and academics. As my arrival in Brazil comes closer each day, I am filled with excitement and amazement. There are so many possibilities for new friendships, new knowledge, and new experiences. I realize there will be both the bad and the good just like in any country, but I’m so eager to see and experience as much as I can.*

Isabela – *Exciting! Because I can’t wait to explore it!*

Juliana – *Diverse—I choose the word because I think both the people and the country itself are incredibly diverse—in race, accent, landscape, food, and perspective on the country’s growth.*⁴⁵

⁴³ O Zé carioca foi criado durante a Segunda Guerra Mundial através da “Política de boa vizinhança” para estimular a cooperação brasileira. Ele representa cada aspecto do típico brasileiro. É esperto, amigável e sempre está de bom humor. Suas roupas representam os malandros. Do fim da Segunda Guerra até 1949, os filmes americanos não eram permitidos na Europa, o que incluía os desenhos da Disney. Para encontrar um novo mercado, Walt Disney focou na América do Sul e utilizou do Zé Carioca para promover seus filmes. Tradução própria

Disponível em: http://disney.wikia.com/wiki/Jos%C3%A9_Carioca

⁴⁴ Tradução: Caso você pudesse descrever o Brasil usando apenas um adjetivo, qual adjetivo você usaria? Por quê?

Quando nos deparamos com esses adjetivos, pensamos que entre os discursos que circulam sobre o Brasil, ainda existe uma grande filiação ao discurso do colonizador português que, ao chegar em terras brasileiras a descreveu como exótica, de natureza e animais jamais vistos na Europa. Além disso, descreveu o povo como exótico de costumes e perspectiva religiosa e social completamente diferente da europeia. Na carta de Pero Vaz de Caminha há uma associação da terra descoberta ao Éden, paraíso recorrente no discurso religioso da época. Para Araújo, (1999, p. 1).

A visão atual do espaço edênico, lembrado a partir da tradição antiga bíblica, caracteriza a geografia imaginária da Idade Média [...] No plano ideal, o paraíso perdido de Adão e Eva, localizando algures a Oriente, simbolizava o retorno a mítica idade de ouro, à pureza dos tempos iniciais, plenos de abundância, beleza, amenidade e juventude [...] Na fronteira de um tempo aberto a todo gênero e evasões oníricas, a nostalgia do jardim do Éden ressurgiu, à vista de novas terras de insuspeitável esplendor, nos textos dos navegantes e cronistas ibéricos que demandam o Novo Mundo.

O discurso religioso da época foi importante para a produção da Carta de Pero Vaz de Caminha da forma como foi produzida. Caminha, também tinha um imaginário formado do que seria o Éden. Chegar ao Brasil e se deparar com toda a exuberância da natureza, com os nativos que se assemelhavam com Adão e Eva, por não usarem vestimenta alguma, ver a exuberância dos animais e as diversidades culturais, foram estímulos importantes para alimentar esse imaginário religioso da terra prometida, e associar a América do Sul a esse local mítico. Os adjetivos “*mystic*” e “*exciting*”, usados por Marcos e Isabela respectivamente, reforçam essa ideia da terra a ser explorada, o lugar onde há algo a ser descoberto.

Portanto, o já dito presente no dizer dos ETAs pode ter origem no discurso fundador do colonizador, que, a nosso ver, parece estar mais ligado à adjetivação de

⁴⁵ Tradução: **Marcos** - Místico. Porque agora é um dos momentos mais interessantes do Brasil.

Ana - Gostaria de usar "Maravilhoso". Para mim, o Brasil é uma grande oportunidade para todos os tipos de aventura. Há tanta coisa para aprender e compreender sobre eventos atuais, cultura, linguagem e academia. Como a minha chegada ao Brasil se aproxima a cada dia, eu estou cheia de emoção e espanto. Existem tantas possibilidades de novas amizades, novos conhecimentos e novas experiências. Eu percebo que haverá tanto o lado bom, quanto o ruim, como em qualquer país, mas eu estou tão ansiosa para ver e experimentar o máximo que eu puder.

Isabela - Emocionante! Porque eu não posso esperar para explorá-lo!

Juliana - Diverso - Eu escolho a palavra porque eu acho que tanto o povo quanto o próprio país é extremamente diversificado em raça, sotaque, paisagem, comida, e perspectiva de crescimento do país.

Isabela com a palavra “emocionante”, pois o adjetivo vem acompanhado do complemento “*Because I can’t wait to explore it!*”. Percebemos que o efeito de sentido do enunciado complementar do adjetivo posiciona Isabela como o sujeito explorador, sendo que não damos uma conotação negativa para a palavra “explorador” nesse caso, pois o explorar de Isabela pode transitar em diferentes âmbitos, sendo um deles como no sentido de investigador. Porém, ao mesmo tempo, “*explore it!*” deixa transparecer que a idealizada passividade do brasileiro legitima que um estrangeiro venha aqui e “investigue” o país, ao tempo que, somente alguns povos em um cenário global, suportados em uma discursividade da superioridade, poderiam enunciar como “aquele que investiga”. Nesse caso, aos cidadãos estadunidenses lhe é suportada essa posição discursiva de colonizador, similar a do colonizador português que também acreditava que essa terra era abundante, cheia de aventuras e passível de ser colonizada pelo outro.

Entretanto, Marcos adjetiva o país como o místico, mas o místico de novas possibilidades, o místico do futuro, e não se vincula à FD do discurso fundador do país. Para ele, isso já foi superado. Afinal, ele diz que - *now is one of the most interesting times in Brazil*” (agora é um dos períodos mais interessantes no Brasil, ao usar o superlativo “*the most*”). Marcos apaga a importância dos outros períodos históricos brasileiro, o que importa para ele é o presente. Apesar de Isabela e Marcos estarem em faixas etárias similares e possuírem fontes de informação parecidas, o interdiscurso que opera os dizeres de ambos é distinto, as interpelações a que estão sujeitos parecem ser de ordem diferente, o que demonstra a singularidade do dizer de cada um. Reforçamos que o “momento mais interessante” do qual Marcos fala representa os anos que antecedem 2015. Talvez se fizéssemos a mesma pergunta para um novo ETA que estivesse para vir para o país no ano de 2016 e as perguntas fossem feitas em 2015, período em que a crise econômica é bastante discursivizada, os adjetivos usados pelos participantes seriam outros, o que nos faz inferir que o discurso midiático exerce esse poder de interpelação nos processos enunciativos dos sujeitos.

Voltando aos significantes que remetem ao período colonial do país, a carta de Pero Vaz de Caminha ainda nos ajuda a entender o imaginário que gira em torno da vivacidade e qualidade de vida prometida por essa terra, representações trabalhadas no tópico anterior a esse, “País de estilo de vida festeiro, vivo e relaxado”. Para HOLANDA (1999, p. 22, 140, 162)

Em sua forma inicial, essa idéia das águas rejuvenescedoras permaneceu circunscrita, no novo mundo, só a Flórida, quando muito a regiões vizinhas. Não faltou, é certo, quem tentasse situar em outras partes do hemisfério mananciais que, dotados de propriedades bem diversas das suas, se distinguiam por certas virtudes invulgares [...] Em favor dessa teoria de que ficava na América o sítio do Paraíso, não faltaria “fé comum” que a Simão de Vasconcelos parece coisa eficaz e infalível [...] Ninguém pode naturalmente determiná-lo, e por isso o que se há de ter como certo é que sua altura será tanto quanto seria conveniente para a boa e saudável habitação dos homens. Isto é, que nela fosse a tal temperança do ar, que ali se vivesse de modo deleitável, sem extremos de frios ou calor, e tamanha a salubridade, que as coisas não se corrompessem de todo, ou não se estragassem facilmente.

Portanto, algumas expressões de Caminha, como os bons ares, encontrada no trecho, assim como outras que remetem ao exotismo, à exuberância e à fonte de saúde, reforçam essa qualidade de vida prometida no país.

Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a nela tudo; por causa das águas que tem!⁴⁶

Juliana e Ana escolhem os adjetivos “*Diverse*” e “*Wondrous*” para pontuar uma característica da terra. Os aspectos de diverso e maravilhoso do Brasil já são vistos na carta de Caminha. Obviamente, deixamos claro que, no dizer dos ETAs, esse imaginário já foi ressignificado e está perpassado por discursos outros que, ainda assim, possam ter traços de dizeres do período colonial. .

Juliana diz que *I choose the word because I think both the people and the country itself are incredibly diverse—in race, accent, landscape, food, and perspective on the country’s growth*. Percebam que ela usa o verbo “*choose*”, que nos faz pensar mais uma vez na ilusão de completude do sujeito, e na falsa liberdade de escolha que ele tem na hora de fazer uso da linguagem. Não é Juliana que “escolhe” a palavra *diverse*, na verdade ela é escolhida por uma palavra que representa uma discursividade a respeito do Brasil.

O “*diverse*” de Juliana, pode se remeter a discursos sobre a miscigenação do brasileiro, quando ela cita a questão racial. Ela mostra que tem conhecimento sobre as variedades linguísticas do português quando aponta os sotaques, a diversidade natural,

⁴⁶ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=572>

culinária e retoma a questão da possibilidade de crescimento do país. Vemos um diálogo entre o dizer dela e o dizer de outros participantes da pesquisa como Marcos, aquele que pensa no Brasil do futuro.

Porém, acreditamos que os dizeres dos nossos participantes ainda carregam características do discurso do colonizador europeu de forma ressignificada, que, em uma rede de FDs, se deslocaram e transitam entre FDs que falam de um novo Brasil, mas que não expurga traços do discurso fundador. Além disso, assim como nos Estados Unidos circulam os discursos da terra das oportunidades de trabalho e crescimento, no Brasil também circulam os discursos sobre a terra das oportunidades e crescimento sustentadas na imagem do local de prazer e da paz eterna, visto que há, em certos momentos, um apagamento dos conflitos do país pela exaltação de outras características.

4.2 Representações Presentes nos Textos Jornalísticos– Traços de Interdiscursividade

De acordo com o percurso até agora apresentado, trazemos neste tópico as análises dos textos jornalísticos dos meios de comunicação *The Huffington Post* e *The New York Times*. Lembramos que os textos foram selecionados por tópicos e, neles, buscamos títulos de textos jornalísticos que nos remetessem a esses assuntos dentro dos anos de 2012 e 2013. Os temas que propusemos trabalhar eram: Educação, Segurança Pública, Desigualdade Social, Política, Economia, Cultura e Recursos Naturais.

As temáticas se deram de acordo com o interesse de leitura de nossos participantes da pesquisa e o intuito deste tópico da dissertação é estabelecer algumas representações recorrentes nos textos que trabalhamos e, ao mesmo tempo, investigar a interdiscursividade presente nos textos e nos dizeres dos ETAs, se é que elas existem. Serão essas representações que nos darão subsídio para discutirmos, em nossas considerações finais, a hipótese de uma representação de Brasil em suspensão.

O primeiro texto jornalístico trabalhado tem como título “*Let’s be Brazil*”⁴⁷. Diferentemente da análise dos dizeres que originou os eixos de representações perante todas as entrevistas, com os textos, a partir do discurso que circula nele todo,

⁴⁷ Texto publicado no portal Huffington Post no dia 24/06/2013. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/marty-kaplan/lets-be-brazil_b_3486614.html.

evidenciaremos a representação mais marcante. Ou seja, neste subtópico de análise teremos representações, efeito do discurso do veículo midiático específico.

- **País de consciência política**

Trecho 1 - “*I have outrage envy*”⁴⁸

Assim começa o texto “*Let’s be Brazil*”, apesar do uso do pronome pessoal “*I*”, a voz do autor se converte em um “*We*” que representa a voz do próprio *Huffington Post* para dizer da inveja sentida pelos estadunidenses, a respeito das manifestações que tivemos no Brasil no ano de 2013. O movimento que começou na cidade São Paulo contra o aumento de vinte centavos da tarifa do transporte público tomou proporções nacionais e se fundamentou na luta de toda heterogeneidade existente no país para caracterizar uma das maiores mobilizações coletivas desde os “caras pintadas”, ocorrida no ano de 1992, movimento estudantil em luta pelo *impeachment* do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Melo.

As manifestações ocorridas no Brasil no ano de 2013 congregaram lutas diversas nas ruas do país, demonstrando a insatisfação tributária, política, legislativa, infra-estrutural, orçamentária que os cidadãos brasileiros, cada qual com sua causa, sentiam. Dessa forma foram esses elementos que os motivaram a sair de casa e acompanhar passeatas com milhares de pessoas pelas ruas de capitais e cidades pelo interior do país.

Trecho 2 - “*Even this soccer-mad nation is saying there's something out of whack with public priorities*”. Uma das insatisfações dos brasileiros eram os gastos exorbitantes com a Copa do Mundo de 2014 no país, sendo que as escolas e hospitais públicos necessitavam bem mais desses recursos. Sobre isso o portal diz “Até um país louco por futebol está dizendo que há algo fora de sintonia com as prioridades públicas”. Para o veículo em tela, os brasileiros possuem uma consciência política e lutam por seus direitos mesmo que isso resulte no apagamento de uma paixão nacional como o futebol.

Trecho 3 - “*Brazilians are paying attention to their problems, and they're mad as hell. So why aren't we?*”⁴⁹. Nesse trecho do texto há um questionamento entre a consciência política estadunidense e a consciência política brasileira. Para o *Huffington*

⁴⁸ Tradução: Eu tenho uma inveja ultrajante.

⁴⁹ Tradução: Os brasileiros estão prestando atenção em seus problemas, e estão extremamente furiosos. Então, porque não estamos?

Post, os brasileiros estão atentos aos seus problemas. O uso do verbo “*paying*” conjugado na terceira pessoa do plural do presente contínuo, remete a ideia de que os brasileiros estão em estado de atenção contínuo, de que os problemas do país não têm sido deixados por conta dos governantes e que a população está furiosa com o que esses governantes têm feito em relação a seus problemas. E no final do período, o texto jornalístico se questiona “Então, porque não estamos?”. Ou seja, ele questiona, em tom de inconformidade, o fato de estadunidenses não estarem preocupados com suas políticas públicas.

Existe um caráter muito dúbio nesse trecho “*So why aren't we?*”, pois ao passo que ele coloca a população brasileira em posição de superioridade crítico-política, podemos suscitar um gesto de interpretação do tipo: “Como assim? Se até os brasileiros tem um posicionamento crítico em relação aos seus problemas, como nós americanos, desenvolvidos, poderosos, não temos?” Ou seja, é um trecho que destaca uma qualidade de um povo (o brasileiro), mas remetendo-se a um aspecto de que a sociedade estadunidense supostamente estaria ficando para trás diante de países como o Brasil que tem se destacado por suas lutas políticas e sociais. Sendo que outrora o país fora reconhecido por movimentos como “*I have a dream*”, nome popular dado ao histórico discurso público feito pelo ativista político americano, o pastor Martin Luther King, no qual falava da necessidade de união e coexistência harmoniosa entre negros e brancos no futuro.

Para o texto jornalístico, essa acomodação dos EUA e seus cidadãos os tem levado, Trecho 4 - “*As a result, we are legislatively incapable of dealing with big problems like joblessness, climate change, gun safety, infrastructure, hunger or -- based on recent House Republican chaos – immigration*”⁵⁰. Essa representação presente no *Huffington Post* nos remete à representação dos ETAs que está no tópico 4.1 deste trabalho, “País com potencial político e econômico.”. Porém, não percebemos um interdiscurso que opere de forma tão significativa no dizer dos ETAs, pois na própria análise do tópico citado, pontuamos que eles se remetem aos aspectos políticos do Brasil como algo em crescimento. Entretanto, o texto jornalístico nos traz uma forte e consolidada representação de uma evolução e maturidade política da população brasileira, a qual vai contra a nossa própria crítica de análise, pois lembramos ao leitor

⁵⁰ Tradução: Como resultado, estamos incapazes legislativamente de lidar com grandes problemas como desemprego, mudanças climáticas, segurança de armas, infraestrutura, fome ou – baseado no caos recente do partido Republicano – imigração.

que esse trabalho deixou claro a imaturidade política do brasileiro escancarada nas eleições presidenciais de 2014. O tom de superioridade do discurso estadunidense se mantém, como citamos acima, porém ele acompanha um tom de lamento, como se outros países tivessem se destacado mais do que eles em aspectos nos quais antes eles eram vistos como referencial. Ou seja, esse texto jornalístico desloca a posição discursiva de modelo mundial que pertencia aos EUA para o Brasil, especificamente no caso dos protestos. Há um trecho que evidencia que o Brasil pode servir de exemplo e motivação para a revolução a qual os estadunidenses precisam se propor. Destacamos o Trecho 5 - “(...) *helplessness is what democracy's vampires drink. Wouldn't it be sweet if Brazil's protest movement turned out to be the garlic we've been waiting for?*”⁵¹. Metaforicamente, o texto jornalístico explicita que os protestos brasileiros podem ser o “alho” que os estadunidenses esperavam para usar contra os vampiros da democracia. Os trechos destacados na análise dos dizeres e agora no texto jornalístico destacam uma convergência e divergência dos processos enunciativos dos ETAs e do texto jornalístico. Convergente, porque ambos visualizam o crescimento do Brasil em aspectos políticos. Entretanto, divergentes, porque os textos jornalísticos consolidam esse crescimento e até mesmo apontam uma superioridade e destacam o Brasil como modelo.

Destacamos que ao levantar aspectos que enalteçam o país, o veículo midiático expurga a possibilidade dos dizeres dos ETAs serem tendenciosos, visto que para quem produz o texto jornalístico não há uma preocupação de como isso será visto pelos brasileiros. É um texto jornalístico feito por estadunidenses em um cenário estadunidenses e que coaduna com os dizeres dos ETAs que enaltecem o Brasil no início desse capítulo.

- **O país do futebol que não quer Copa**

O Brasil costumeiramente reconhecido como o país do futebol, o único país do planeta a vencer 5 mundiais no esporte e com vários atletas reconhecidos por sua habilidade com a bola é discursivizado em um texto jornalístico do *The New York Times*

⁵¹ Tradução: (...) desamparo é o que os vampiros da democracia bebem. Não seria doce se os movimentos de protestos no Brasil se tornassem o alho que estávamos esperando?

de forma que a representação do brasileiro apaixonado por futebol se desloca. Com o título “*How angry is Brazil? Pelé now has feet of Clay?*”⁵² (O quão bravo está o Brasil? Péle agora tem pés de barro?), o texto jornalístico ilustra que diante aos problemas sociais enfrentados pelos brasileiros, esses se dividem entre a paixão nacional e as demandas por serviços que o Estado deveria prestar e não tem feito de forma satisfatória em detrimento de gastos com a Copa do Mundo de 2014.

Enfatizamos o fato de que o título do texto expõe uma posição do meio midiático em relação ao Brasil, o autor personifica o país ao atribuí-lo um adjetivo diretamente ligado a um sentimento humano “*angry*”. Ao mesmo tempo, coisifica Pelé como um símbolo do que é o declínio do prestígio do futebol no país.

Os efeitos de sentido produzidos a partir desse deslocamento dos dois significantes Brasil e Pelé mostram que um desloca o sentido de coisa para pessoa, enquanto o outro de pessoa para coisa, demarcando o adjetivo “*angry*”, atribuído ao Brasil, de forma generalizada. É como se a raiva e fúria fossem uma insatisfação total de uma nação. É como se o Brasil, personificado, representasse que nesse país não há quem concorde com os gastos da Copa do Mundo e que não vê vantagens em sediar o evento no país. Personificando, o Brasil coaduna-se a imagem de uma ideia homogênea, um sentimento do país que perpetua para a população. Ao mesmo tempo, coisificar o jogador Pelé elucida uma metáfora, na qual Pelé agora tem pés de barro, como se os pés de barro fizessem do jogador um esportista vulnerável e fácil de ser quebrado, assim como a imagem do próprio esporte no país.

Além disso, o uso do advérbio de tempo “*now*” nos dá uma colocação sobre o que temos falado sobre uma representação de Brasil em transição. Quando coloca-se que isso é uma situação atual, contrapõe-se a ideia de um Brasil representado a partir de um formação discursiva que o estereotipasse como amante do futebol. Nesse sentido, um discurso passado tem sido sobreposto por outros ideais e mudanças sociais e políticas da população brasileira.

Para ilustrar mais pontos do texto, destacamos o trecho que diz:

Trecho 6 - (...) *pointing to the billions of dollars spent on stadiums at the expense of basic needs, a growing number of protesters are telling fans around the globe to do*

⁵² Texto publicado no website do The New York Times no dia 21/06/2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/06/22/world/americas/how-angry-is-brazil-pele-now-has-feet-of-clay.html?pagewanted=all>.

*what would once have seemed unthinkable: to boycott the 2014 World Cup in Brazil. In a sign of how thoroughly the country has been turned upside down, even some of the nation's revered soccer heroes have become targets of rage for distancing themselves from the popular uprising.*⁵³

No excerto acima gostaríamos de dar maior importância aos dois trechos em negrito ***“What would once be seemed unthinkable”*** e ***“the country has been turned upside down”***. Destacamos justamente esses dois trechos, pois eles desconstruem a representação do Brasil como país do futebol e, ao mesmo tempo, explicitam que essa representação um dia foi recorrente, principalmente ao adjetivar os manifestos contra a copa do mundo no Brasil como algo impensável. Portanto, quando o veículo de comunicação pontua que é impensável um manifesto de brasileiros contra a Copa do Mundo, produzem-se efeitos de sentido de uma população que um dia foi capaz de não se importar com gastos concernentes ao futebol.

Além disso, o efeito de sentido produzido no segundo trecho, que diz que “o país virou de cabeça para baixo”, poderia indiciar algo negativista, de caos, bagunça, etc. Entretanto, o trecho reforça nossa hipótese de que o país passa por um período de representações em suspensão. Afinal, nada que esteja de cabeça para baixo pode continuar nesse estado por muito tempo.

Nesse sentido, virar o país de cabeça para baixo é sacudir e dar voz a essa maioria populacional que não concorda que o país é só samba e futebol e que, além disso, tem atentado para as questões políticas. Não afirmamos com isso que as manifestações sejam coerentes ou pacíficas, até porque, como já mencionamos anteriormente, esse perfil de passividade do brasileiro está mais para uma construção imaginária do que para o que de fato caracteriza o comportamento desse povo. Todavia, manifestar contra algo que era dito como tão brasileiro é justamente mostrar que essas construções de uma identidade nacional se sustentam em formações imaginárias que podem ser deslocadas a partir de acontecimentos discursivos.

Trazemos um trecho de uma reportagem, a qual tivemos acesso, para mostrar o quanto os discursos sobre a hospitalidade dos brasileiros reforçam a ideia que o próprios

⁵³ Tradução: (...) apontando para bilhões de dólares gastos em estádios em detrimento de necessidades básicas, um número crescente de manifestantes está dizendo à fãs no mundo tudo para fazerem o que parecia ser impensável: para boicotar a Copa do Mundo do Brasil de 2014. Em um sinal de como o Brasil virou completamente de cabeça para baixo, mesmo alguns dos heróis do futebol nacional se tornaram alvos da raiva ao se distanciarem da revolta popular.

brasileiro têm de si. Vejamos como o colunista de uma revista de bordo da companhia aérea Gol fala do brasileiro, da copa do mundo no país e as expectativas para o evento. Segundo Ricardo Freire (2011) “... a festa, não tenho dúvida, está garantida. Essa é nossa especialidade. Somos campeões mundiais. Fazemos as festas de rua mais animadas do planeta.” (p.25). Notemos como o próprio brasileiro Ricardo é interpelado por um discurso de brasileiro passivo e receptivo, mas que, pela contingência, muda esse cenário em 2014, saindo pelas ruas do país.

Recordamos que, na análise dos dizeres dos ETAs, trazemos uma representação recorrente nos dizeres de alguns deles que diz respeito à desigualdade social no Brasil. Em termos de convergências nos processos enunciativos dos ETAs e dos veículos de divulgação dessas matérias, relembramos o trecho de Juliana que indicia o interdiscurso que atua no dizer dessa participante, o qual a faz representar o Brasil, em certos momentos, como um país com problemas de distribuição de renda. O dizer de Juliana reporta ao discurso jornalístico que apresenta a insatisfação dos brasileiros e as manifestações de 2014. Segundo Juliana, “*In the news, especially given the World Cup and the Olympics, it is also clear that there are many persisting inequities in Brazil that are causing a lot of tension*”. Lembramos que esse é um dizer já analisado nessa dissertação. Apresentamo-lo novamente para dialogarmos com os textos jornalístico e as respostas concedidas ao pesquisador.

Ainda na tentativa de investigar o interdiscurso que opere entre os dizeres dos ETAs, destacamos mais um trecho do mesmo texto jornalístico que estamos discutindo desde o início deste tópico, intercalando com dizeres de outro ETA. A seguir o trecho:

Trecho 7 - (...) *the fact that soccer officials even had to address the issue was a major embarrassment to Brazilian officials, who had fought so hard to land international events like the World Cup and the 2016 Olympic Games in order to showcase what a stable, democratic power their nation had become.*

*Now instead of being culmination of Brazil's rise, the events – and the enormous expense of hosting them – have become a rallying cry for the protesters to show how out of step their government's priorities are with what the people want and need.*⁵⁴

⁵⁴ Tradução: (...) o fato de as autoridades do futebol ainda terem de lidar com a questão era um grande constrangimento para as autoridades brasileiras, que lutaram duramente para sediar eventos internacionais como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de 2016, a fim de demonstrar o quão estável, o poder democrático da nação havia se tornado.

Basicamente, o trecho acima coaduna com o dizer em que Marcos fala sobre o Brasil e os eventos no país “*A country that is struggling to keep up with the international obligations, including mega-events and energy consumption*”. Nesse trecho, também já analisado no subtópico de análise dos dizeres dos ETAs, as condições de produção do dizer de Marcos propiciam efeitos de sentido que apontam para o desenvolvimento do país.

Apesar de o dizer de Juliana, que trouxemos nesse tópico, apresentar pontos de convergência com o texto jornalístico. O dizer de Marcos aponta outros sentidos pois, apesar de também falar que sediar grandes eventos é uma tentativa do país em cumprir com suas obrigações internacionais, ele silencia os problemas que receber esses eventos no país poderiam causar.

Poderíamos inferir que o dizer de Marcos está filiado a outros dizeres que antecederam textos jornalísticos como esses que analisamos, talvez dizeres sobre os eventos no Brasil que ainda só discursivizavam os aspectos positivos dos mesmos. Por sua vez, Juliana já é interpelada pelos novos sentidos dados ao acontecimento da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil diante das manifestações ocorridas nas ruas do país. Dizemos isso, pois, quando o texto jornalístico traz “*embarrassment to Brazilian officials*”, afirmando que as manifestações e a repercussão das mesmas é motivo de constrangimento para os oficiais brasileiros, o substantivo “*embarrassment*” contrapõe os adjetivos que ilustram a imagem que esses oficiais gostariam de difundir sobre o Brasil, ou seja, de um país “*stable, democratic*”. É interessante percebermos que caso não houvesse as manifestações no Brasil no ano de 2014, adjetivos como estável e democrático se sustentariam em um imaginário sobre o país. Entretanto, o dizer não se sustenta sem acontecimentos sociais que balizem um discurso sobre um objeto.

Os usos dos tempos verbais em inglês é algo que ilustra esse período de transição e expectativas que não foram conquistadas pelos oficiais brasileiros. Por exemplo, no trecho (...) *to Brazilian officials, who had fought so hard to land international events(...)*, o uso do *past perfect* “*had fought*” demonstra uma ação (lutar para sediar os eventos no Brasil) que aconteceu no passado antes de outra ação (movimentos contra a copa do mundo) ter ocorrido, sinalizando que a expectativa nem

Agora, ao invés de culminar com a ascensão do Brasil, os eventos – e o grande gasto para sediá-los – tornaram-se um grito de guerra para os manifestantes, mostrando que as prioridades de seu governo estão muito aquém do que as pessoas querem e precisam.

sempre coaduna com a realidade. Assim como a expectativa de Marcos de que promover os eventos no Brasil era algo bom para o país. Entretanto, percebemos as consequências disso na economia do país nesse ano de 2015.

Já no segundo trecho, destacamos um uso específico de tempo verbal (...) *have become a rallying cry for the protesters to show how out of step their government's priorities are with what the people want and need*. O *present perfect* composto por “*have become*”, neste trecho, produz o sentido de uma ação que começou no passado e que ainda está ocorrendo no presente momento em que a matéria é escrita. Além disso, é possível perceber o sentido de algo que aconteceu no passado e tem consequências importantes para o presente, ou seja, o uso do tempo verbal nesse caso demonstra que o intuito em se produzir sentidos prósperos para o Brasil com os eventos culmina na motivação de manifestar as insatisfações de um povo exausto de tanto uso indevido do erário público.

- **O entremeio do desenvolvimento**

Como já levantamos na hipótese deste trabalho, o Brasil parece estar, no momento de análise dos dizeres, em um período de suspensão, em que representações do país estável, diante do desenvolvimento que este tem apresentado nos últimos anos, coadunam com aspectos de país de incertezas econômicas. No texto jornalístico “*Brazil Raises \$9.1 billion in Privatizing 2 Airports*”⁵⁵⁵⁶ veiculada no *The New York Times* em novembro de 2013, podemos presenciar alguns trechos que ratificam essa hipótese, tais como:

Trecho 8 - “*The two airports are together responsible for 14 percent of air passenger traffic in Brazil. The money raised will be part of the overall government balance sheet and help bring down the budget deficit for this year.*”⁵⁷

⁵⁵ Disponível em: <http://dealbook.nytimes.com/2013/11/22/brazil-raises-9-1-billion-in-privatizing-2-airports/?module=Search&mabReward=relbias%3Ar%2C%7B%22%22%3A%22RI%3A16%22%7D&r=0>

⁵⁶ Tradução: O Brasil arrecadou US\$9,1 bilhões na privatização de dois aeroportos.

⁵⁷ Tradução: Os dois aeroportos são juntos responsáveis por 14% do tráfego de passageiros no Brasil. O dinheiro levantado irá fazer parte do balanço geral governamental e irá ajudar reduzir o déficit do orçamento desse ano.

O texto retrata o acordo do governo brasileiro com empresas privadas para a privatização de dois aeroportos do país, mas, já em 2013, aponta que o dinheiro arrecadado seria uma forma de diminuir o déficit orçamentário no mesmo ano. É interessante que o dizer do jornal diverge com o da própria presidente e aponta a posição-sujeito ocupada tanto pelo meio midiático quanto por Dilma Rousseff. Enquanto o jornal já fala em um déficit, eles mesmos trazem o dizer da presidente: *“This shows the immense interest that international investors have in Brazil”*⁵⁸. A divergência dos dizeres da presidente com o texto jornalístico demonstra as filiações ideológicas de cada um e a tomada de posição demandada pela presidente que se mostra aberta as políticas neoliberais, nas quais serviços de transporte que eram administrados pelo Estado passam a ser comandados por empresas estrangeiras.

O ato de privatizar algum serviço público no discurso político do Partido dos Trabalhadores nas décadas de 80, 90 e nos anos 2000 era algo ao qual o partido não se identificava e que não fazia parte da ideologia das ações políticas propostas pelos candidatos filiados ao PT. Tanto que em campanhas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, durante esse período, o candidato era contra as privatizações feitas pelos partidos de direita. Em uma das campanhas veiculadas na TV aberta no Brasil, no período em que Lula lutava por sua recandidatura (2006) a campanha dizia: “Vale do Rio Doce, Embratel, CSN e mais 79 empresas vendidas pelos tucanos no governo FHC. Eletropaulo, Comgás, CPFL: vendidas por Alckmin em São Paulo. É Lula de novo para eles não privatizarem mais nenhuma empresa do povo.”⁵⁹ Para muitos, isso não passava de massa de manobra para que o então presidente ganhasse as eleições, mas que na verdade Lula era a favor das privatizações. De acordo com o Ministério do planejamento as privatizações ocorridas no Brasil de 1990 à 2006 se deram da seguinte forma como consta na tabela a seguir:

⁵⁸ ⁵⁸ Tradução: Isso mostra o imenso interesse que os investidores internacionais têm pelo Brasil.

⁵⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B5xil1RYi2c>

EMPRESAS ESTATAIS FEDERAIS PRIVATIZADAS DESDE 1990

SIGLA	NOME DA EMPRESA	DATA DE EXCLUSÃO
CBEE	Comercializadora Brasileira de Energia Emergencial - Extinta pelo Decreto nº 5826/2006.	30.06.2006
BEC	Banco do Estado do Ceará S.A. e uma subsidiária (BEC-D TVM), adquirida pelo Bradesco.	21.12.2005
PAR	Petrobrás Argentina S.A. incorporada pela Petrobrás Energia S.A.	18.02.2005
EG3	Eg3 S.A. incorporada pela Petrobrás Energia S.A.	18.02.2005
BEM	Banco do Estado do Maranhão S.A. e três subsidiárias (BEM-SG, BEM-VTV, BEM-D TVM), adquirida pelo Bradesco.	10.02.2004
BEA	Banco do Estado do Amazonas S.A.	24.01.2002
BEG	Banco do Estado de Goiás S.A. e duas subsidiárias (BEG/D TVM e Sisplan)	04.12.2001
BANESPA	Banco do Estado de São Paulo S.A. e cinco subsidiárias	20.11.2000
DATAMEC	Datamec S.A. - Sistemas de Processamento de Dados	23.06.1999
GERASUL TELEBRÁS	Centrais Geradoras do Sul do Brasil S.A. 12 novas controladoras, abrangendo todas as empresas que compunham o Sistema TELEBRÁS (EMBRATEL, 27 empresas de telefonia fixa e 26 de telefonia celular)	15.09.1998 29.07.1998
MERIDIONAL	Banco Meridional do Brasil S.A. (e cinco subsidiárias)	04.12.1997
CVRD	Cia. Vale do Rio Doce (e 13 subsidiárias)	06.05.1997
LIGHT	Light Serviços de Eletricidade S.A.	21.05.1996
ESCELSA	Espírito Santo Centrais Elétricas S.A.	11.07.1995
EMBRAER	Empresa Bras. de Aeronáutica S.A.	07.12.1994
EAC	Embraer Aircraft Corporation	07.12.1994
EAI	Embraer Aviation International	07.12.1994
NEIVA	Indústria Aeronáutica Neiva S.A.	07.12.1994
CARAIBA	Mineração Caraíba Ltda.	28.07.1994
PQU	Petroquímica União S.A.	25.01.1994
AÇOMINAS	Aço Minas Gerais S.A.	10.09.1993
COSIPA	Cia. Siderúrgica Paulista	20.08.1993
ULTRAFÉRTIL	Ultrafértil S.A. Ind. e Com. de Fertilizantes	24.06.1993
CSN	Cia. Siderúrgica Nacional	02.04.1993
FEM	Fábrica de Estruturas Metálicas S.A.	02.04.1993
ACESITA	Cia. Aços Especiais Itabira	23.10.1992
ENERGÉTICA	Acesita Energética S.A.	23.10.1992
FASA	Forjas Acesita S.A.	23.10.1992
GOIASFÉRTIL	Goiás Fertilizantes S.A.	08.10.1992
FOSFÉRTIL	Fertilizantes Fosfatados S.A.	12.08.1992
CST	Cia. Siderúrgica de Tubarão	23.07.1992
CNA	Cia. Nacional de Alcalis	15.07.1992
ALCANORTE	Alcalis do Rio Grande do Norte	15.07.1992
COPEL	Cia. Petroquímica do Sul	15.05.1992
PETROFLEX	Petroflex Indústria e Comércio S.A.	10.04.1992
AFP	Aços Finos Piratini S.A.	14.02.1992
SNBP	Serviço de Navegação da Baía do Prata	14.01.1992
COSINOR	Cia. Siderúrgica do Nordeste	14.11.1991
COSINOR DIST.	DIST. Cosinor Distribuidora S.A.	14.11.1991
MAFERSA	Maferisa S.A.	11.11.1991
CELMA	Cia. Eletromecânica	01.11.1991
USIMINAS	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.	24.10.1991
USIMEC	Usinas Mecânica S.A.	24.10.1991

Fonte: Ministério do Planejamento/SE/DEST
01.09.2006

Verificamos que no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio há uma ocorrência de 6 privatizações e que nos mandatos dos presidentes Fernando Collor, Itamar Franco (sendo que Itamar ocupa o posto de Collor perante o *Impeachment*) e Fernando Henrique Cardoso houveram 38 privatizações. Ou seja, Lula se vale do discurso da não privatização na tentativa de recandidatar-se, mas já aponta uma pequena mobilidade em privatizar alguns serviços diante das demandas do neoliberalismo. Dessa

forma, nos anos 2000 um discurso neoliberal moderado é apropriado pelo PT, visto que o discurso de esquerda radical não tinha força e não levaria o PT ao governo, pois no Brasil sofremos com o financiamento de campanhas eleitorais por empresas privadas. Essa postura perpetua no governo Dilma que, ao ser questionada sobre a privatização dos aeroportos, se vale do discurso econômico para camuflar a contradição entre o dizer de seu partido e sua postura. *“This shows the immense interest that international investors have in Brazil”*⁶⁰, para Dilma Rousseff, em seu dizer, não se trata mais de uma questão de repasse do serviço público, mas de que o Brasil tem uma visibilidade internacional que atrai investimentos. O uso do adjetivo *“immense”*, acrescido do substantivo *“interest”*, pela presidente, estabiliza um cenário econômico internacional de nosso país. Caso o dizer de Dilma, que aparece na reportagem, viesse acompanhado de um adjetivo+substantivo no comparativo, como *“bigger interest”*, ou por um adjetivo+substantivo como *“more interest”*, poderíamos pensar em um movimento como viemos tratando nessa dissertação, em um antes e depois. A ausência de temporalidade ao usar apenas o adjetivo *immense* sinaliza qual representação de Brasil a presidente tenta reforçar, um sinal de estabilidade, uma constante que diz respeito aos interesses internacionais no país. Voltando à questão do entremeio do desenvolvimento brasileiro, onde se especula um crescimento que o pudesse levar o país a um *status* de desenvolvido, trazemos no mesmo texto jornalístico a voz de um acadêmico, o qual opina sobre o período econômico que o país tem passado. Portanto, destacamos o trecho do professor Adriano Pires da UFRJ que é questionado sobre as privatizações dos aeroportos pelo *The New York Times*.

Trecho 9 - “Adriano Pires, director of the Brazilian Center for Infrastructure and a professor at the Federal University of Rio de Janeiro, cautioned that the auction’s numbers were not quite as impressive as they appeared. (...) But even with all these flaws, Brazil is definitely better off today than it was yesterday” (...) He called the auction proof that private capital is interested in investing in Brazilian infrastructure, which after years of underinvestment is holding back growth.”⁶¹

⁶⁰ Tradução: Isso mostra o imenso interesse que os investidores internacionais têm pelo Brasil

⁶¹ Tradução: Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infra-estrutura e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, advertiu que os números do leilão não eram tão impressionantes como pareciam. (...) Mas, mesmo com todas as falhas, o Brasil é definitivamente melhor hoje do que era ontem (...) Ele diz que o leilão prova que o capital privado está interessado em investir em infraestrutura brasileira, que os anos de subinvestimento está atrasando o crescimento.

Tendo o dizer como referência, detectamos um antes e depois, os quais suscitam que o ato que outrora era visto como privatizações que entregavam ao capital estrangeiro as empresas brasileiras a preços baixos, hoje se configura em formas de investimento benéficas ao país. Até que ponto isso seja verdadeiro em termos econômicos e sociais não sabemos e esse não é o intuito desse trabalho, porém nos atentamos para esse caráter progressista que algumas privatizações tomam nos governos de Lula e Dilma e que refletem nos dizeres de meios midiáticos como o analisado nesse tópico, assim como no próprio dizer do acadêmico, ou seja, as políticas neoliberais solidificam representações de um país aberto ao capital estrangeiro e a uma economia globalizada.

Percebam que, para o professor, os números da ação de privatização não são tão expressivos, mas que o Brasil demonstra um cenário atual melhor que o do passado, *“Brazil is definitely better off today than it was yesterday”*. Adriano Pires faz algumas escolhas lexicais interessantes nessa oração que reforçam a questão da temporalidade de um Brasil de antes e um Brasil de hoje. O uso do advérbio de intensidade *“definitely”* enfatiza esse aspecto de crescimento que o professor tenta transparecer com o uso do adjetivo *“better”* e os advérbios *today* e *yesterday*.

Além disso, elucidamos a escolha lexical feita pelo professor na última oração do excerto em que diz: *“private capital is interested in investing in...”*. O uso do verbo investir desloca todo o sentido que outrora era usado pelo Partido dos Trabalhadores contra as ações de privatização, e reforça o dizer de Dilma e seu posicionamento discursivo neoliberal. Segundo o partido, em suas campanhas eleitorais passadas, as privatizações não se caracterizavam por investimentos, mas sim por atos exploratórios de países considerados de “terceiro mundo” por países “desenvolvidos”⁶².

Ressaltamos que a postura exploratória de um país muitas vezes não reflete o pensamento da população que vive nesse país, mesmo que ela desfrute das coisas boas que uma política imperialista pode causar de negativo para outros povos. Defendemos essa ideia embasados no dizer do nosso participante de pesquisa Marcos que, quando perguntado sobre os aspectos positivos e negativos da cultura estadunidense, diz:

Trecho 10 - Pergunta: *In your opinion, what are the good and bad aspects of American culture?*

⁶² Utilizamos o termo “desenvolvido” entre aspas pois não concordamos com o que é estabelecido como um padrão de desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Good: personal responsibility, gender struggle for equality, punctuality, innovation, drive.

Bad: shouded racism, economic and cultural imperialism, self-aggrannndizing⁶³.

Para Marcos, o imperialismo cultural e econômico imposto pelos EUA são aspectos negativos de seu país. Entretanto, como um dos aspectos positivos ele aponta a inovação, o que evidencia como o dizer é contraditório e heterogêneo. Marcos aposta em um aspecto positivo dos EUA sem remeter essa inovação aos processos imperialistas do país. Percebemos até esse ponto que essas contradições são mais fáceis de serem reconhecidas nos dizeres dos nossos participantes do que nos meios midiáticos, pois não foi demandado deles uma produção linguística que obedecesse a uma coerência entre as ideologias e filiações discursivas como as que são demandadas em meios de comunicação. Entretanto, sabemos que ambos falham, e que sempre há algo que escapa no dizer.

Portanto, até aqui vemos que há uma discussão exploratória que não é levantada pelos ETAs, porém o texto jornalístico e os dizeres dos ETAs convergem, na medida em que abordam a representação de um momento melhor para o Brasil, ou seja, o diálogo entre as duas fontes para nossa análise existe o tempo todo, mesmo que indiretamente.

- **Povo receptivo em um país de assassinos**

Essa representação recorrente em um dos textos do *Huffington Post* vem contrapor uma representação que já trouxemos no subtópico com as representações de nossos participantes, em que seu imaginário é perpassado pela ideia do Brasil como um “País de estilo de vida festeiro, vivo e relaxado”, o que concomitantemente nos remete ao lugar pacífico. Entretanto, não é bem assim que o portal *Huffington Post* discursiviza sobre o país nesse texto jornalístico que trazemos.

É evidente que todo país possui seus contrastes e não seria diferente com o Brasil, os discursos sobre a violência no país ainda são frequentes e refletem a realidade

⁶³ Tradução: Na sua opinião, quais são os aspectos bom e ruim da cultura dos EUA?

Bom: responsabilidade pessoal, luta pela igualdade de gênero, pontualidade, inovação, direção.

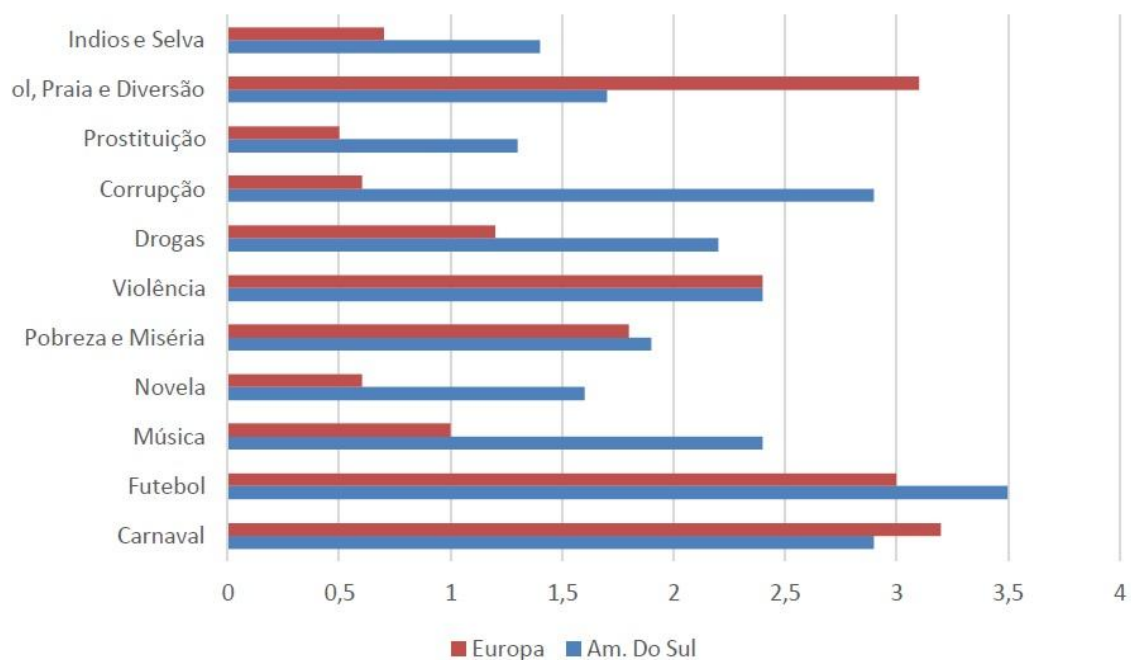
Ruim: racismo, imperialismo cultural e econômico, auto-engrandecimento.

que o brasileiro convive em seu dia-a-dia, fruto, dentre outros fatores, da grande disparidade social que enfrentamos. Mas será que é só isso?

De acordo com o texto jornalístico veiculado no *Huffington Post* em setembro de 2013, intitulada “*Brazil, 7th most violent Country in the world, had 1.1 million murders between 1980 and 2011*”⁶⁴, percebemos que o número de assassinatos no país pode ser considerado com estatísticas de mortes em guerras pelo mundo. Portanto, achamos importante desconstruirmos, via análise dos dizeres a seguir, essa dissociação entre os números da violência no Brasil com o próprio modo em que essa sociedade configura-se. Portanto mostraremos que os aspectos culturais e não apenas sociais interferem nesse grande número de assassinatos no país. Como já falamos um pouco sobre o mito do brasileiro pacífico, os excertos desse texto ratificarão que nem tudo são flores quando pensamos que vivemos em uma sociedade dita tolerante.

Um estudo desenvolvido por Telles (2012) revela algumas ideias recorrentes do Brasil no imaginário de estudantes em programas de intercâmbio no país. Entre 11 categorias de elementos que são associados ao Brasil por estudantes do continente Europeu e Africano, a violência ocupa o quinto lugar como um dos aspectos mais lembrados. Contrariando um pouco nossa pesquisa que tem como participantes estagiários estadunidenses, vemos que o futebol, carnaval, sol, praia, diversão, são os elementos mais recorrentes. Entretanto, ressaltamos que essa pesquisa de Telles é uma pesquisa que foi feita em caráter quantitativo, ou seja, as perguntas não deram brechas aos intercambistas apresentarem outros pontos. Os maiores estereótipos relacionados ao Brasil foram as opções dadas aos participantes e, dentre elas, os mesmos deveriam escolher os que mais os remetiam a sua imagem do Brasil. Portanto, os dados só nos são válidos para mostrar que a violência é algo recorrente no discurso estrangeiro sobre o Brasil. A seguir o gráfico aponta quais elementos brasileiros mais recorrentes no imaginário dos estrangeiros europeus e sul americanos:

⁶⁴ Tradução: O Brasil é o sétimo país mais violento do mundo, com 1,1 milhões de assassinatos entre 1980 e 2011.



Associação ao Brasil: América do Sul e Europa

Fonte: adaptado de TELLES, 2012, p.97 por CARAMONI, D.C. 2013

Pelos dados que são apresentados no gráfico e o que trazemos nessa dissertação, nos é estranho ver que a perpetuação da representação do carnaval e do futebol nos países da América Latina e Europa ainda seja tão recorrente, visto que nossos participantes de pesquisa e os textos jornalísticos estadunidenses já trazem uma nova perspectiva sobre o Brasil, o que, até certo ponto, sustenta nossa hipótese de um país com imagem em suspensão e em período de transição.

Entretanto, retornemos à representação da violência no país. Para tanto trazemos os excertos retirados do texto jornalístico:

Trecho 11 - *“More than one million people were murdered in Brazil between 1980 and 2011, making it the world’s **seventh most violent country** (...)”*

Trecho 12 - *“In 2011, Brazil, now home to 194 million people, recorded 51,19 homicides, ranked **seventh among the world’s most violent nations** (...)”.*

Trecho 13 *“The survey showed that violence in Brazil, once concentrated in major metropolitan areas such as São Paulo and Rio, has spread nationwide over the past*

10 years to the hinterland of most states, especially in the north, a trend that coincides with the expansion of new economic hubs.”⁶⁵

Por que chamamos esse tópico como um “povo receptivo em um país de assassinos”? Tratamos esse tópico dessa maneira porque, pelo que vemos como números a respeito dos assassinatos no país, há um reflexo de uma realidade do comportamento do brasileiro que vai além de seus problemas sociais. De certa forma há algo de cultural que perpassa essa cultura do brasileiro em matar. Discutimos essa questão por todo nosso capítulo de análise, que desconstrói a imaginária pacifidade do brasileiro. Não só pelos excertos acima, mas pelos excertos a seguir, veremos que há muitas contradições no Brasil que fazem com que a identidade nacional do brasileiro pacífico possa estar distorcida de sua própria realidade. Perseguiremos essa linha de problematização.

Vejamos que nos trechos 11 e 12 acima, o texto repete a colocação do Brasil no ranking mundial de violência. Por duas vezes o autor do texto jornalístico explicita que o país é considerado o sétimo país mais violento do mundo, “(...) *seventh most violent country* (...)” e “(...) *seventh among the world’s most violent nations* (...)”. Obviamente, ele considera apenas o número de assassinatos para dizer que o país é extremamente violento. Sabemos que outros fatores devam ser considerados em uma análise como essa. Para muitos brasileiros isso pode parecer um exagero, porém, na perspectiva brasileira acostumada com a violência há muitos anos, esses dados da violência se naturalizam. O que nos chama bastante atenção é o trecho de número 13, porque normalmente relacionamos os dados de violência aos problemas econômicos que as regiões possam apresentar. Entretanto, o texto enfatiza que a violência concentrava-se em grandes regiões metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro e que esses dados têm se espalhado país afora. De acordo com ele, a violência em outras regiões do país coincide com a expansão econômica de novos polos. “(...) *a trend that coincides with the expansion of new economic hubs.*”⁶⁶. Claro que consideramos que esse crescimento econômico, de certa maneira, ainda deve concentrar as riquezas, entretanto um impacto positivo na vida das

⁶⁵ Tradução: Trecho 11: Mais de um milhão de pessoas foram assassinadas no Brasil entre 1980 e 2011, fazendo-o um dos sete mais violentos do mundo (...)

Trecho 12: Em 2011, o Brasil, agora morada de 194 milhões de pessoas, registrou 51,19 homicídios, classificando-o entre as sete nações mais violentas do mundo (...).

Trecho 13: A pesquisa mostra que a violência no Brasil, inicialmente concentrada em grandes áreas metropolitanas como São Paulo e Rio, foi espalhada para o interior de todo o país ao longo dos 10 últimos anos, especialmente no norte, a tendência coincide com a expansão para polos econômicos.

⁶⁶ Tradução: É uma tendência que coincide com a expansão do crescimento de novos polos econômicos.

pessoas desse lugar deveria ser esperado. Então por que ainda há um grande número de assassinatos? Observemos o trecho a seguir:

Trecho 14 - (...) *And contrary to a popular belief in recent years, most murders in the country are not linked to organized crime and drug trafficking but are perpetrated for trivial or impulsive reasons (...)*⁶⁷

Vejam como as projeções imaginárias que os outros fazem dos brasileiros parecem distorcidas. Afinal, a maioria dos assassinatos ocorridos não estão ligados diretamente as causas que nos seriam mais comuns, como o crime organizado e tráfico. Muitos casos estão relacionados a situações triviais e razões impulsivas. Ou seja, quem é esse povo pacífico que mata a ponto de ocupar o sétimo lugar no ranking mundial de países como maior número de assassinatos no mundo? Sendo que esse sétimo lugar é enfatizado linguisticamente duas vezes no texto. Isso vai totalmente à contramão de alguns dizeres já analisados nessa pesquisa. Para tanto trazemos o dizer da nossa participante de pesquisa, Juliana, que diz “(...) *I was always so amazed by the warmth of any Brazilian person I met.*” É preciso contextualizar o dizer da participante. O uso do verbo “ser” no passado se refere à vivência de Juliana em uma cidade americana com muitos brasileiros quando era criança. Importante ressaltar que esse excerto da resposta foi anterior à sua vida ao Brasil. Portanto, mesmo diante de textos como os divulgados, o dizer de Juliana diverge no sentido de idealizar o brasileiro pacífico.

Portanto, até que ponto os problemas de violência no país estão apenas relacionados aos problemas econômicos e sociais? Acreditamos que possa haver uma cultura do brasileiro em ser agressivo e matar por motivos banais, assim como aponta o texto jornalístico.

- **Brasil, o país racista?**

A texto jornalístico a seguir, apresenta um aspecto supostamente positivo sobre as políticas afirmativas de inclusão da comunidade negra na sociedade brasileira, mas,

⁶⁷ Tradução: (...) e, ao contrário da crença popular de anos recentes, a maioria dos assassinatos no país não estão ligados ao crime organizado e ao tráfico de drogas, mas são perpetrados por razões triviais e impulsivas (...)

ao mesmo tempo, constata como a questão racial no país é ponto de tensão, conflitos e luta de poder. “*Brazil Enacts Affirmative Action Law for Universities*”⁶⁸, publicada em agosto de 2012 pelo *The New York Times*, aborda essa questão. O próprio título do texto jornalístico aponta um período de transição dentro das universidades brasileiras, pois o uso do verbo “enacts” (decreta), nos alude a políticas anteriormente não existentes e que surgem a partir da ação de decretar novas leis. Sendo assim, havia algo a ser melhorado e a se diferenciar das políticas e leis relacionadas a universidades no passado e que agora demandam leis de ações afirmativas. O que veremos a seguir com os excertos extraídos do texto são quais leis de ações afirmativas o texto jornalístico descreve.

- **TRECHO 15** *“The law, signed Wednesday by President Dilma Rousseff, seeks to reverse the racial and income inequality that has long characterized Brazil, a country with more people of African heritage than any nation outside of Africa. Despite strides over the last decade in lifting millions out of poverty, Brazil remains one of the world’s most unequal societies.”*⁶⁹

Diante do trecho 15, exposto acima, tentaremos extrair alguns efeitos de sentido que emergem a partir da materialidade linguística que nos é apresentada. Como podemos ver a lei assinada pela Presidente Dilma Rousseff é uma tentativa de reverter as desigualdades raciais e de renda no Brasil. Percebamos que infere-se essa desigualdade a partir da assinatura da lei, entretanto o autor não se preocupa em explicitar quais as razões para que esse fator caracterize a sociedade brasileira. Apesar da omissão das razões de o Brasil se configurar dessa maneira, o próprio uso dos substantivos “*income*” “*racial*” e “*inequality*” faz deles substantivos aos quais associam-se diretamente a desigualdade no país a uma questão racial. Não parece que esse tema esteja explícito no dizer, mas a sequência do parágrafo que afirma que o país é o que possui o maior número de origem africana fora da África pode produzir o efeito de sentido de que a desigualdade de renda está diretamente ligada à origem da população dentro do país. Além disso, ressaltamos a ênfase feita pelo autor em representar nosso

⁶⁸ Tradução: Brasil Decreta Lei de Ação Afirmativa para Universidades.

⁶⁹ Tradução: A lei, assinada na quarta pela presidente Dilma Rousseff, busca reverter as desigualdades racial e de renda características de longa data no Brasil, um país com mais pessoas de descendência africana do que qualquer outra nação fora da África. Apesar de avanços ao longo da última década na elevação de milhões para fora da pobreza, o Brasil continua a ser um dos mais desiguais do mundo.

país como desigual, pois ele faz uso não só do substantivo “*inequality*”, mas, também, ao concluir o parágrafo, ele retorna com o adjetivo “*inequal*” que traz uma bagagem semântica que se associa ao substantivo, ou seja, a escolha do léxico e seu deslocamento entre substantivos e adjetivos constroem o efeito de reforçar que há um conflito nesse país que transita no âmbito racial, econômico e social. Portanto, seria essa a representação recorrente das questões raciais em nosso país? Os estereótipos sobre a miscigenação no Brasil demonstram que a convivência entre pessoas de origem diferentes parecem bem pacíficas. Como o intuito de nosso trabalho é discutir a relação interdiscursiva entre os dizeres dos ETAs e os textos jornalísticos, trazemos dois dizeres que divergem do que o texto traz.

Juliana, em um momento de sua entrevista, afirma que: “*My idea of Brazil is similar to the perception of my friends and family – that it is a diverse country where race is fluid (almost all people are mixed in some way), beautiful landscapes are abundant, food is rich and delicious, and the people are warm and welcoming to foreigners.*”⁷⁰ Juliana trata da questão racial como fluída no Brasil, entretanto não problematiza o que isso significa para uma sociedade. A sequência de seu dizer traz elementos do Brasil adjetivados apenas de maneira positiva (*food rich, people warm, welcoming, etc*), o que indicia a subjetividade da participante, por ela expressar o valor que atribui a aspectos culturais. Essa sequência de adjetivos permite inferir que a questão da raça fluída no Brasil é também vista por ela como algo valorizado, talvez porque minimizaria os conflitos e as disparidades entre a população brasileira. O modo como se refere à questão racial no Brasil pode acenar para um estereótipo comum em relação à miscigenação no país, que é representada como sendo constituída por uma ilusória ausência de conflitos raciais. Tal representação diverge daquela construída pelo texto trazido do *The New York Times*, que justamente problematizará esses pontos de tensão da sociedade brasileira.

O trecho 16 reforça a questão das oportunidades educacionais que demonstram uma divisão de acesso à qualificação entre os que são considerados brancos e os considerados negros. Esclarecemos que nesse trecho há uma citação direta de um comentário de um brasileiro no texto jornalístico, na qual ele expressa sua opinião sobre a política de quotas nas universidades brasileiras.

⁷⁰ Tradução: Minha ideia de Brasil é similar à percepção de meus amigos e família – de que é um país diverso, em que a raça é fluída (a maior parte das pessoas são miscigenadas de certa forma), belas paisagens são abundantes, a comida é rica e deliciosa e as pessoas são calorosas e acolhedoras com estrangeiros.

- **TRECHO 16** *“As in the United States, affirmative action has stirred controversy and opposition here, even at some of the state universities that are exempt from the new law and have their own programs to admit underprivileged students. Critics contend that enforcing expansive quotas will undercut the quality of Brazil’s public university system, given the nation’s relatively weak public elementary and secondary schools. “you don’t create capable and creative people by decree,” said Leandro Tessler, institutional relations coordinator at the University of Campinas.”*⁷¹

O trecho 16 é o dizer do texto carregado de preconceito racial que perpassa a fala de vários brasileiros e que se manifesta de forma velada. A citação de um discurso direto, traz a voz de um representante valorizado, o coordenador de relações institucionais da Unicamp, e como essa voz, ao mesmo tempo, reforça a ideia principal defendida neste trecho – do conflito e controvérsia - e produz os efeitos de sentido em direção a demonstrar uma certa incapacidade de algumas camadas sociais em lidar com as tentativas de diminuir as desigualdades do país.

O excerto destaca que as ações afirmativas são controversas tanto no Brasil e nos Estados Unidos. Os EUA já são conhecidos há muitos anos como um país com grandes problemas raciais e lutas mundialmente conhecidas contra o preconceito por conta da cor da pele. Lutas representadas por Martin Luther King, ativista político e um dos maiores líderes dos direitos civis negros nos EUA, ou por outros representantes e movimentos que abordassem a temática. Dessa maneira, dizer que *“As in the United States, affirmative action has stirred controversy and opposition here”*, implica em inferir que o uso do determinante “as” (como) acaba por posicionar os dois países (Brasil e Estados Unidos) em situações semelhantes em relação a esses embates de raça. Entretanto o fato de uma parte dos brasileiros negarem essas questões é o que os diferenciam da sociedade estadunidense, a qual reconhece, principalmente por parte dos próprios negros, um espaço de discriminação. Portanto, aquele local de calma racial que aparenta ser

⁷¹ Tradução: "Como nos Estados Unidos, as ações afirmativas geraram polêmica e oposição aqui, mesmo em algumas das universidades estaduais que estão isentos da nova lei e têm os seus próprios programas para admitir estudantes carentes. Os críticos argumentam que impor quotas expansivas vai minar a qualidade do sistema de universidades públicas do Brasil, dadas as escolas elementares e secundárias públicas relativamente fracas do país. "Você não cria pessoas capazes e criativas por decreto", disse Leandro Tessler, coordenador de relações institucionais da Universidade de Campinas."

simbolizado na fala da nossa participante de pesquisa Juliana, nos parece de fato bem ilusório sendo que as produções nos textos jornalísticos elucidam efeitos de sentido em uma linha contrária por meio de seus dizeres.

Em um texto jornalístico veiculada no *Huffington Post* no ano de 2013, o assunto segregação racial também é abordado, apesar do título demonstrar aspectos bons sobre o Brasil, o conteúdo tem muito a colaborar com o que já discutimos até então sobre a denegação do brasileiro em relação ao racismo no país e fatos que elucidam a segregação no país. Com o título “*Race in Brazil: Majority-Minority Nation Offers Lesson to U.S.*” diz que:

TRECHO 17 *“Many Brazilians cast their country as racial democracy where people of different groups long have intermarried, resulting in a large mixed-race population. But you need only turn on the TV, open the newspaper or stroll down the street to see clear evidence of segregation. In Brazil, whites are at the top of the social pyramid, dominating professions of wealth, prestige and power. Dark-skinned people are at the bottom of the heap, left to clean up after others and take care of their children and the elderly.”*⁷²

Diferentemente do primeiro texto jornalístico analisado, em que a própria análise da pesquisa é que problematiza a ilusória tolerância racial do país, nessa é o próprio texto que já questiona o fato do Brasil ser uma democracia racial. O uso do “*but*” entre as duas orações contrasta a primeira ideia de que muitos brasileiros consideram o país essa democracia em que pessoas de diferentes grupos raciais casam entre si, com a ideia de que basta ligar a televisão, abrir o jornal ou andar pelas ruas para notar a segregação existente no país. Apesar de nesse ponto sobre a questão racial no país termos trazidos dois textos diferentes podemos interpretar que os dizeres são heterogêneos e há uma interdiscursividade que opera entre os dois. Enquanto um traz a perspectiva da questão do acesso educacional dos negros ser mais difícil, o outro elucida como se caracteriza em

⁷² Tradução: Muitos brasileiros moldam seu país como uma democracia racial onde as pessoas de diferentes grupos têm, a tempos, casamentos inter-raciais, resultando em grande população inter-racial. Mas basta que você ligue a TV, abra o jornal ou passeie pelas ruas para ver a clara evidência de segregação.

No Brasil, os brancos estão no topo da pirâmide social, dominam profissões de riqueza, prestígio e poder. Pessoas de pele escura estão no fundo do poço, deixadas para funções de limpeza e cuidar crianças e idosos.

sua grande maioria a divisão social dos brasileiros e suas posições de destaque, fruto da desigualdade de oportunidades educacionais em muitos casos.

Portanto, consideramos que o imaginário que move a ideia de raça que os ETAs possuem de Brasil não parte da mídia estadunidense que, como vimos, em dois veículos diferentes problematiza o preconceito racial no país. Dessa forma, quando Marcos é perguntado sobre o que ele ouve sobre o Brasil nos Estados Unidos e ele diz que: “*I hear that is a post-racial society*”⁷³, sendo que adjetivar o país como pós-racial é dar a entender que os conflitos de raça são algo superado no país é ir diretamente contra o que é divulgado nos EUA sobre o Brasil. Nesse ponto, associamos essa representação do participante à mesma imagem de pacificidade do brasileiro, a qual já discutimos. O dizer cola-se à representação de país com povo tolerante.

⁷³ Tradução: Ouço que é uma sociedade pós-racial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossa proposta de trabalho, desde o início desta dissertação, reservamos nossas considerações finais para elucidarmos as impressões sobre a pesquisa como um todo, expormos se nossa análise do *corpus* conseguiu responder em alguma medida nossas perguntas propostas desde o projeto de pesquisa. Além disso, tomarmos uma posição a respeito da hipótese que sustentou esses dois anos de amadurecimento teórico e crescimento como pesquisador.

Acreditamos que a AD nos deu suporte teórico necessário para desenvolvermos uma análise nos moldes como havia sido planejada e que a perspectiva teórica é a que mais se alinhou com as ideias linguísticas em que enxergamos o sujeito e o uso que o mesmo faz da linguagem de forma peculiar. Considerarmos que o sujeito não é origem do seu dizer e que na verdade ele é submetido a uma cadeia discursiva que o possibilita enunciar da forma que enuncia é o que balizou nossa análise. Do contrário, não seria possível trabalhar com conceitos como FD, FI, interdiscurso, memória discursiva, heterogeneidade enunciativa, etc. Essa visão teórica sobre a linguagem nos deu a possibilidade de articular os dizeres dos ETAs com os textos jornalísticos nos quais trabalhamos, tentando, como explicitado na introdução desse trabalho, elucidar alguns traços interdiscursivos de ambas as fontes que nos remetesse a representações de Brasil semelhantes ou distintas, ou seja, entre o que convergia e divergia nos processos enunciativos analisados.

Entendemos que ao finalizar essa pesquisa não podemos utilizar a palavra conclusão para expor nossas impressões. Afinal, sabemos que o que trouxemos aqui foram questionamentos que instigaram ou instigarão tanto ao leitor quanto aos próprios pesquisadores uma ideia que não se fecha. Porém, instiga o querer saber mais e buscar novas informações a respeito do assunto.

Portanto, será que nossa hipótese de imagem do Brasil nos EUA sobre suspensão se confirma diante de nossas análises? Lembrando que pela palavra suspensão, remetiamo-nos as incertezas vividas pelo país que afetaram a produção de discursos sobre o Brasil, os quais poderiam desestabilizar estereótipos antigos do país enquanto

que, poderiam também, discursivamente cristalizar novas representações de um país que nesse século passou por um crescimento econômico significativo no cenário global de desenvolvimento.

Um dos grandes desafios para nossa pesquisa foi o fato de termos iniciado no ano de 2014, ano em que o Brasil ainda sustentava uma posição de país com economia forte diante da crise econômica na Europa e nos EUA. Entretanto, no meio de nossa pesquisa, vimos os primeiros sinais de desestabilização dessa representação de um país estável no início do ano de 2015, quando a Presidente Dilma Rousseff assume seu segundo mandato. Provavelmente se tivéssemos trabalhado com textos jornalísticos do ano de 2015 e com ETAs que estivessem no país no mesmo ano, teríamos outras impressões sobre o Brasil e com certeza um deslocamento das representações que começavam a se consolidar de Brasil país economicamente forte.

Como nossa pesquisa trabalha com os textos divulgados na mídia estadunidense nos anos de 2012 e 2013, e com ETAs que estiveram no país no ano de 2014, vimos que em muitos momentos de análise, dizeres sobre uma economia forte, um país do futuro e crescimento repercutem tanto nos dizeres dos ETAs quanto nos textos jornalísticos. Tal fato sinaliza uma convergência dos dizeres e a operação de um possível movimento interdiscursivo que parte dos textos jornalísticos em direção aos ETAs. Essa observação responde uma de nossas perguntas de pesquisa, a qual consistia em justamente saber se havia um funcionamento discursivo que remetia a uma interdiscursividade do discurso jornalístico nas representações dos participantes da pesquisa.

Vimos que há muita coisa que é divulgada sobre o Brasil nos EUA e que muitas desses textos jornalístico falam de aspectos positivos do país, em alguns momentos colocando-o como modelo de país e de crescimento. Porém, ao mesmo tempo, vimos que ainda se mantêm algumas representações recorrentes do Brasil ao longo de muitos anos, como a questão da violência, da desigualdade social e de conflitos políticos.

Tanto nos dizeres dos ETAs quanto nos textos jornalísticos, no período analisado, sinaliza-se uma postura política crítica do brasileiro satisfatória, principalmente diante das manifestações ocorridas no ano de 2013. Este é mais um ponto que traz convergência nos dizeres analisados. Percebemos que o discurso é dinâmico e seus afetamentos são imensuráveis e podem acontecer de maneira muito rápida, de modo a repercutir nos dizeres de nossos participantes. Se acreditarmos que os participantes tenham lido os textos jornalístico veiculadas no *The New York Times* e *Huffington Post* no ano de 2013, grande parte deles foram interpelados pelos textos que

problematizaram as questões dos gastos indevidos do governo e a luta da população para que se atendessem áreas prioritárias de imediato.

Como acreditávamos, já em nosso projeto, haveria pontos de divergência entre os dizeres dos ETAs e os textos jornalísticos. Entre eles, um dos pontos que para nós ficou bem claro foi a questão da amistosidade do brasileiro e o ponto racial no país. Entre alguns textos que analisamos vimos os veículos de comunicação trazendo questões de violência e o número de assassinatos no país como algo preocupante, principalmente porque, em muitos casos, esses assassinatos não dizem respeito ao envolvimento com crimes e, sim, a hábitos dos brasileiros que matam por banalidades. Entretanto, no dizer dos ETAs, em muitos momentos, fica claro a empatia pela cultura e jeito do brasileiro amistososo e pacífico. Lembramos que isso são impressões deles anteriores a experiência no país. Dessa forma, acreditamos que a mesma interpelação sofrida pelo Discurso Econômico veiculado na mídia não é sofrida pelo Discurso da Violência por parte dos ETAs, afinal a memória invocada em seus dizeres é de um brasileiro hospitaleiro, povo de paz.

Além disso, alguns de nossos textos trazem questões de raça como ponto de tensão no país, sendo que em alguns dizeres dos ETAs, eles representam o Brasil como sendo uma sociedade “pós-racial”, que não vive conflitos semelhantes aos que existem nos EUA quando o assunto é raça e preconceito, algo que também diverge dos textos jornalísticos.

É inevitável dizer que vimos vários pontos de convergência entre os dizeres das duas fontes analisadas, o que nos faz reforçar a hipótese de que o discurso midiático exerce grande influência na formação de representações por parte das pessoas que acessam suas fontes. Entretanto, ressaltamos que, em nossa pesquisa, pudemos, através da heterogeneidade constitutiva do dizer dos ETAs, elencar momentos em que a singularidade do sujeito atua, em que as contradições advindas de formações discursivas diferentes aparecem no dizer e que, por não ter controle da linguagem, os participantes ficaram a mercê da emersão de dizeres outros, algumas vezes contraditórios. Esses aspectos foram mais fáceis de levantar nos dizeres dos ETAs do que nos textos jornalísticos, pois os veículos de comunicação demandam uma coerência ideológica na produção de seu material, de tal forma que esses deslizos ficam menos perceptíveis, mas não impossíveis de serem elencados.

Por fim, se nos remetermos ao nosso capítulo de análise e ao eixo de representações que levantamos perante o *corpus*, vemos que a representação de Brasil

parecia tendenciar para uma cristalização da imagem de país de economia estável. Entretanto, diante das incertezas do ano de 2015 não sabemos se isso se sustentará no exterior, o que nos faz pensar que o país estava no entremeio de uma representação em suspensão para uma cristalização e naturalização de uma ideia de Brasil quando, de repente, o país foi pego por uma crise econômica e política que novamente muda esse cenário, tanto dentro quanto fora do país.

6 REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva:** elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 11-80.

_____. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s).** Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: Cad. Est. Ling, Campinas, (19):25-42, jul/dez.1990

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. 2005. **Estereótipos y clichés.** Buenos Aires: Eudeba, 2005.

ANDERSON, Benedict. **As origens da consciência nacional. Comunidades imaginadas:** reflexões sobre origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo:Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Ana Cristina. **O Brasil e o Mito do Paraíso Terreal.** In: FÓRUM INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E CULTURA NO SUL DA BAHIA: os povos na formação do Brasil 500 anos. 19/abr/1999, Ilhéus e Porto Seguro – Bahia, 1999.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARAMORI, Daniel Campos. **Ferramentas de internacionalização: proposta de modelo de negócios para um curso de Português para Estrangeiros na Universidade de São Paulo,** campus Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1999.

CORACINI, Maria José. **Análise de Discurso:** Em busca de uma metodologia. 7. ed. São Paulo: Delta, 1991. 333-335 p.

_____. (Org.). **Identidade & Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Argos Editora Universitária, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua no discurso.**Organon:** discurso, língua e memória. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, v. 17n. 35, p. 189-200, 2003.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita M. Gerheim. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2.ed.Niterói; Juiz de Fora: EdUFF; UdUFJF, 2010.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004

_____, M. R. F. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: Roberto Leiser Baronas. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. pp. 155-168.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARDT, Michael & Antonio NEGRI. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1999.

JOBIM, José Luís. **Representações da identidade nacional e outras identidades**. Gragoatá. Niterói:EdUFF, v. 17, n. 1, p. 185-198, jul/dez. 1997. (DIG.)

LARROSA, Jorge. **“Tecnologias do eu e educação”**. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O mal-estar na subjetivação**. Trad. de Mario Flag, Francisco Settineri, Cristóvão Vero. Porto Alegre: CMC, 2010.

_____. **A perversão comum**: viver juntos sem outro.Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LIMA, C.S. **Heterogeneidade Discursiva: Modos da presença do outro**. In: Revista Linguagem. 6ª ed. São Carlos, SP: Ed. UFSC, 2009.

MARIANI, Betânia (1999). **O PCB e a imprensa.Campinas** /Rio de Janeiro: Ed. Da Unicamp / Revan.

MOITA LOPES, L.P. **Inglês e Globalização em uma epistemologia de fronteira**: Ideologia Linguística para tempos Híbridos. Rio de Janeiro. Ed: UFRJ, 2008.

_____. 2003. **A Nova Ordem Mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Inglês no Brasil**: a Base Intelectual para uma Ação Política.

In: Leila BARBARA & Rosinda RAMOS. Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MURRAY, Justin; **Estereótipos dos gringos**: O que realmente achamos do Brasil – Real life for English. Disponível em: <http://reallifebh.com/estereotipos-dos-gringos-o-que-nos-realmente-achamos-do-brasil>. Acesso em 15/12/2012

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso**: Algumas observações. São Paulo: Delta, 1986. 126 p

_____. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. 9. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010. 100 p.

_____. **A Natureza e os dados**. Campinas: Cad.est.ling. 47-57 p., 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória Tradução José H. Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. pp. 49-57.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio: tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 4ªed. – Cmpinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1983a). **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990. 68 p.

_____. **Discurso: Estrutura e acontecimento**. 3ª Ed. São Paulo: Pontes, 2006. 65 p.

_____. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1993.

POSSENTI, Sírio. **Perguntas em torno de quatro temas**. Cad. Est. Ling., 19, Campinas: /IEL/Unicamp, 9-115 p., 1990.

REVISTA GOL. São Paulo: n, 124, Julho.2012. Mensal.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional por subtração**. In: _____. Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (DIG.)

TAVARES, C.V.N. HENRIQUES, Adriano. **Representações de Brasil**: análise dos dizeres de estudantes intercambistas europeus e africanos. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

_____. **Migração, Mobilidade internacional, Representações de Língua Portuguesa:** Possíveis efeitos na subjetividade de estudantes intercambistas. In: Polifonia. Volume 22, Número 31. UFMT, 2015.

TELLES, A. C. V. C. **A Imagem internacional do Brasil no processo de escolha para realização de intercâmbio educacional.** 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

7 ANEXOS

7.1 Anexo 1

Questões propostas aos participantes antes de chegarem ao Brasil:

1. Why did you decide to come to Brazil?
2. Did you study portuguese before ? What was it like? How did you feel about it?
3. Have you ever had any contact with portuguese native speakers before ?
4. How does portuguese sound to you ?
5. Do you hear about Brazil? What do you hear about it in your country ?
Where does the idea of Brazil you have come from?
6. What do you hear about the portuguese language in your country ?
7. What do you hear about Brazilians in your country ?
8. What is your own idea of Brazil ?
9. What is your own idea of Brazilian people ?
10. What kind of mídia do you use to get information about the world, TV, internet, news, magazines, etc? How often do you use it ?
11. If you could describe Brazil using one adjective, what adjective would you use ? Why?
12. If you could describe Brazilians using one adjective, what adjective would you use? Why?
13. If you could describe Portuguese language using one adjective, what adjective would you use? Why?

7.2 Anexo 2

Questões propostas aos participantes semanas antes de voltarem ao seu país de origem:

1. What do you feel defines you as American?
2. If you have to choose a country to go on an exchange program, where would you seek information about the country? Give me some examples.
3. Which subjects do you prefer to read about in the media?
4. In your opinion, what are the good and bad aspects of American culture?
5. After living in Brazil, do you believe that Americans have privileges that other nationalities don't? What kind of privileges and why?
6. Has your experience in Brazil changed anything about the way you thought the country, Brazilians and the Portuguese language would be?
7. How have your perceptions about Brazil changed after living here?
8. How have your perceptions about Brazilians changed after living here?
9. How have your perceptions about Portuguese changed after living here?
10. Do you think that your experience in Brazil can change how you view American society? In which ways?